

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**CARLOS HEITOR CONY E RODOLFO WALSH:  
JORNALISMO E LITERATURA EM TEMPOS DE DITADURA**

**LAUREN MAIA PARANHOS**

PORTO ALEGRE

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS**  
**LITERÁRIOS APLICADOS: LITERATURA, ENSINO E ESCRITA CRIATIVA**

**CARLOS HEITOR CONY E RODOLFO WALSH:**  
**JORNALISMO E LITERATURA EM TEMPOS DE DITADURA**

**LAUREN MAIA PARANHOS**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. GÍNIA MARIA DE OLIVEIRA GOMES**

Dissertação de Mestrado em Estudos Literários Aplicados, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE  
2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Paranhos, Lauren Maia

Carlos Heitor Cony e Rodolfo Walsh: Jornalismo e  
Literatura em Tempos de Ditadura / Lauren Maia  
Paranhos. -- 2023.

100 f.

Orientadora: Gínia Maria de Oliveira Gomes.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Ditadura. 2. Literatura Brasileira. 3.  
Literatura Argentina. 4. Jornalismo. 5. Intelectuais.  
I. Gomes, Gínia Maria de Oliveira, orient. II.  
Título.

Lauren Maia Paranhos

CARLOS HEITOR CONY E RODOLFO WALSH:  
JORNALISMO E LITERATURA EM TEMPOS DE DITADURA

Dissertação de Mestrado em Estudos Literários Aplicados, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 9 de maio de 2023.

Resultado: Aprovação unânime com A.

BANCA EXAMINADORA:

---

Cristiane da Silva Alves  
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRGS)

---

Karina de Castilhos Lucena  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Luciana Paiva Coronel  
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

*A todos que têm a coragem de lutar por um mundo melhor  
e aos que morreram tentando.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos amados, Raíssa e Derick, que tiveram infinita paciência com os estudos da mamãe, afinal foram muitas horas menos de brincadeiras, jogos e filmes para que eu pudesse entregar esse trabalho.

Aos meus pais, Maria da Graça e Manoel, que me deram a oportunidade de estudar, crescer e ser feliz, fazendo minhas próprias escolhas. Pela ajuda com meus filhos e por acreditarem na filha do meio.

As minhas irmãs maravilhosas, Letícia e Loane, que perto e longe, estão sempre presentes na minha vida. Nossa amizade é uma bênção na minha vida. É uma honra ser irmã de vocês.

A José Luiz, pelas leituras, pelos livros, pelas escritas e pelo incentivo a qualquer hora do dia e da noite. Por todo teu amor e cuidado. Que possamos compartilhar muitos desafios ainda e seguir juntos sempre.

Às amigas, pelas revisões, traduções e pela paciência, pois foram muitas noites esperando para comemorar.

À Gínia, minha orientadora, pela oportunidade no Mestrado, pelas leituras e aprendizagens compartilhadas.

A UFRGS e a UBA, pelos ensinamentos ao longo de vários anos.

Aos professores, que marcaram minha vida e ajudaram a me formar como professora e como ser humano.

A todos que contribuíram para que esse trabalho deixasse de ser um desejo e se tornasse minha dissertação.

*Arrebatados por la fuerza, dejaron de tener presencia civil. ¿Quiénes exactamente los habían secuestrado? ¿Por qué? ¿Dónde estaban? No se tenía respuesta precisa a estos interrogantes: las autoridades no habían oído hablar de ellos, las cárceles no los tenían en sus celdas, la justicia los desconocía y los habeas corpus sólo tenían por contestación el silencio.*

(Secretaría de Derechos Humanos)

## RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar textos jornalísticos e literários do brasileiro Carlos Heitor Cony e do argentino Rodolfo Walsh, dois intelectuais latino-americanos que fizeram das palavras seu trabalho e sua luta. Os momentos históricos analisados são os períodos ditatoriais do Brasil, de 1964 a 1985, e da Argentina, de 1955 a 1958, a chamada *Revolución Libertadora*, de 1966 a 1973 e de 1976 a 1983. Essa escolha foi baseada na atuação de ambos os autores em 1964 e 1956 com seus livros, *O Ato e o Fato*, de Cony, e *Operación Masacre*, de Walsh, que marcam uma mudança de postura desses escritores com relação à importância política da literatura. Neles os autores assumiram um compromisso político diante da ditadura. Em um contexto em que desponta a figura do intelectual engajado na América Latina, ambos são pioneiros na denúncia contra os graves crimes cometidos por seus governos. Utilizaram, ao longo de suas vidas, o jornalismo e a literatura para defender as ideias nas quais acreditavam, como justiça e liberdade de pensamento. Eles viveram durante períodos de ditadura militar em seus países e expuseram opiniões e crimes cometidos. Importa compreender o papel intelectual que desempenharam e a importância que deram a si e a outros intelectuais durante períodos ditatoriais a partir de estudiosos como Claudia Gilman, Carlos Altamirano e Gonzalo Aguiar, que, entre outros, analisam a figura do intelectual latino-americano e sua importância política e literária. O intuito é examinar, nos textos, o tipo de intelectual que ambos construíram e qual posicionamento cobravam publicamente de seus pares. A partir da problematização entre jornalismo e literatura, examina-se como expressaram as tensões derivadas das práticas políticas vivenciadas em seus respectivos contextos históricos.

**Palavras-chave:** ditadura; literatura; jornalismo; intelectual.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze journalistic and literary texts by the Brazilian Carlos Heitor Cony and the Argentine Rodolfo Walsh, two Latin American intellectuals who made words their work and their struggle. The historical moments analyzed are the dictatorial periods of Brazil, from 1964 to 1985, and Argentina, from 1955 to 1958, the so-called *Revolución Libertadora*, from 1966 to 1973 and from 1976 to 1983. This choice was based on the performance of both authors in 1964 and 1956 with their books, *O Ato e o Fato*, by Cony, and *Operación Masacre*, by Walsh, which mark a change in the posture of these writers regarding the political importance of literature. In them, the authors assumed a political commitment in the face of the dictatorship. In a context in which the figure of the engaged intellectual emerged in Latin America, both were pioneers in denouncing the serious crimes committed by their governments. Throughout their lives, they used journalism and literature to defend the ideas they believed in, such as justice and freedom of thought. They lived during periods of military dictatorship in their countries and exposed opinions and crimes committed. It is important to understand the intellectual role they played and the importance they gave to themselves and other intellectuals during dictatorial periods from scholars such as Claudia Gilman, Carlos Altamirano and Gonzalo Aguiar, who, among others, analyze the figure of the Latin American intellectual and their political and literary importance. The aim is to examine, in the texts, the type of intellectual they both built and what position they publicly demanded from their peers. From the problematization between journalism and literature, it is examined how they expressed the tensions derived from the political practices experienced in their respective historical contexts.

**Keywords:** dictatorship; literature; journalism; intellectual.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 ESCRITAS DITATORIAIS NO BRASIL E NA ARGENTINA.....</b>	<b>12</b>
2.1 Contexto Latino-Americano.....	12
2.2 Ditadura Militar no Brasil e a relevância de <i>O Ato e o Fato</i> .....	19
2.3 Walsh e as Ditaduras na Argentina: do conto policial à escritura engajada.....	34
<b>3 O COMPROMISSO INTELECTUAL EM CARLOS HEITOR CONY E RODOLFO WALSH: DESAFIOS E CONSCIÊNCIA.....</b>	<b>49</b>
3.1 Cenário Intelectual Latino-Americano: novas perspectivas.....	49
3.2 Cony e a hora dos intelectuais.....	57
3.3 Walsh intelectualidade e luta armada.....	66
<b>4 WALSH E CONY: ESCRITORES, JORNALISTAS E INTELECTUAIS.....</b>	<b>77</b>
4.1 Cony e <i>O Ato e o Fato</i> .....	77
4.2 Walsh e <i>Operación Masacre</i> .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende aproximar dois escritores jornalistas que manifestaram posições contrárias aos governos de seus países durante os períodos de ditadura militar. Os regimes militares tiveram vigência em grande parte da América Latina a partir dos anos 1960. Nesse cenário de injustiças, dois autores mostraram com coragem e determinação o que estava acontecendo em seus países: o argentino Rodolfo Walsh (1927-1977) e o brasileiro Carlos Heitor Cony (1926-2018). Embora tenham sido contemporâneos, não há registros de que eles tenham se conhecido e nem de trabalhos comparativos de suas obras. Ainda assim, após a leitura de alguns de seus livros e de conhecer suas histórias, nota-se que existem pontos em comum entre elas.

O trabalho parte de duas obras que dão início à série de escritos de cada um dos autores envolvendo a ditadura nos seus países de origem. Do argentino Rodolfo Walsh foi selecionado o livro *Operación Masacre* (1957), que retrata o crime ocorrido em 9 de junho de 1956, nos “basurales” de León Suárez. De Carlos Heitor Cony, foi escolhido o livro de crônicas *O Ato e o Fato* (1964), que reúne textos lançados a partir do Golpe Civil-Militar no Brasil. Estes livros aparecem como divisores de águas nas suas trajetórias. Walsh escrevia contos policiais e contribuía com notas sobre literatura no jornal *Leoplán*. Cony era editor e cronista do jornal *Correio da Manhã* e havia publicado alguns romances com temáticas diversas.

O objetivo é estudar como eles lidaram com os momentos históricos e como isso é mostrado nos seus textos. Há uma busca por revisar suas histórias e seus escritos para fazer um estudo em que se notem suas ideias políticas.

É possível perceber que há pontos em comum na trajetória dos dois intelectuais, como o começo de suas carreiras na imprensa e sua inicial despreocupação com questões políticas. Também observa-se a mudança de comportamento pela qual passaram, a maneira como os autores encararam a repressão, a censura e a violência do governo, bem como o modo como isso afetou suas vidas.

Carlos Heitor Cony nasce no Rio de Janeiro em 1926. Inicia sua carreira sendo redator da rádio *Jornal do Brasil*, mas logo passa a colaborar com o jornal como contista, ensaísta e tradutor. Em 1955, escreve seu primeiro romance *O Ventre* que concorre ao Prêmio Manuel Antonio de Almeida. Apesar de os jurados o terem achado muito bom, ele não ganha o prêmio por considerarem a obra muito dura e com uma linguagem inadequada. Muito jovem, Cony já demonstra uma personalidade forte e indignada diante de injustiças. Frente à justificativa para não ter ganhado o prêmio, sente-se desafiado e escreve um novo romance que sai vencedor no

ano seguinte. Segundo entrevista do autor, o livro, *A verdade de cada um*, foi escrito em 9 dias. Em 1958, ele ganha novamente o prêmio com o livro *Tijolo de Segurança*.

Em 1960, começa a trabalhar no jornal *Correio da Manhã* e de 1963 a 1965 divide uma coluna no jornal *Folha de São Paulo* com Cecília Meirelles. Com o Golpe Civil-Militar no Brasil, começa a escrever suas crônicas com um posicionamento contrário ao regime imposto. Por isso, é preso diversas vezes até que acaba saindo do Brasil por um período. Quando regressa, passa a colaborar com a revista *Manchete* na qual trabalha por mais de 30 anos, contribuindo como repórter, colunista e editor. Segue publicando romances e passa a trabalhar como dramaturgo na Rede Manchete. Apesar de ser citado como um dos autores mais combativos com relação à ditadura, Cony se afasta da literatura comprometida, que marca o livro *O Ato e o Fato* e alguns textos posteriores.

Já Rodolfo Walsh nasce em Choele Choel, Província de Río Negro, Argentina, em 1927. Após trabalhar como editor, tradutor e auxiliar, inicia sua carreira literária com a publicação, em 1950, do conto “Las tres noches de Isaías Bloom” que recebe uma menção no *Primer Premio de Cuentos Policiales*. Sua antologia *Diez cuentos policiales argentinos* e seu primeiro livro, *Variaciones en Rojo*, são publicados em 1953, este último assinado com seu pseudônimo Daniel Hernández, que usará posteriormente em diversas ocasiões. Nos anos 1950, já era um autor reconhecido e considerado um especialista em contos policiais.

Em 1956, começa a investigação para a escrita de *Operación Masacre*. A partir desse momento, se dedica cada vez mais a buscar as histórias dos homens comuns. Com o lançamento das notas sobre os fuzilamentos de León Suárez, não abandona mais o compromisso político. Dessa mudança surgem os livros *¿Quién mató a Rosendo?* e *El Caso Satanowsky*. Paralelamente a isso segue escrevendo para as revistas e jornais na Argentina e em Cuba. Apesar de afastar-se em alguns momentos da literatura, acaba sempre voltando à escrita de contos até seu desaparecimento em 1977.

Apesar das tentativas de reunir seus escritos, muitas páginas foram roubadas por um *grupo de tareas* que invadiu sua casa em março de 1977. Outros papéis que estavam com o autor também desapareceram quando foi cercado e morto pela polícia. Parte do material foi resgatado por familiares e amigos de Walsh.

No livro *El violento oficio de escribir*, Daniel Link conta sobre um texto publicado em *Leoplán*, em 1957, no qual foi feita a seguinte pergunta a algumas pessoas: “Si le quedaran cinco minutos de vida, ¿qué haría usted?”. Walsh, possivelmente o autor da nota e um dos que respondem a essa pergunta, se identifica como “un autor de novelas policiales”. Ele, que poderia ter se identificado como escritor ou jornalista, opta por se diferenciar de Ignacio Covarrubias,

o jornalista, e de Borges, o escritor. Tanto essa identificação quanto sua resposta à pergunta mostram seu modo de encarar a vida com ironia:

Entre otras cosas, Borges contesta “observar cómo es el principio de la muerte, cómo la muerte se va apoderando de la vida hasta aniquilarla. Posiblemente, mi experimento resultaría tan vano como cuando, de niño, quería ver el momento en que uno pasa de la vigilia al sueño: siempre que estaba a punto de asistir al milagro, me quedaba dormido”. Walsh, que es el probable autor de esta nota un poco ridícula, contesta: “Testamento” (WALSH, 2021, p. 73).

Como pode ser observado, as trajetórias iniciais dos dois autores abordados nesse trabalho são bastante parecidas. Nota-se que, além de escritores jovens, eles eram também jornalistas e tinham percursos que se parecem quando se analisa que eles não demonstravam uma preocupação política direta em seus escritos, mas, a partir do Golpe Civil-Militar e do fuzilamento de 1956, passam a expor casos e opiniões, mesmo com risco as suas vidas.

O primeiro capítulo do trabalho traz o contexto histórico para situar aspectos relevantes que ajudam a entender a escrita dos autores. Inicia com as mudanças do cenário latino-americano, que tantas repercussões trouxe para o continente, com especial atenção à Revolução Cubana. Posteriormente são analisados os episódios que culminam nas ditaduras militares no Brasil e na Argentina e os textos de Cony e Walsh que refletem esse momento histórico e que mostram o posicionamento contrário aos regimes militares instaurados em seus países.

No segundo capítulo, analisa-se um dos pontos que aproxima os dois escritores: a importância que deram ao papel do intelectual e como eles demonstram a relevância deste durante períodos ditatoriais. Para isso são trabalhados principalmente os livros *El violento oficio de escribir* e *O Ato e o Fato* que contêm textos jornalísticos escritos respectivamente por Walsh e Cony. O objetivo é examinar nos textos o tipo de intelectual que ambos construíram e qual posicionamento cobravam de seus companheiros.

O cruzamento entre literatura e jornalismo e o modo como os escritores utilizaram diferentes linguagens para construir suas obras é o foco do terceiro capítulo. O estudo da vida e dos textos de Cony e Walsh admite uma análise dos conteúdos e da linguagem jornalística e literária, além de permitir uma intersecção entre elas. A pesquisa dessas características permite aproximar suas trajetórias e observar a noção de escritor-intelectual em um cenário de mudança histórica e de tomadas de decisão frente à luta armada. Por isso, é muito importante o cruzamento entre política, literatura e intelectualidade.

Partindo de *El violento oficio de escribir* e *O Ato e o Fato* é possível estudar esse debate entre o jornalismo e a literatura e como ele se manifesta nos textos de Cony e Walsh. A

linguagem jornalística utilizada e o conteúdo das crônicas permitem analisar os textos e buscar aproximações entre as trajetórias dos dois escritores. É possível perceber o fato de que serem jornalistas influenciou de maneira direta suas obras, principalmente quando analisamos que ambos começaram suas carreiras no jornal na década de 1950. Ao mesmo tempo, podemos ver que não há uma diferença determinante entre a literatura e o jornalismo, mas que são formas textuais que se complementam, pois ambas estão na essência do trabalho dos autores estudados. Como propõe Rafael Yanes Mesa (2006, p. 6): “la literatura tiene mucho de comunicación, y el periodismo también es subjetivo sobre la propia realidad”.

O livro *El violento oficio de escribir* reúne notas jornalísticas publicadas por Rodolfo Walsh entre os anos de 1953 e 1977, ano em que foi morto. O livro, editado por Daniel Link, percorre os textos de Walsh e sua relevância para este trabalho é a possibilidade de observar a trajetória jornalística do autor a partir da perspectiva dos próprios textos. Os escritos reunidos por Link em *Ese hombre y otros papeles* permitem acompanhar de perto as mudanças e pensamentos de Walsh, mas focando em textos mais pessoais. São apontamentos, relatos, entrevistas, cartas que aproximam o leitor da história mais íntima e pessoal do escritor. Como um grande diário com a marca e o estilo do autor. Conforme Link, este livro é a restituição dos temas e preocupações de Walsh.

Para o estudo, além das obras escolhidas, também são utilizados textos de outros autores que exemplificam e justificam as aproximações que proponho. Além disso, são analisadas algumas entrevistas dadas pelos autores, pois ajudam a entender melhor como conseguiram levar para seus textos uma parte de suas vidas na luta contra a ditadura. Através delas e de textos de amigos, familiares e companheiros de luta é possível estudar a conduta de cada um na vida pública e seus posicionamentos diante da questão do papel dos intelectuais, da ditadura à época e da importância da literatura.

## 2 ESCRITAS DITATORIAIS NO BRASIL E NA ARGENTINA

*La enormidad de lo acontecido, la transgresión a los fundamentos mismos de la especie, provocarán todavía aquel “¿será cierto?” con que algunos intentaban sustraerse del dolor y del espanto, pero también de la responsabilidad que nace del saber, del estar enterado, porque a ello sigue, inexorablemente, el preguntarse: ¿cómo evitar que pueda repetirse?*  
(Secretaría de Derechos Humanos)

### 2.1 Contexto Latino-Americano

Observa-se que, ao longo de períodos ditatoriais, houve diferentes tipos de vivências pela sociedade. Muitas pessoas passaram pelo período alheias, sem tomar conhecimento do que estava passando em seus países. Algumas pessoas estiveram na linha de frente, lutando diretamente com armas, como o fizeram os Guerrilheiros do Araguaia<sup>1</sup> no Brasil ou os Montoneros<sup>2</sup> na Argentina. Também houve pessoas que utilizaram a cultura em suas diversas formas, música, teatro, jornal e literatura, para marcar seu posicionamento contra o regime ditatorial. Existiram ainda os que atuaram a favor do regime dentro e fora da lei, prendendo, torturando e fazendo desaparecer.

Com a leitura de seus textos e com a análise de suas trajetórias pessoais, pode-se incluir Carlos Heitor Cony e Rodolfo Walsh entre os que se esforçaram para ir além de uma esfera intelectual e fazer a diferença em um mundo forçado a ocultar injustiças. Ambos viveram durante a instauração e vigência de períodos ditatoriais e manifestaram, por meio de seus escritos, sua inconformidade com esses regimes. Demonstraram suas ideias apesar das dificuldades impostas por esses regimes e lutaram com suas próprias armas contra os crimes cometidos.

Nos períodos ditatoriais pelos quais passaram os autores, cada um em seu país, apresenta-se um ponto que diferencia suas trajetórias. Carlos Heitor Cony se dedica ao campo literário e jornalístico e posteriormente também à dramaturgia. Seu envolvimento direto com a luta contra a ditadura estará presente nos primeiros anos do regime militar no Brasil. Pode-se

---

<sup>1</sup> Guerrilha rural formada por membros do PC do B que se instalou próximo a Marabá entre os estados do Pará e do Tocantins.

<sup>2</sup> Os *Montoneros* são uma organização da esquerda peronista que surge em 1970. Eles usavam a violência como instrumento político. Seu objetivo inicial era a volta de Perón ao poder para continuar com o processo de socialismo nacional.

comprovar isso, por meio de suas crônicas publicadas ao longo de 1964 e 1965 no jornal *Correio da Manhã*. Seus livros *O Ato e o Fato* (1964) e *Pessach: a travessia* (1967) estiveram no centro do debate político da época:

Cony, até então um cronista razoavelmente lírico e apolítico, tornou-se um sucesso nos arraiais progressistas ao partir para a crítica e para o panfleto. Mas Cony é basicamente um feroz individualista, avesso a qualquer arregimentação e capaz de captar com rapidez a ideia consensual para emitir, assim que possível, sua opinião divergente. Assim, o autor prosseguiu com as carreiras de ficcionista e jornalista combinadas à disposição crítica sempre aguerrida que já lhe garantiria prisão antes mesmo do AI-5, que só veio no final de 1968 (ARAÚJO, 2020, p.6).

Cony, confirmando o feroz individualismo citado por Araújo no trecho, não atuou, a partir de 1968, como “um quixote subdesenvolvido” (CONY, 1964, p. 13-14). Sua obra, apesar de permanecer sempre crítica, versa sobre a hipocrisia da sociedade, temática que já aparecia em seus livros antes das crônicas de 1964. A partir de sua saída do *Correio da Manhã*, em 1965, o autor praticamente parou de escrever sobre a ditadura. Seu desligamento do jornal deveu-se à publicação da crônica intitulada “Ato Institucional II” que ocasionou o cancelamento de um empréstimo que salvaria o jornal que passava por sérias dificuldades econômicas. Em entrevista à jornalista Raquel Carneiro, Cony (2014) explica o episódio:

O *Correio da Manhã* foi o único jornal que abertamente criticou o golpe. Era um jornal liberal, que até antes do golpe também criticava João Goulart. O governo militar então adotou a tática de pressionar os anunciantes para que eles não patrocinassem o jornal. Houve um dia em que tínhamos apenas um anúncio. Então, para sobreviver, a diretora Niomar Muniz Sodré conseguiu um empréstimo que salvaria o jornal com um banco americano. No dia que o acordo seria assinado, eu publiquei a crônica Ato Institucional II, em que inventei um ato. O texto começava assim: “A partir da publicação deste Ato, os Estados Unidos do Brasil passam a denominar-se Brasil dos Estados Unidos”. Bem, com isso o banco cancelou o empréstimo. Quando fiquei sabendo, pedi demissão. Então, comecei a adaptar clássicos e sobrevivi assim até ir para Cuba.

A partir desse momento, o autor deixa a linha de frente de combate à ditadura militar. Ainda escreve, em 1967, o livro *Pessach: a travessia*, que esboça os dilemas e desafios da esquerda armada, porém, é seu último livro diretamente relacionado à temática ditatorial brasileira. No mesmo ano, viaja a Cuba, para ser jurado do prêmio *Casa de las Américas*, mas sua visita ao país não lhe proporcionou uma posição revolucionária ou um engajamento à luta.

Já Rodolfo Walsh teve uma infância em internatos religiosos onde aprendeu, além do rigor autoritário das freiras e dos padres, o inglês com desenvoltura. Sua difícil experiência

escolar pode ser percebida na sua série sobre os irlandeses<sup>3</sup>. Aos 17 anos abandona os estudos para trabalhar na editora *Hachette* como tradutor e revisor. Seria o início de uma relação com a imprensa que duraria toda sua vida. Consegue terminar os estudos com 22 anos e resolve entrar para a faculdade de Letras. Começa a escrever e publicar contos policiais a partir dos anos 1950. Em 1953 um de seus textos é premiado pela *Emecé* em um concurso de contos. Entre os jurados estavam os autores Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. Como aficionado leitor de policiais, era natural que se dedicasse a escrevê-los:

Como lector, Walsh había tenido un entrenamiento privilegiado en cuentos, no solo por gusto sino por necesidad. Como traductor de policiales para la editorial Hachette y como lector minucioso de Borges (muy influido por él y por la colección El séptimo círculo), era casi inevitable que publicara cuentos del género. Pero es un poco menos fatal que escribiera *Variaciones en Rojo* (1953), un libro con tres novelas cortas ganador de un premio municipal, en donde aplicaba con tal rigor las reglas del relato-problema que hasta incluía planos del sitio donde se había producido el crimen (GANDOLFO, 2017, p. 59).

Além de se dedicar à literatura policial, começou a trabalhar nas revistas *Leoplán* e *Vea y Lea*. Em 1956, sua trajetória apresenta uma mudança significativa. A investigação para a escrita de *Operación Masacre* (1957) mostra a Walsh um mundo de impunidade e absurdo. “La historia me pareció cinematográfica, apta para todos los ejercicios de la incredulidad” (WALSH, 2001, p. 187). A preocupação com questões políticas e seu comprometimento vai se ampliando e tomando conta de sua vida. Ele passa por mudanças que o levam à clandestinidade e à luta armada. Vinculado ao sindicalismo de esquerda, sua voz se faz muito presente. Sua trajetória se encerra tragicamente, em 1977, quando foi cercado e sequestrado por um *grupo de tareas*<sup>4</sup> e nunca mais foi encontrado.

É fundamental para este trabalho considerar que os dois escritores viveram durante uma época extremamente conflituosa na América Latina. A Revolução Cubana na década de 1950 representou uma quebra na história: ela mostrou ao mundo que a Revolução era possível e que havia novos caminhos para os latino-americanos. Neste novo cenário, os intelectuais acreditaram que tinham a oportunidade de ser protagonistas. No entanto a “ameaça” socialista

<sup>3</sup> Andrés Tronquoy (2017) explica que a série dos irlandeses escrita por Rodolfo Walsh é composta pelos relatos: “Irlandeses detrás de un gato” (1965), “Los oficios terrestres (1967) e “Un oscuro día de justicia” (1968). Todos apresentam traços autobiográficos e mostram a violência do universo escolar (brigas pela aceitação, pertencimento a grupo e liderança).

<sup>4</sup> *Grupo de tareas* era o nome dado ao conjunto de indivíduos, que pertenciam a alguma das três forças, responsáveis pelo sequestro de pessoas durante a ditadura militar argentina. Segundo relatos da CONADEP, a metodologia utilizada era quase sempre a mesma: o grupo invadia a casa das vítimas, portando um volumoso arsenal de armas para amedrontar familiares e vizinhos. Às vezes a energia da zona era cortada e o trânsito interrompido. Inclusive granadas e bombas eram utilizadas. Tudo extremamente desproporcional à periculosidade das vítimas.

representada por Fidel Castro e seus revolucionários foi um dos fatores decisivos que conduziu a longos períodos de ditadura na maioria dos países do continente.

A Revolução Cubana começou a ser articulada em 1953 com o ataque ao Quartel de Moncada, cujo objetivo era derrotar o poder ditatorial de Fulgêncio Batista<sup>5</sup>, que havia dado um golpe de Estado em 1952. O ataque foi frustrado, muitos foram mortos e presos. A segunda tentativa é a que dá início à triunfante Revolução Cubana. O *Movimiento 26 de Julio*<sup>6</sup>, organizado pelos irmãos Fidel e Raúl Castro, desembarca com um grupo rebelde no sul da ilha em dezembro de 1956. Foram recebidos pelo exército com mais de 80 mil homens, o que levou os integrantes a se embrenharem na Sierra Maestra. Reorganizados, lograram tomar a ilha em 1º de janeiro de 1959, após a fuga de Fulgêncio Batista.

O alinhamento de Cuba com a União Soviética se deu por uma série de fatores como a nacionalização das refinarias norte-americanas e a restrição da compra de açúcar por parte dos EUA. Além disso, o país norte-americano financiou uma missão cujo objetivo era invadir a ilha e retomar o poder, na conhecida *Invasión de Bahía de Cochinos*<sup>7</sup>. Isso levou a tratados com a URSS e à posterior declaração de Cuba como comunista em 16 de abril de 1961. Como consequência o país passou a sofrer o embargo econômico liderado pelos EUA e houve sua exclusão da Organização dos Estados Americanos (OEA). Esses fatores estreitaram ainda mais os nós que ligavam o país ao regime soviético e a uma dependência da ajuda da União Soviética<sup>8</sup>.

Apesar das dificuldades encontradas, a Revolução Cubana inspirou outros movimentos revolucionários em todo o continente e fora dele. Além de inspiração, Cuba colaborou em conflitos na África, enviando soldados para lutarem contra o neocolonialismo e pelas independências dos jovens estados que surgiam no continente; na América, treinando guerrilheiros para a luta contra o capitalismo e contra o imperialismo estadunidense<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> Fulgencio Batista (1901-1973) foi um militar e político cubano. Tomou o poder em 1952 através de um golpe militar que durou até 1957. Após o golpe, fechou o congresso, suspendeu a constituição de 1940 e tornou ilegais todas as formações políticas.

<sup>6</sup> Grupo guiado pelo pensamento de José Martí. Queriam o fim da intervenção norte-americana em Cuba e o fim da ditadura.

<sup>7</sup> No episódio, um grupo paramilitar formado por exilados cubanos treinados pela CIA tentou, sem sucesso, derrotar Fidel Castro e tomar a ilha, em abril de 1961.

<sup>8</sup> Especialistas alegam que a frustrada operação de ataque por cubanos treinados pela CIA, demonstrou a vulnerabilidade da Revolução, por isso foi feita a escolha de alinhamento à União Soviética (PRADO, 2021, p. 155).

<sup>9</sup> O jornalista Ángel Bermúdez (2019) analisa a contribuição de Cuba para diversas intervenções militares na América Latina. Cita exemplos como o do Panamá, da Bolívia, da Nicarágua, entre outros. Muitas dessas intervenções não foram confirmadas pelo governo de Cuba.

Devido ao clima político deste período e com a entrada de Cuba no Bloco Socialista, começaram a ser instaurados nos países americanos as bases da Doutrina de Segurança Nacional que visava justamente a tentar controlar os agentes que pudessem mobilizar e criar as condições para mudanças como a que aconteceu em Cuba:

Centros de inteligência militar formados nessa época, em diferentes países, passaram a definir os contornos da chamada Doutrina de Segurança Nacional, voltadas a um novo tipo de inimigo – o inimigo interno, imiscuído na sociedade e propagador de “ideias subversivas”. Diante deste quadro, era necessário que as Forças Armadas redefinissem suas estratégias de atuação. O “novo profissionalismo”, como definiu Samuel Huntington, previa a ampliação de “seu campo de trabalho” para todas as esferas de alguma forma relacionadas à segurança interna, passando pela política, economia, cultura e ideologia. A “defesa nacional” começava a se confundir com a “política geral do Estado” (PRADO, 2021, p. 167-168).

Isso tudo acontece em uma época de intensa mobilização política na maioria dos países latino-americanos, como Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Equador, que envolve “sindicatos e partidos de esquerda, ligas camponesas, guerrilhas indígenas, movimentos estudantis etc.” (PRADO, 2021, p. 169). Deve-se observar que as décadas de 1940 e 1950 foram marcadas por governos populistas, com líderes carismáticos e preocupados em fazer reformas sociais que permitissem uma melhoria para as classes populares. Foi uma época em que estas estiveram mais presentes na política e passaram a lutar para exigir seus direitos tanto no campo como na cidade. Essas transformações foram aprofundadas na década de 1960.

Neste contexto em que se analisa a história da América Latina, é significativa a contribuição de Claudia Gilman no livro *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina* (2012). A autora traça os caminhos que levam os escritores e pensadores latino-americanos dos anos sessenta e setenta ao embate entre as palavras e as armas. Também propõe analisar o período como uma época e os países de modo geral e não individualizador como fizeram outros pesquisadores. Dentro desse contexto histórico, importante considerar como a América Latina passa a se constituir como uma ideia, partindo da mentalidade de “solidariedad tercermundista”. Esse conceito de identificação latino-americana não teve a intenção de negar ou apagar as fronteiras nacionais, mas de superá-las no plano cultural:

La noción de época parece un concepto heurístico adecuado para conceptualizar los años que van desde el fin de la década del cincuenta hasta mediados de la década del setenta, dados que los modos actuales de denominarlos, cristalizados según la periodicidad de los años terminados en cero, no constituyen marcos explicativos satisfactorios ni permiten entender la continuidad interna del bloque de los sesenta/setenta (GILMAN, 2012, p. 37).

Gilman (2012, p. 36) defende que o bloco dos sessenta/setenta<sup>10</sup> apresenta uma constituição histórica única na qual se encontra “una convergencia de coyunturas políticas, mandatos intelectuales, programas estéticos y expectativas sociales” marcada fortemente pela política e pela revolução. É nesse momento histórico que se consolida a emblemática figura de Che Guevara. A imagem do estudante de classe média que deixa tudo para se dedicar a ajudar os mais necessitados e que posteriormente começa a combater junto com revolucionários de norte a sul do continente lança a pergunta: de que vale a literatura em um período de repressão e injustiça? A questão sobre o compromisso da obra literária e do autor tem início a partir da politização dos intelectuais. Estes são desafiados a escolher entre a aparente passividade da literatura e a ação por meio da luta armada. Cony e Walsh enfrentam esse dilema e seus textos refletem seus posicionamentos, suas decisões e indecisões.

Neste capítulo pretende-se, a partir das ideias de Gilman, borrar as fronteiras entre Brasil e Argentina neste contexto histórico, sem perder as especificidades de cada país. O objetivo é analisar os fatores que os unem, como, por exemplo, o impulso de transformação do mundo que se tem em boa parte dos intelectuais neste período, pois se delineava um novo cenário de configuração da América Latina que passava a se ver como um bloco e os intelectuais como o fio que une todo este continente:

Como resultado de las innumerables coincidencias en torno a cuestiones estéticas e ideológicas, uno de los fenómenos más importantes del período fue la constitución de un campo intelectual latinoamericano, que atravesó las fronteras de la nacionalidad y que encontró en la Revolución Cubana un horizonte de aperturas y pertenencia (GILMAN, 2014, p. 102).

No período que estou considerando para este capítulo, pensando nas ditaduras que se instauram a partir da década de 1950, há fatores externos de crucial importância. Primeiramente, a Revolução Cubana e a instalação do regime socialista em Cuba, bem como suas repercussões em todo o território americano. A figura do revolucionário cubano, exemplificada principalmente nas imagens de Fidel Castro e Gue Guevara, vai permear o imaginário popular e fazer estremecer líderes no mundo todo. Com a revolução abriu-se a possibilidade de tomada

---

<sup>10</sup> Gilman (2012, p. 37-38) considera o período como uma época que vai de 1959 a 1973 ou 1976. Ela entende que este momento se caracteriza por uma convergência de fatores políticos, intelectuais, estéticos e sociais que mudam os parâmetros de análise histórica. “Lo cierto es que la distinción entre los sesenta y los setenta carece de sentido si pensamos en que todo el período es atravesado por una misma problemática: la valorización de la política y la expectativa revolucionaria”.

de poder pela população e de uma construção coletiva de governo. Neste cenário, apresenta-se o papel dos EUA em todo território americano principalmente após a 2ª Guerra Mundial.

A Revolução Cubana foi o primeiro grande golpe à hegemonia dos EUA na América e isso provocou uma reação dos norte-americanos que não queriam ver instalados novos regimes comunistas na região. Por isso, os EUA resolveram apoiar economicamente países e partidos com tendências de direita, inclusive tomando ações unilaterais, como fortalecer governos militares. Tudo isso com o objetivo de combater o comunismo:

Ainda durante o governo Eisenhower, iniciaram-se as *civic actions*, por meio das quais as forças militares passaram a fazer trabalhos de engenharia, transporte, saneamento etc. Eram estratégias conhecidas como “contrainsurgência” e se consolidaram no governo Kennedy, temeroso de que guerrilhas revolucionárias pipocassem na América Latina. Do mesmo modo, muitos militares latino-americanos foram treinados pelas Forças Armadas norte-americanas (FICO, 2014, p. 27).

Para ter um controle sobre a América Latina, John F. Kennedy (1961-1963), presidente norte-americano na época, criou estratégias como o *Peace Corps* e a Aliança para o Progresso. Enquanto o primeiro era um programa social, a Aliança para o Progresso era um programa de ajuda financeira de combate ao comunismo, mas o despreparo dos envolvidos, que não conheciam as regiões foco do programa, levou a muitos equívocos e muitas vezes eles acabavam sendo mera propaganda (FICO, 2014, p. 27). O programa *Peace Corps*, segundo site do *John F. Kennedy Presidential Library and Museum*<sup>11</sup>,

foi uma consequência da Guerra Fria. O presidente Kennedy apontou que a União Soviética "tinha centenas de homens e mulheres, cientistas, físicos, professores, engenheiros, médicos e enfermeiras... preparados para passar suas vidas no exterior a serviço do comunismo mundial". Os Estados Unidos não tinham esse programa e Kennedy queria envolver os americanos mais ativamente na causa da democracia global, paz, desenvolvimento e liberdade.

Obviamente a democracia e a paz tinham um caráter impositivo e todo esse projeto não era nada mais do que uma maneira de controlar a região. Destaca-se que toda essa movimentação acontece paralelamente à Guerra Fria. O historiador Carlos Fico (2014, p. 29) comenta que, neste quadro, “a decisão dos Estados Unidos de não aceitar ‘outra Cuba’ na América Latina tornou a região uma espécie de palco secundário da Guerra Fria”.

Com a morte de Kennedy em 1963, Lyndon B. Johnson mantém a mesma política doutrinária, cujo objetivo era impedir novas insurreições como a dos guerrilheiros de Cuba. Ele

---

<sup>11</sup> *Peace Corps*. Disponível em: <https://www.jfklibrary.org/learn/about-jfk/jfk-in-history/peace-corps>. Acesso em: 15 fev. 2023.

foi conhecido pela sua leniência com relação aos regimes militares através da chamada “Doutrina Mann”. De acordo com ela, os EUA não deveriam intervir diante de regimes militares na América Latina, mesmo que eles fossem autoritários.

É nesse contexto político de guerra fria, de intervenções norte-americanas, do “fantasma” do comunismo assombrando a direita, em que vivem os autores Carlos Heitor Cony e Rodolfo Walsh. Cada um em seu país, a partir de suas vivências, de suas viagens e de suas atuações na imprensa, se deparam com a violência dos regimes ditatoriais e refletem em seus textos suas experiências. Com senso crítico e linguagem apurada, os escritores e jornalistas tomarão decisões de enfrentamento ao governo que trazem consequências para suas vidas e de suas famílias.

Em suas trajetórias literárias e jornalísticas, os dois autores não começaram escrevendo sobre a ditadura, mas optaram por expor as ações truculentas e as injustiças. Por isso, as ditaduras marcaram as suas vidas de modo definitivo tanto pessoal quanto profissionalmente.

## **2.2 Ditadura Militar no Brasil e a relevância de *O Ato e o Fato***

No Brasil, por intermédio da “Operação *Brother Sam*”, os Estados Unidos apoiaram militarmente o golpe de 1964 e ajudaram financeiramente o governo de Humberto de Alencar Castello Branco, o primeiro militar a governar. Antes disso, patrocinaram governadores que estivessem em oposição ao governo de Jango. Os investimentos envolveram viagens de intercâmbio, ensino de inglês, exibição de filmes e a publicação de livros:

A campanha de desestabilização estendeu-se até as vésperas do golpe de 1964. No dia 20 de março, o United States Information Service (Usis) terminou um relatório planejando gastos de mais de US\$ 500 mil com atividades de propaganda em rádio, imprensa escrita e unidades móveis de exibição de filmes, entre outras. Contabilizando-se também os gastos com publicações de livros, ensino de inglês e propagandas de intercâmbio, chega-se ao valor de US\$ 2 milhões apenas para 1964 (FICO, 2014, p. 33).

Os EUA estiveram presentes nas campanhas de desestabilização do presidente João Goulart entre os anos 1961 e 1964 que contribuíram para sua derrubada. No entanto, “somente” o aporte financeiro e a massiva propaganda contra não foram suficientes para a queda do presidente já que ele contava com o apoio popular. Segundo Fico (2014, p. 31), “o golpe de 1964 decorreu da falta de votos das forças políticas contrárias a Goulart. Assim, o golpe seria o único caminho viável para a conquista do poder”. Por isso, pode-se concluir que a campanha

de enfraquecimento do governo e da pessoa de Jango e o próprio golpe são uma continuidade e um caminho para chegar ao poder.

Soma-se a essa participação externa o despreparo de João Goulart para assumir a presidência. Ele havia sido eleito como vice-presidente em duas ocasiões e só chegou ao poder depois que Jânio Quadros renunciou, em novembro de 1959, após menos de sete meses de governo. Durante seu curto mandato tentou agradar tanto a esquerda quanto a direita o que o levou a não ser apoiado por nenhum dos lados. Ele não contava com uma base de apoio e nem com um plano de governo, tomava decisões para mitigar as consequências da desordem financeira em que o Brasil estava, porém sem um equilíbrio entre política interna e externa. Entregou sua renúncia imaginando que, desta forma, conseguiria, por meio do apoio popular, obter mais poder para governar, contudo, sua decisão foi aceita e levou o país ao caos.

Luiz Octavio de Lima, em seu livro *Os Anos de Chumbo* (2020), analisa esse conturbado período da política brasileira e as consequências da renúncia. Em conversa com seu neto, Jânio comenta que a ação fora planejada para ser uma volta ao poder com mais liberdade de ação diante dos impasses gerados pelo Congresso e pelos outros partidos. Trinta anos após o acontecimento, esclareceu:

Escrevi a carta da renúncia no dia 19 de agosto e a entreguei ao ministro da Justiça, Oscar Pedrosa Horta. Pensei que os militares, os governadores e, principalmente o povo exigiriam que eu ficasse no poder. Jango era completamente inaceitável para a elite. Achei que seria impossível que ele assumisse, porque todos iriam implorar para que eu ficasse. [...] Renunciei no Dia do Soldado porque quis sensibilizar os militares e conseguir apoio das Forças Armadas. Era para ter se criado certo clima político. Imaginei que, em primeiro lugar, o povo iria às ruas, seguido pelos militares (LIMA, 2020, p. 29).

Como não houve nenhum tipo de mobilização e sua renúncia foi aceita, o vice-presidente, João Goulart, deveria assumir como estava claro na Constituição, apesar disso, os três ministros militares ficaram relutantes. “Seu próprio nome despertava velhos medos de que uma vez no poder ele promoveria uma forma extrema de ‘trabalhismo-nacionalismo’” (BETHEL, 2018, p. 436). Por isso, “a posse ficou em suspenso, diante da iniciativa de setores militares que viam nele a encarnação da República sindicalista e a brecha por onde os comunistas chegariam ao poder” (FAUSTO, 2010, p. 442).

A solução encontrada pelo Congresso e aceita por Jango foi mudar o sistema de governo que passou a ser parlamentarista. Com seus poderes diminuídos, ele pôde finalmente assumir a Presidência da República, mas já com vistas ao plebiscito que decidiria sobre o

sistema de governo. Dia 6 de janeiro de 1963, 64% dos brasileiros votou pela volta do presidencialismo e dia 23 de janeiro o presidente teve plenos poderes novamente.

A situação econômica do Brasil era bastante ruim e piorou com o passar do tempo<sup>12</sup>. O Plano Trienal proposto pelo Ministro Celso Furtado não deu os resultados esperados. No campo político, a instabilidade era grande e contava com o apoio dos militares principalmente diante das medidas do Presidente, como as tão aguardadas reformas de base. Por fim, a tentativa de Jango de decretar estado de sítio com o objetivo de contornar o Congresso que não aprovava os projetos enviados por ele, desagradou tanto a direita quanto a esquerda e precipitou o Golpe que já estava sendo forjado há anos no país.

O presidente acabou tomando uma decisão infeliz. Amparando-se em exposição de motivos encaminhada por seus ministros militares, solicitou ao Congresso Nacional, no dia 04 de outubro, a decretação do estado de sítio. Era algo despropositado, pois não havia a “comoção intestina grave” que a Constituição estabelecia como razão para o estado de sítio. [...] Três dias depois de enviar a solicitação ao Congresso, Jango a retirou, voltando atrás e desmoralizando-se (FICO, 2014, p. 41-42).

Sobre a ditadura militar brasileira, Carlos Fico (2014, p. 9) faz uma diferenciação entre o Golpe de 1964 e a Ditadura que se instaura depois. Muitos estudiosos defendem que se deveria chamar tanto o golpe quanto a ditadura de civil-militar, contudo, a participação da sociedade civil só se deu no Golpe e os civis que ajudaram a fazer a dita “Revolução” foram afastados tão logo o ato foi consumado. Por isso, sustenta que o Golpe deve ser designado de civil-militar, porém o regime deve ser chamado de militar. Sobre o tema, elucidada:

não é o apoio político que determina a natureza dos eventos da história, mas a efetiva participação dos agentes históricos em sua configuração. Nesse sentido, é correto designarmos o golpe de Estado de 1964 como civil-militar: além do apoio de boa parte da sociedade, ele foi efetivamente dado também por civis. Governadores, parlamentares, lideranças civis brasileiras – e até o governo dos Estados Unidos da América – foram conspiradores e deflagradores efetivos, tendo papel ativo como estrategistas. Entretanto, o regime subsequente foi eminentemente militar e muitos civis que deram o golpe foram afastados pelos militares justamente porque punham em risco o seu mando.

Fico ressalta que parte da sociedade civil segue apoiando a ditadura posteriormente, no entanto sem ter participação efetiva no governo. Importante recordar que muitos que apoiam e participam do golpe contra João Goulart depois se arrependem e passam a agir contra o

---

<sup>12</sup> A inflação cresceu nestes anos. Em 1960 era de 26,3%, passou a 33,3% em 1961 e em 1962 era de 54,8%. O PIB cresceu somente 1,5% em 1963 (FAUSTO, 2010).

governo ditatorial. Bons exemplos disso são Carlos Lacerda, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)<sup>13</sup>.

E o que leva ao Golpe civil-militar? Muitos fatores concomitantes foram decisivos para este evento. Jango tinha chances de reeleição e estava propondo mudanças. A sociedade apoiava as propostas como a reforma agrária. Grandes comícios foram marcados para mostrar que a população estava ao lado do governo. O primeiro dele, o “Comício da Central”, aconteceu no Rio de Janeiro na Praça da República, em frente à Estação Central do Brasil. “As bandeiras vermelhas que pediam a legalização do PC, as faixas que exigiam a reforma agrária etc. foram vistas pela televisão, causando arrepios nos meios conservadores” (FAUSTO, 2010, p. 459). Estiverem presentes cerca de 150 mil pessoas no ato.

Como resposta a esse apoio, foram organizadas pelos católicos ligados à Igreja conservadora as “Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade”. Foram várias e acontecerem em diversas cidades do Brasil. A maior delas ocorreu em São Paulo, no dia 19 de março, e reuniu cerca de 500 mil pessoas:

A igreja católica sempre teve grande poder de convocação e capilaridade, espalhando-se por todo o país. Desse modo, é possível detectarmos nas “Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade” um componente de manipulação e evidente propaganda anticomunista e contrária a Goulart. Mas o movimento ultrapassou esses limites e expressou um autêntico sentimento de insatisfação da classe média (FICO, 2014, p. 64).

O motivo alegado para o Golpe civil-militar de 31 de março de 1964 foi livrar o Brasil da corrupção e do comunismo. Inicialmente os golpistas declararam que haveria a restauração da democracia. No entanto, a posse de Castello Branco, o primeiro de cinco militares na presidência, e a edição do AI-1 mostrou que os militares tinham vindo para ficar. Como Cony (1964, p. 40) mostra logo em um de seus primeiros textos pós-golpe, o novo governo que se pintava pronto a devolver o poder ao povo, começou a mostrar sua cara ditatorial por meio da cassação de direitos e da repressão:

Perdoa-se a confusão, os equívocos, as precipitações das primeiras horas. Mas a confusão, os equívocos e as precipitações perduram ainda. O Ato Institucional – parece – institucionalizou a confusão, os equívocos e as precipitações. E estou sendo generoso ao não mencionar as perseguições e as vinganças que também se institucionalizaram nesta súbita e medieval caça às feiticeiras que estamos vivendo.

---

<sup>13</sup> Todos estes organismos se tornariam forte opositores do governo posteriormente (FICO, 2014, p. 7).

O AI-1, de 09 de abril de 1964, tirou poderes do Congresso, suspendeu imunidades parlamentares, cassou mandatos, retirou a estabilidade dos servidores públicos. Todas essas medidas tinham por objetivo perseguir adversários do regime e aumentar o poder do presidente. Era o início da repressão. Houve a instalação dos Inquéritos Policiais Militares (IPMs) e todos que ficassem contra o Estado poderiam ser presos e sofrer tortura.

Os estudantes foram um dos grupos mais perseguidos<sup>14</sup>. Além deles, o campo, principalmente as Ligas Camponesas, e os sindicatos foram especialmente visados pela repressão, pois mostravam um alto grau de consciência política e organização. Houve também a cassação de mandatos de governadores, como Miguel Arraes, de Pernambuco e Seixas Dória, de Sergipe:

Calcula-se, em números conservadores, que mais de 1400 pessoas foram afastadas da burocracia civil e em torno de 1200, das Forças Armadas. Eram especialmente visadas as pessoas que haviam se destacado em posições nacionalistas e de esquerda (FAUSTO, 2010, p. 467-468).

É desta época a criação do Serviço Nacional de Informações (SNI) idealizado e comandado por Golbery do Couto e Silva. Era o órgão responsável por coletar e analisar informações pertinentes à segurança nacional, à contrainformação e à informação sobre questões de subversão interna. Os membros tinham carta branca para atuar na investigação de qualquer pessoa da sociedade e prestar contas somente ao presidente da República que nesse período era Castello Branco, que governou de 1964 a 1967.

Carlos Heitor Cony faz uma análise de Castello Branco desde sua posse até seus primeiros meses de governo. Ao longo de seu livro, vai modificando seu posicionamento. Começa com esperança, passa à chamada de atenção e termina criticando duramente. A crônica de 16 de abril inicia dizendo que finalmente um presidente havia sido empossado, alguém que deveria assumir o país e dar-lhe um rumo. Sob o título “Um passo atrás na direção certa”, Cony (1964, p. 24) escreve um texto esperançoso:

Torcerei para que êle encontre o caminho. Um caminho áspero, mas necessário, por ser o único que interessa ao País. Já é hora de os vencedores darem um passo atrás na direção certa. Cabe ao presidente iniciar êste passo. O povo o completará.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> A UNE (União Nacional dos Estudantes) foi extinta, sua sede no Rio de Janeiro foi invadida e incendiada no dia 1º de abril. Houve também a invasão de universidades. Em junho de 1964, Castello Branco propõe a extinção das organizações estudantis com intuito de despolitizar as universidades. No entanto, Elio Gaspari (2002) vai apontar que o efeito foi contrário e levou o movimento gradativamente à clandestinidade e fez com que ele se unisse ao Partido Comunista e aos radicais, inclusive a sargentos e suboficiais expulsos das Forças Armadas.

<sup>15</sup> A edição utilizada para o trabalho é de 1964, por isso será respeitada a ortografia utilizada pelo autor que não

Por intermédio de eleição indireta pelo Congresso Nacional, estabelecida pelo AI-1, Castello Branco assume em 15 de abril de 1964, poucos dias após o golpe civil-militar. Cony (1964, p. 22) ironiza a figura do general: “é honrado, e, segundo alguns, é até inteligente. Nome simpático, provinciano, digno”; “Olhemos bem a sua cara – cara dura, honesta, sem floreios, feia, cara típica de um povo duro, honesto, sem floreios e feio” (CONY, 1964, p. 23). Sua escrita segue debochando, como vinha fazendo com os militares, e, ao mesmo tempo, cobrando um posicionamento. O autor acredita que esta figura poderia mudar os rumos da ditadura no Brasil:

O general Humberto de Alencar Castelo Branco assume a Presidência da República ao mesmo tempo em que assume uma inarredável posição ante a História. Até então, nunca tivemos tiranos. Tivemos ditadores, homens prepotentes, mas tirano – com tôda a carga de sangue que a palavra encerra – nunca tivemos (CONY, 1964, p. 23).

Logo após esta crônica, Cony publica outra também esperançosa na figura de Castello Branco. Nela ele se questiona se o presidente irá seguir tolerando o que chama de “molecagens” que poderiam comprometer “seu passado honrado, a sua figura honesta, as suas boas intenções, os seus altos propósitos” (CONY, 1964, p. 38). Apresenta-se nestes dois textos um Cony mais otimista, com uma perspectiva mais positiva, apesar de a esperança ser uma presença em seus textos; por exemplo, no que finaliza o livro *O Ato e o Fato*, escreve: “não queria terminar êste livro sem uma palavra de esperança” (CONY, 1964, p. 112). Comparando estes textos com outros sobre os militares, estes destoam, pois na maior parte das outras crônicas, o escritor é mais duro com as personagens históricas que analisa. O próprio Castello Branco é achacado em textos posteriores por sua conivência com as injustiças e pela estupidez.

Parece que Cony realmente tinha esperança de que Castello Branco fosse a salvação do Brasil. Depositou nele suas expectativas de que a quartelada tivesse seu fim, de que o Brasil tomasse novamente o caminho da democracia ou que, no mínimo, houvesse um pouco de civilidade na condução do país. Frustrou-se e frustraram-se todos que acreditaram que Castello Branco seria um civilizado em meio ao caos que se havia instaurado no Brasil.

Fico faz uma análise do governo de Castello Branco e ressalta que apesar de ser visto como um homem moderado e legalista, seu governo não o foi. Após ser eleito aceita que seu mandato seja estendido, apesar de ter se comprometido a manter as eleições de 1965. Também edita o primeiro Ato Institucional que previa a cassação de mandatos, suspensão de direitos e transferência de militares para a reserva. Em seguida, depois da vitória de governadores

---

corresponde à nova, em vigor.

oposicionistas em alguns estados (as eleições para governador tinham sido mantidas), edita o AI-2 que dissolve os partidos políticos e amplia os poderes do presidente.

Apesar da crença de que ele conseguiria manter o clima de legalidade, a atuação de Costa e Silva, seu Ministro da Guerra e sucessor, mingua qualquer esperança na volta da democracia. Isso pode ser visto na mudança de tom das crônicas de Cony, que começam, como já foi escrito, de modo animador e seguem com duras críticas à passividade do presidente:

De algum modo, a história do período pode ser vista como a trajetória dos integrantes da linha dura. Ascensão no governo Castelo, apogeu nos governos Costa Silva e Médici e queda durante os últimos governos militares, de Geisel e Figueiredo. O fato de Castelo Branco não tê-los impedido, ao contrário, ter-lhes concedido o AI-2 abriu o caminho para sua escalada. Eles foram o embrião das “comunidades de segurança e informações” que se formariam após a decretação do AI-5, responsáveis pelas maiores barbaridades cometidas pela ditadura militar (FICO, 2014, p. 119).

Cony (1964, p. 46) ressalta que Castello Branco descumpriu promessas feitas e o “Comando Militar, em seus escalões mais ordinários, continuam impondo à população civil os antolhos militares”. Denuncia ainda que “o próprio presidente da República, a essa altura, já não parece um líder da revolução, mas um robô da revolução” (CONY, 1964, p. 45).

Com a ligação direta dos Estados Unidos na ditadura militar brasileira, comprovada por meio de diversos documentos, o governo decide romper relações com Cuba. Sobre isso, Cony (1964, p. 67) escreve uma crônica em que critica a atitude que considera, junto com outras tomadas pelos militares, como moralizadoras, “chegamos ao rompimento por culpa exclusiva da bajulação de nossos generais e políticos ao poder econômico de um País imperialista”. Sua análise leva em consideração o papel de Cuba para os EUA e como a ilha é um problema para o capitalismo:

Não tenho dúvidas em considerar esta atitude como uma prova da sabujice nacional diante dos Estados Unidos. Fazemos o jôgo, não da parte sadia da grande Nação do Norte, mas de sua parte corrupta e retrógrada, de sua parte mais sanguinária e cruel. Todos sabemos que o problema cubano é, para os Estados Unidos, um elemento precioso para a manutenção e solidificação de um estado militarista (CONY, 1964, p. 67).

Em crônica posterior, de 21 de maio, chamada “Mera Coincidência”, o escritor escreve sobre a União Soviética e observa que, apesar da incessante propaganda contra o comunismo, aqui no Brasil, o regime militar comete as mesmas atrocidades do regime stalinista. Ele esclarece que não é necessário ir ao país das estepes para ver semelhante cenário acontecendo aqui:

“A pior coisa da Rússia, após a Revolução, é que não se sabe ao certo quem está mandando”. (Esclareço: a Revolução citada não é a nossa doméstica quartelada de 1º de abril).

“Não há tranquilidade no povo. Todos temem, de uma hora para outra, serem presos e interrogados pela Polícia ou pelo Exército Vermelho. O pior é que muitas vezes o cidadão é “convidado” a ir à Polícia para um mero depoimento, ou uma insignificante formalidade, e desaparece para o resto da vida. Nem a família, nem a própria Polícia conseguirão localizar o depoente” (CONY, 1964, p. 75).

Continua seu texto sobre a falta de alegria nas ruas, as delações, os expurgos. Fala de injustiça e de falta de liberdade. Cony usa a ironia para criticar “regimes de força” como os de Cuba, Espanha e Portugal em que a população é violentada e desrespeitada. Governantes que aqui e fora envergonham, mentem e são seguidos por um séquito de colaboradores que “usam e abusam do poder para oprimir o povo e para se locupletar de privilégios” (CONY, 1964, p. 77).

Cony dá ao povo um lugar de destaque em seus textos. É ele que sofre com os desmandos dos governantes, mas também será o que, no futuro, julgará todos os atos e fatos. Vai mais além e escreve que o povo não participou do “movimento armado de abril – ou março” (importante ressaltar que ele contrapõe o povo à classe média, esta sim diretamente ligada ao golpe) (CONY, 1964, p. 32). Estabelece que somente “os históricos estão satisfeitos com a atual situação” (CONY, 1964, p. 32), quanto ao povo, este deve andar para frente e não para trás como os caranguejos<sup>16</sup>.

Em 1967, assumem o General Artur da Costa e Silva e Pedro Aleixo que representavam a chamada linha-dura e os nacionalistas autoritários das Forças Armadas. A sucessão presidencial era decidida pelos militares e oficializada pelo Congresso. “Na aparência, de acordo com a legislação, era o Congresso que elegia o presidente da República, indicado pela Arena. Mas o Congresso, descontando os votos da oposição, apenas sacramentava a ordem vinda de cima” (FAUSTO, 2010, p. 475). Diferentemente do que ocorreu na Argentina, aqui no Brasil as sucessões presidenciais eram realizadas por voto no Congresso, mas o candidato era escolhido pelas Forças Armadas. Manteve-se assim uma falsa ideia de que havia eleição e partidos políticos. Com o AI-2 de 17 de outubro de 1965, todos os partidos foram extintos e em seu lugar surgiram duas organizações políticas: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) com partidários do governo e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) da oposição. O pluripartidarismo foi considerado um dos causadores da crise política do Brasil.

---

<sup>16</sup> Referência à crônica “Revolução dos Caranguejos” que será analisada posteriormente.

O governo de Costa e Silva durou de 1967 a 1969 e ficou marcado por melhorias na área econômica: controle de preços, recuperação industrial e expansão da construção civil. Era o início do “milagre econômico” que corresponde ao período de 1969 a 1973 durante os governos de Costa e Silva e Médici. Na realidade não houve nada de milagroso. Foram tomadas medidas extremas que, por um lado, melhoraram o PIB, mas à custa de arrocho salarial e penúria das classes economicamente menos favorecidas.

Todos esses fatores já eram suficientes para aumentar a repressão, no entanto, o discurso do deputado Márcio Moreira Alves, que incitava o boicote às comemorações do 07 de setembro, foi o estopim para a decretação do AI-5, em 13 de dezembro de 1968. Costa e Silva fechou o Congresso e passou a ter plenos poderes para intervir nos Estados, cassar mandatos e suspender direitos políticos. O *habeas corpus* deixou de ser um direito:

A partir do AI-5, o núcleo militar do poder concentrou-se na chamada comunidade de informações, isto é, naquelas figuras que estavam no comando dos órgãos de vigilância e repressão. Abriu-se um novo ciclo de cassação de mandatos, perda de direitos políticos e expurgos no funcionalismo, abrangendo muitos professores universitários. Estabeleceu-se na prática a censura aos meios de comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos de governo (FAUSTO, 2010, p. 480).

Neste período os grupos de luta armada começam suas primeiras manifestações. O ano dessa rearticulação da oposição começa em 1966, mas se organiza melhor em 1968. Estudantes, grupos ligados à Igreja, políticos e operários se mobilizam em todo país. Protestos e greves são reprimidos de maneira muito violenta. Houve a morte do estudante Edson Luís no Rio de Janeiro e as greves de Contagem, em Minas Gerais e Osasco, na Grande São Paulo são exemplos disso. Uma das respostas à violência foi a explosão de bombas e as expropriações (assaltos a bancos e outras repartições). Inspirados pelo exemplo da Revolução Cubana e pelas guerrilhas em outros países da América Latina, grupos de esquerda passaram a defender que somente por meio da luta armada seria possível acabar com o regime ditatorial.

Entre os grupos armados, encontram-se a Ação Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighella, o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), cujo principal dirigente era Mário Alves e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), em homenagem à morte de Che Guevara que aconteceu dia 8 de outubro de 67 na Bolívia. Entre as ações desses grupos estão o sequestro do embaixador norte-americano, o assalto ao trem pagador da Santos-Jundiaí e a colocação de uma bomba no consulado dos EUA em São Paulo.

Além dessas guerrilhas urbanas, houve uma guerrilha rural que se instalou na região do Bico do Papagaio às margens do rio Araguaia. Seu objetivo era se infiltrar entre os moradores para criar uma consciência que permitisse uma revolta popular que levaria à queda do regime. Para isso cerca de 70 guerrilheiros se instalaram na região em 1966 e começaram a ajudar com atendimento médico e sanitários os locais, além de trabalhar com a terra. Primeiramente não foi feita nenhuma intervenção política. Somente com o avanço dos militares na região foram fundados núcleos da União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo (ULDP) para ajudar a guerrilha e defender os interesses da população. Foram efetuadas pelo exército três campanhas militares com o objetivo de liquidar a guerrilha do Araguaia.

Todas essas guerrilhas sofreram muito com a repressão do governo. A maior parte de suas lideranças foi morta, como Marighella, morto em novembro de 1969 em uma emboscada comandada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury; Joaquim Câmara Ferreira, morto sob tortura também por Fleury; Mário Alves, morto em janeiro de 1970 devido a diversas torturas sofridas no Quartel da Polícia do Exército, no Rio de Janeiro. Cada um dos grupos da esquerda armada foi sendo atingido e reprimido com fúria. Um dos últimos que restou foi o foco da guerrilha no Araguaia, descoberto pelo Exército em 1972 e totalmente aniquilado em 1974<sup>17</sup>:

Os grupos armados urbanos, que a princípio deram a impressão de desestabilizar o regime com suas ações espetaculares, declinaram e praticamente desapareceram. Esse desfecho resultou em primeiro lugar da eficácia da repressão, que acabou com os ativistas da luta armada e seus simpatizantes – a chamada “rede de apoio”, constituída sobretudo de jovens profissionais. Outra razão para o declínio foi o fato de os grupos armados isolarem-se da massa da população, cuja atração por suas ações era mínima, para não dizer nenhuma (FAUSTO, 2010, p. 483).

Esse turbilhão de acontecimentos movimentou a vida do país e os intelectuais não ficaram imunes a ele. Cony é um exemplo disso, pois, apesar de, em um primeiro momento, apoiar a destituição de Jango, um dia após a “revolução” que destituiu o presidente da República, publica sua primeira crônica contra a movimentação dos militares no Rio de Janeiro. Nota-se a importância dos jornais por serem os veículos que faziam o registro diário dos acontecimentos políticos no momento em que ocorriam. Destaca-se, neste contexto, o jornal *Correio da Manhã* que, entre todos os jornais, foi o primeiro a se colocar contra o golpe justamente por meio de um texto de Carlos Heitor Cony.

---

<sup>17</sup> Para conhecer melhor a Guerrilha do Araguaia consultar os livros: *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha* (2005) de Taís Morais e Eumano Silva, e os romances: *Azul Corvo* (2010), de Adriana Lisboa; *Antes do Passado* (2012), Liniane Haag Brum; *Palavras Cruzadas* (2015), Guiomar de Grammont.

Em 31 de março de 1964, recuperando-se de uma cirurgia de apendicite em casa, Cony acompanha e apoia as movimentações para a destituição de João Goulart da presidência. Até este momento, o autor tinha escrito crônicas com acontecimentos corriqueiros do cotidiano, temáticas comuns às crônicas. Poucos textos demonstravam uma preocupação política. Mas dois fatores serão essenciais para a mudança de comportamento do autor. No dia 1º de abril, Cony (1964, p. 1) observa a “revolução” que acontece na rua onde ele vê “um heróico general, à paisana, comandar alguns rapazes naquilo que mais tarde o repórter da TV-Rio chamou de ‘gloriosa barricada’”, que nada mais era do que dois paralelepípedos empilhados para impedir os tanques de guerra. Diante dessa “estupefação” nasce o primeiro texto que ele esperava que fosse o único (CONY, 1964, p. XIX):

Eu era vizinho do Carlos Drummond de Andrade, que me visitou no dia que sai do hospital. No dia seguinte, 1º de abril de 1964, ele me chamou para ver a movimentação que estava acontecendo na rua. Desci, levamos um guarda-chuva, e assistimos à tomada do Forte de Copacabana. No mesmo dia eu tinha que escrever uma crônica para o Correio da Manhã. Então voltei para casa e, na época, eu não fazia textos políticos, apenas cenas de ruas, que é o comum da crônica. No entanto, eu tinha assistido a uma cena de rua e escrevi sobre ela. Os jornais ficaram receosos no início, mas depois vieram outras críticas. O texto teve uma grande repercussão pelo tom de gozação (CONY, 2014).

O segundo fator é o Manifesto dos Intelectuais, lançado como matéria paga dias após o golpe, em alguns jornais, “cujos signatários eram acusados de terem contribuído para a comunização do Brasil” (CONY, 1964, p. XIX). A partir destes dois momentos, o cronista se dedica a escrever vários textos, publicados de abril a junho de 1964 no jornal *Correio da Manhã*, que ironizam e criticam o novo regime. Cony (1964, p. XIX) percebe rapidamente que a proposta de “revolução” nada mais é do que uma encenação de salvação da pátria arquitetada pelos militares, empresários e apoiada pelas “senhoras de terço na mão”:

A frase “a revolução foi ganha por nós” era incompreensível, e os rosários brandidos pelas piadas senhoras tornavam a coisa mais incompreensível ainda. Dêsse pasmo, dessa estupefação nasceria a minha primeira crônica sobre política. Esperava que fôsse a única.

Mas logo depois saiu uma provocação odiosa em dois jornais do Rio: o manifesto dos intelectuais, cujos signatários eram acusados de terem contribuído para a comunização do Brasil. Meu nome figurava com muita honra nesse manifesto. Dêsse momento em diante não tive mais dúvidas sobre qual deveria ser minha atitude.

O livro contém trinta e sete crônicas de Cony que vão de 02 de abril a 09 de junho de 1964. Entre essas crônicas, há um comentário veiculado na primeira página do jornal em 16 de abril de 64 em resposta a ameaças sofridas pelo autor e um texto final de Cony chamado “Uma

palavra ainda”, não datado, escrito para terminar o livro com uma palavra de esperança. Também conta com um apêndice com três crônicas de Otto Maria Carpeaux, Edmundo Moniz e Márcio Moreira Alves que complementam as ideias do livro conforme explica o próprio autor no prefácio. No total, apresentam-se 44 textos que representam opiniões sobre esse período de início da ditadura militar no Brasil.

Dia 14 de abril de 1964, Cony publica no *Correio da Manhã* a crônica “Revolução de Caranguejos” em que é contundente ao dizer que a revolução<sup>18</sup> proposta pelo governo é de caranguejos, pois anda para trás, quer recuar em avanços, impor uma ordem baseada em regulamentos militares. Escreve que “a sensação que predomina no País é esta: um recuo humilhante” (CONY, 1964, p. 17). Cobra do governo um objetivo efetivo para o que ele chama de quartelada, porque “Até agora, essa chamada Revolução não disse a que veio” (CONY, 1964, p. 18). O que os militares propõem são medidas moralizadoras que satisfazem a uma parcela pequena da sociedade, a mesma que rezava de terço na mão no dia 1º de abril ou que fazia parte da Marcha da Família.

Como consequência da publicação da crônica “Revolução de Caranguejos”, as ameaças e pressões que Cony sofria aumentaram muito e ele teve que se esconder com a ajuda de amigos e colegas. “A pressão tornou-se maior ao longo da noite do dia 14, quando, de diferentes fontes, configurou-se uma iminente violência física ao seu lar e à sua pessoa” (CONY, 1964, 20). O jornalista foi ameaçado por telefone e teve seus empregados interrogados e sua casa foi cercada por homens armados. Segundo informações a estratégia de enfrentamento estava sendo articulada dentro do Ministério da Guerra<sup>19</sup>.

Destaca-se aqui a coragem do jornal *Correio da Manhã* que publica em primeira página um texto expondo a situação e defendendo o jornalista e ressaltando que estavam sob um regime no qual ainda se podia expressar uma opinião sem represálias. De certa forma, o texto já antecipa o que virá depois, isto é, a falta de liberdade de opinião que vigorou com mais força depois do AI-5.

Importante ressaltar que o autor critica Jango (antes e depois do golpe que o destituiu). As críticas de Cony não começaram com o Golpe, somente se intensificaram com a ditadura militar. Sempre foi muito rígido com a incompetência dos governos, com a hipocrisia da

---

<sup>18</sup> Cony em vários textos discute o termo “Revolução” usado pelos militares para definir o golpe e indica o texto de Edmundo Moniz “Golpe e Revolução” (que é colocado no apêndice de *O Ato e o Fato*) para argumentar sobre o termo. Nele Moniz (1964, p. 120) inicia dizendo que: “só se pode definir como revolução um movimento militar por impostura ou ignorância”.

<sup>19</sup> De acordo com a nota do texto “Ameaças e opinião” (CONY, 1964, p. 20), após Cony abrigar sua família em local seguro, “retornou à sua vida normal, esperando, sem armas e sem capangas, a ‘expedição punitiva’ que alguns militares mais jovens articulavam no próprio Ministério da Guerra”.

sociedade, principalmente, dos políticos e com a inocência (ou ignorância) da sociedade. Sobre Jango escreve que era inábil para comandar o país e traiu o povo que acreditava em suas propostas:

[...] também não poderia votar a favor do sr. João Goulart, homem completamente despreparado para qualquer cargo público, fraco, pusilânime, e, sobretudo, raiando os extensos limites do analfabetismo. Não votei nêle para vice-presidente, não votaria nêle para presidente. Mas não poderia deixar de reconhecer a legitimidade do seu mandato (CONY, 1964, p. 13).

Cony escreve que não acreditava na estrutura que estava em vigor no país, sob o comando de Jango, mas tampouco acreditava que os militares seriam melhores. Apesar de sua incompetência, Goulart fora eleito democraticamente e isso não poderia ter sido solapado. A saída proposta pelos militares não era melhor principalmente pelo fato de eles não apresentarem propostas concretas para o país e de usarem a bandeira do anticomunismo para (como bem escreve Cony) “justificarem a tirania” (CONY, 1964, p. 16).

Cony mostra o início da ditadura no Brasil e apresenta as arbitrariedades muito antes dos chamados anos de chumbo. Expunha o que estava acontecendo nas prisões tribunais e na sociedade. Como pode-se observar no texto “Missa de segundo mês”, de 31 de maio de 1964, o autor descreve sevícias pelas quais os presos estavam passando na época. O golpe civil-militar completara apenas 60 dias; o “novo” regime recém estava começando e Cony (1964, p. 96) escreve: “Todos os dias recebo apelos dramáticos sôbre a situação dos presos”. É importante mostrar que o autor se envolvia com essa situação, pois não importava que a queixa deveria ser feita a quem poderia tomar uma atitude concreta com relação a esses fatos tão abjetos. Ele se surpreende com a sua própria responsabilidade:

Mas me surpreendo covarde e mau. Sim, tenho alguma coisa com isso. Os presos estão pagando por todos os anseios que o povo brasileiro reclamava. Não importa que alguns dêles tenham sido extremados ou radicais. Tirante os desonestos e os ladrões – que formam a minoria insignificante – a maioria dos presos é gente honesta e idealista, que deu e está dando o melhor de suas vidas a um ideal. Ideal que um dia será o de todos. Ideal que um dia redimirá a Nação de seus erros ou descaminhos (CONY, 1964, p. 96).

Além das críticas à gestão militar, Cony foi um dos primeiros a denunciar as prisões e perseguições que aconteciam no país. No texto “A Herança”, do dia 07 de maio de 1964, há a denúncia de muitas pessoas que foram presas e que nem sabem por quê; elas foram desviadas de seu caminho sem motivo, sem serem interrogadas, sem mesmo serem denunciadas por algo. Houve inúmeras perdas de direitos e muitos mandatos cassados.

Do dia 1º de abril até ontem, foram prêsas milhares de pessoas. Não sabemos os nomes, as profissões e os pensamentos dessas pessoas. Sabemos apenas que estão prêsas em algum lugar – ou em qualquer lugar. Pelas cartas que nos chegam, pelas informações que sùbitamente colhemos numa entrelinha de noticiário, sabemos que a maioria dêsses presos nem sequer foi interrogada ainda. Estão presos há mais de 30 dias e nem sequer sabem por que estão presos (CONY, 1964, p. 51).

No livro de Cony, é possível encontrar as cartas e denúncias que leitores lhe enviam pedindo justiça. Em mais de uma oportunidade, o autor chama a atenção para a falta de julgamento durante o período. Segundo ele, essa foi “a pior facêta do 1º de abril: o ilegal e violento desrespeito à dignidade humana” (CONY, 1964, p. 40). Cita que, mesmo em Cuba, na França e na Rússia durante as revoluções os tribunais não foram abolidos, havia um direito de defesa ou de um processo. No entanto, todos esses mecanismos legais foram suprimidos aqui no Brasil.

Uma das cartas enviadas a Cony é tornada pública em crônica do dia 02 de junho de 1964. É de uma das filhas do vice-almirante Cândido da Costa Aragão. Nela Dilma Aragão pede um julgamento justo das ações de seu pai, pois, depois de 58 dias incomunicável, ele se encontrava em uma situação deplorável, com a saúde física e mental muito comprometida. Ele já havia tido a oportunidade em crônica anterior de chamar a atenção para a situação da família do vice-almirante Aragão, pois uma de suas filhas já tinha escrito para denunciar a prisão de seu irmão Dilson “rapaz pacato, bom filho, bom pai, prêso, sem mais nem menos, sob acusações vagas e irresponsáveis” (CONY, 1964, p. 84).

Era assim que, no Brasil, sob a bandeira do anticomunismo e do cristianismo estavam sendo presos cidadãos, que eram jogados em prisões, sem contato com a família, sem direito à defesa. Cony condena em suas crônicas e romances a hipocrisia que leva as pessoas a cometerem atrocidades em nome de Deus ou da justiça. Denuncia as condições abjetas a que estavam submetidas essas pessoas com ou sem motivo para estarem encarceradas. Em crônica posterior, ele comenta sobre o número de cartas com denúncias e pedidos de ajuda. São centenas de pessoas presas, desaparecidas, inalcançáveis a seus familiares e amigos, detidas em prisões arbitrárias, sem direito a *habeas corpus*. Pode-se observar isso na crônica “Os Anônimos” em que o autor escreve sobre “a onda de loucura e violência” que tomou conta do Brasil. Desse modo, ele procura dar visibilidade a estes anônimos que buscavam ajuda:

O volume de cartas, nestes últimos dias, é grande. Não posso responder a todos: fugiria das finalidades a que me impus, e, sobretudo, precisaria me transformar numa espécie de consultório cívico-sentimental-político. Mas há alguns problemas comuns

em tôdas as cartas: a situação dos presos, a estupidez dos critérios que levaram a polícia ou o Exército a prenderem determinadas pessoas ou grupos (CONY, 1964, p. 83).

Segundo a pesquisa realizada por especialistas para o projeto *Brasil: Nunca Mais*, apesar de os militares alegarem que estavam cumprindo o que manda a Constituição, as prisões efetuadas não apresentavam qualquer garantia dos direitos dos cidadãos. O relatório inclusive fala em sequestros, prisões ilegais cercadas de um clima de terror com encapuzamentos e agressões. Muitas vezes esse tratamento era estendido a familiares e conhecidos das pessoas que eram procuradas pela polícia.

Esse tratamento era inclusive dedicado a militares opositores. As esposas de vários militares presos entram em contato com Cony para perguntar até quando as violações de seus direitos seriam mantidas. Cabe lembrar que esses presos já tinham perdido seus direitos políticos, afastados de seus cargos, e ainda assim as humilhações seguiam. “De modo geral, esses processos, formados em 1964, procuram, mais que outra coisa, punir os militares que permaneceram fiéis ao presidente constitucional” (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014, p. 120)<sup>20</sup>:

Voltemos aos presos. Presos que já foram punidos, sumariamente, através das reformas forçadas, dos direitos cassados. Presos que continuam sendo punidos como se fossem criminosos de alta periculosidade: estão longe das famílias, dos amigos. Em algumas prisões – não em tôdas – a situação é anormal: promovem humilhações diárias. Oficiais do Exército, ao chegarem a um navio-prisão, foram obrigados a ficarem nus, diante de soldados armados (CONY, 1964, p. 73).

Cabe destacar que o relatório *Brasil: Nunca Mais* foi publicado somente em 15 de julho de 1985, quatro meses após a retomada do regime democrático e Cony já estava denunciando as atrocidades em 1964, poucos meses após o Golpe. Obviamente não se está desmerecendo o projeto, mas destacando a importância do escritor e ressaltando os riscos que correu ao denunciar os fatos enquanto estavam acontecendo. Inclusive ele era lido pelos militares, como se vê em sua crônica de 09 de maio de 1964, em que Castello Branco o desmente:

---

<sup>20</sup> Foram abertos vários IPMs contra militares legalistas que viraram 38 processos para o relatório *Brasil: Nunca Mais*: “Processos que totalizaram nada menos que 747 denunciados judicialmente, afora os 1.692 que foram incriminados unicamente na fase de inquérito” (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014, p. 121). Esses militares foram afastados do serviço ativo ou expulsos da corporação mesmo antes de um julgamento definitivo. Ainda houve casos de “suicídio” encenado (como do Sargento Ivan Pereira Cardoso e de Manoel Raimundo Soares).

O marechal Castelo Branco deu-se ao trabalho de desmentir uma frase minha, ao afirmar que a revolução não tinha os olhos no passado, mas no futuro. O ministro da Justiça também desmentiu categoricamente: não, não havia caranguejos em ação, iríamos todos para a frente, com ordem, justiça e paz (CONY, 1964, p. 54).

O que leva à declaração de Castello Branco é a publicação da já comentada e polêmica crônica “Revolução de Caranguejos”, publicada logo após a edição do AI-1, em que Cony compara os militares a caranguejos porque a revolução que eles propõem leva o Brasil a retroceder. Denuncia que o governo no poder quer transformar o país em um enorme quartel em que “todos marcharão para trás. O Brasil sairá disso tudo envergonhado moralmente e atrasado tènicamente” (CONY, 1964, p. 55).

Apesar de todo esse clima sombrio, Cony apresenta uma visão esperançosa do futuro. Sobre a “Revolução dos Caranguejos”, ressalta que enquanto os caranguejos andam para trás, muitos andam para frente. Acredita que haverá um dia melhor, todavia devemos deixar clara nossa indignação e nossa raiva diante das atrocidades e burrices cometidas:

O Fato é que a prepotência de hoje, o arbítrio de hoje, a imbecilidade de hoje, estão preparando, desde já, um dia melhor, sem ódio, sem medo. E êste dia, ainda que custe a chegar, ainda que chegue para nossos filhos ou netos, terá justificado e sublimado o nosso protesto e a nossa ira (CONY, 1964, p. 16).

### **2.3 Walsh e as Ditaduras na Argentina: do conto policial à escritura engajada**

Assim como as histórias de Cony e Walsh, as ditaduras no Brasil e na Argentina tiveram semelhanças e diferenças. O primeiro ponto a considerar são os períodos ditatoriais em cada país. A ditadura militar no Brasil inicia em 1964 e termina em 1985. Na Argentina, podem-se encontrar os militares em diferentes momentos e por meio de distintos golpes e apoios<sup>21</sup>. Primeiramente será analisado o período chamado de *Revolución Libertadora* que abarca os anos de 1955 a 1958. Depois, Juan Carlos Onganía assume o comando do país de 1966 a 1973. Por fim, o último período abrange os anos 1976 a 1983.

---

<sup>21</sup> Desde sua consolidação, com a Guerra do Paraguai, o exército brasileiro, e posteriormente as Forças Armadas como um todo, passou a ser uma peça fundamental no xadrez da vida política nacional. É possível observar seu protagonismo em momentos como a deposição de Dom Pedro II, a Proclamação da República, o Golpe de 30, a instauração do Estado Novo, a derrubada de Getúlio Vargas em 1945, chegando ao pré-golpe em 1961 e ao golpe em 1964. Pode-se ainda citar levantes e movimentos que envolveram as Forças Armadas na tentativa de tomar o poder como o Movimento Tenentista e a Intentona Comunista. Se não foi o exército e/ou as Forças Armadas que os criaram, certamente foram instituições fundamentais na consolidação do caráter autoritário do aparelho do Estado Nacional.

Cabe ressaltar que o período chamado geralmente de *Dictadura Argentina* se refere ao último período ditatorial que foi efetivamente o mais cruel de todos. O relatório da *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP): *Nunca Más* corresponde a estes anos e vai relatar os delitos, as torturas, os desaparecimentos no país.

Não se pode falar de história política<sup>22</sup> argentina sem antes mencionar a figura de Perón. Em 1943, um golpe de militares nacionalistas destituiu o presidente Ramón Castillo. Nesse grupo, encontrava-se o coronel Juan Domingo Perón que se destacou por implementar uma política voltada à melhoria das condições trabalhistas e sociais<sup>23</sup>. No Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe, María Seoane (2017) explica que o que se chama de peronismo nasce em 1945 quando Perón é obrigado a renunciar ao seu cargo político e é preso. Como suas reformas foram incentivando a mobilização dos trabalhadores, sua prisão e afastamento acabam gerando uma reação da população<sup>24</sup>. Os trabalhadores declaram uma Greve Geral em 17 de outubro de 1945 e marcham até a Plaza de Mayo (onde fica a sede do governo).

Contando com amplo apoio popular, ele ganha as eleições de 1946 e depois, em 1952. Durante seus governos (1946-1952 e 1952-1955) tem-se uma política que impulsiona a indústria nacional, o emprego, as comunicações e os transportes. Na parte social, conduzida por Eva Perón, houve a construção de escolas, lares para crianças e idosos e ajuda econômica para os menos favorecidos.

Nesse momento histórico, Rodolfo Walsh está consagrado como escritor de contos policiais e a publicação de seu livro *Variaciones en Rojo* (1953) ganha o *Premio Municipal de Literatura*. Ainda não há maior envolvimento com política do que suas séries de notas de interesse geral em *Leoplán*. Um de seus textos que homenageia seu irmão, piloto da Armada, é vetado pela Marinha. A partir daí o autor começa a discutir com as instituições. De acordo com o próprio Walsh no livro *Ese hombre y otros papeles personales* (2012, p. 38):

En los dos o tres primeros años de Perón hubo una relativa libertad de prensa. Después, en cambio, muchos escritores buscaron en la novela policial un derivativo, una evasión de la realidad. Como no podían hablar de temas políticos y sociales, se dedicaron a inventar ficciones policiales. La falta de libertad y de democracia en el

---

<sup>22</sup> Não é possível falar de história sem considerar os fatores políticos e econômicos que envolvem a tomada de poder nos países com especial relevância na Argentina.

<sup>23</sup> Perón assume a *Secretaría de Trabajo y Previsión* e muda a legislação de trabalho (institui as férias pagas, aposentadorias e julgados de trabalho). Também atua no período como Ministro de Guerra e Vice-Presidente (SEONE, 2017).

<sup>24</sup> Eva María Duarte, que passaria à história como Eva Perón, havia conhecido Perón em 1944 no ano seguinte foram morar juntos. Ela tem uma participação importante na organização dos trabalhadores para o dia 17 de outubro. Dois dias depois da mobilização de milhares de trabalhadores que ela chamou de “descamisados”, Perón foi solto e eles se casaram. Após a eleição de Perón em 1946, Eva assumiu a Secretaria do Trabalho e posteriormente criou a *Fundación Eva Perón* à qual se dedicou de forma integral.

plano de “élite” intelectual puede así considerarse como factor decisivo en el desarrollo de la novela policial. [...] El peronismo – hábil en eso – no reprimió la literatura policial, inofensiva para él.

Perón governou limitando as manobras e poderes da oposição e censurando a imprensa. Fundou o partido peronista, chamado de Partido Justicialista (PJ), centrado no cristianismo e no humanismo, do qual formavam parte sindicatos, movimentos sociais, organizações de base, entre outros grupos. O partido peronista estava organizado por tipo de atividade: juventude, mulheres, sindicatos e política. Com o exílio de Perón em 1955 organiza-se a *Resistencia Peronista*. De 1959 a 1972 começa a se desenvolver a ideia de uma luta armada que dá origem a diversos grupos guerrilheiros contidos no PJ como *Uturuncos*, *Tacuara*, *Fuerzas Armadas Peronistas*, *Fuerzas Armadas Revolucionarias* e *Montoneros*. Na política externa, colocou-se como uma terceira via entre o capitalismo e o comunismo. Internamente conseguiu mediar os conflitos entre os trabalhadores e os patrões e subsidiou as empresas nacionais. A justiça social estava no centro da consigna do PJ; no entanto sempre houve muitas visões antagônicas dentro dele que levaram a enfrentamento e inclusive a confrontos diretos<sup>25</sup>.

Em 1955, um golpe militar com apoio político e social destituiu Perón da presidência e ele se exila. É a chamada *Revolución Libertadora* que é marcada por disputas cívico-militares. O principal objetivo do novo governo liderado pelo militar Pedro Aramburu foi eliminar o peronismo da nação argentina e para isso focou suas forças contra o movimento operário. Foi promulgado o Decreto Lei nº 4161/1956 que dita a “prohibición de utilizar elementos de afirmación ideológica o de propaganda peronista”. Segundo Torcuato Di Tella (2017, p. 320), a revolução “contou com o apoio de quase todo o espectro político do centro até a esquerda e das entidades estudantis universitárias”.

Esse apoio massivo contra o governo de Perón adveio de diversos fatores a partir de 1950. Problemas econômicos, inflação, silenciamento da imprensa independente e confrontos violentos entre a direita e a esquerda geraram um amplo clima de insatisfação da opinião pública. O governo passou a ser visto como “demasiado personalista e autoritário” (DI TELLA, 2017, p. 318). Por isso, quando o General Eduardo Lonardi junto com outros militares sob influência da Igreja, iniciaram o movimento conhecido como *Revolución Libertadora*, de cunho fortemente antiperonista, ele foi apoiado, pois acreditava-se que desse modo seria posto fim à época do autoritarismo e da violência policial.

---

<sup>25</sup> Em 1973, a volta de Perón do exílio reuniu mais de 2 milhões de pessoas no aeroporto de Ezeiza. Houve um violento confronto entre diferentes tendências do peronismo. O exército interveio e provocou o episódio chamado de *Masacre de Ezeiza* (PRADO, 2021, p. 175).

Walsh (2012, p. 32), no livro *Ese Hombre y otros papeles personales* detalha o fenômeno do peronismo em carta a Donald Yates, datada de 05 de junho de 1957. Inclusive mostra as diferenças entre Perón e Aramburu, definindo o último como um “típico militar sudamericano” que sufocou rebeliões com fúria, fuzilando os conspiradores como não acontecia há muito tempo.

El fenómeno peronista no ha sido en general correctamente interpretado, ni siquiera en nuestro país. Y en el extranjero ha sido interpretado pésimamente. La imagen que el europeo medio tiene de Perón es la del típico militar afortunado sudamericano que por una revolución llega al poder y se mantiene luego mediante la fuerza contra la voluntad popular. Sin duda Perón es en sus comienzos un militar afortunado que llega al poder en elecciones posteriores a una revolución. Pero de militar sólo tiene el uniforme y cierta fanfarronería. La única oportunidad de combatir militarmente que se le presenta, en septiembre de 1955, no la acepta. Escapa. Y a los sublevados en junio de 1955, no los fusila, como pudo hacerlo. Perón tiene – o tenía, ahora puede haber cambiado – positivo miedo a la sangre. En todo su gobierno, sólo se señalaron dos asesinatos políticos, el del obrero Aguirre en Tucumán y el del médico Ingalinella en Rosario, cometidos ambos por las policías provinciales.

Apesar da crença em tempos melhores, os governos da *Revolución Libertadora* se mostraram tão autoritários quanto antes e a violência continuou por meio das intervenções nos sindicatos e nas universidades e da “repressão à ação das minorias que eram as que, em sua opinião, controlavam as estruturas de apoio popular do regime caído” (DI TELLA, 2017, p. 322). Na introdução à primeira edição de *Operación Masacre*, de março de 1957, cuja história se passa justamente neste momento inicial do novo regime, Walsh (2001, p. 187-188) escreve sobre seu primeiro contato com uma personagem que vive de perto o clima do período:

Y al día siguiente conocí al primer actor importante del drama: el doctor Jorge Doglia. La entrevista con él me impresionó vivamente. Es posible que Doglia, un abogado de 32 años, tuviera los nervios destrozados por una lucha sin cuartel librada durante varios meses, desde su cargo de Jefe de la División Judicial de la Policía de la Provincia, contra los “métodos” policiales de que era testigo. Pero su sinceridad me pareció absoluta. Me refirió casos pavorosos de torturas con picanas y cigarrillos encendidos, de azotes con goma y alambres, de delincuentes comunes – por lo general “linyeras” y carteristas sin familiares que pudieran reclamar por ellos – muertos a cachiporrazos en las distintas comisarías de la provincia. Y todo eso bajo el régimen de una revolución libertadora que muchos argentinos recibieron esperanzados porque creyeron que iba a terminar con los abusos de la represión policíaca.

O que Walsh mostra é um resumo da época. A partir desse primeiro testemunho, o jornalista não se deteria até ter todos os elementos dessa trama que ele mesmo chama de cinematográfica. Os fatos de *Operación Masacre* começam em 9 de junho de 1956, quando há uma tentativa de rebelião por parte de um grupo peronista sob o comando do general Juan José

Valle e Raúl Tanco. O governo que já tinha descoberto o levante, deixa que ele vá adiante para poder punir exemplarmente os participantes e evitar assim novas tentativas de golpe no futuro.

Tal es así que en la noche del 8 de junio de 1956 son apresados cientos de dirigentes gremiales para socavar la base social del movimiento. Aramburu viajó ese día a la provincia de Santa Fe, pero dejó firmado el decreto 10.362 que decretaba la Ley Marcial, y preparados los decretos 10.363, que establecía la pena de muerte, y el 10.364 que daría los nombres de los que serían fusilados.

Mesmo antes da assinatura do decreto da pena de morte, há o fuzilamento de um grupo detido em Lanús e outro de civis no lixão de José León Suárez. Deste grupo de doze pessoas, sete conseguem fugir e uma delas, Juan Carlos Livraga, iniciará Walsh nas investigações para seu livro. Depois ainda é fuzilado o General Valle na *Penitenciaría de la Ciudad de Buenos Aires*. O total de assassinados quando do cessamento da Lei Marcial, no dia 13 de junho, foi de 33 pessoas.

Es un precedente funesto. Los hombres del grupo Livraga fueron detenidos a las 23 horas del 9 de junio, cuando aún no regía la Ley Marcial. La Ley Marcial se decretó a las 0.32 del 10 de junio. Es evidente que no podía aplicarse a hombres que estaban detenidos desde el día anterior. Ninguna ley es retroactiva. [...] Si a esto se añade que esos hombres no fueron juzgados, que no actuaron en el motín, y que la mayoría era inocente hasta en la intención, se comprende toda la magnitud del caso (WALSH, 2012, p. 40).

*Operación Masacre* guia o leitor por meio de pessoas, fatos e evidências do que ocorreu na noite de 9 de junho de 1956. Walsh, pela primeira vez em sua vida, faz uma investigação jornalística que muda profundamente sua maneira de ver o mundo. A partir dessa obra o autor começa a entender a importância dos fatos políticos para a sociedade e da necessidade de expor as injustiças cometidas pelos governantes. Já não há mais a possibilidade de Walsh voltar ao xadrez e à literatura fantástica. “Así nace aquella investigación, este libro. La larga noche de 9 de junio vuelve sobre mí, por segunda vez me saca de ‘las suaves, tranquilas estaciones’” (WALSH, 2001, p. 19).

O livro inicia como uma série de notas publicadas no jornal *Revolución Nacional*. Nessas notas está o começo da investigação que se transforma posteriormente em livro, também publicado em série na Revista *Mayoría*, diante da impossibilidade de encontrar um editor que o publicasse. A obra somente seria publicada em livro em dezembro de 1957.

Walsh divide o livro em três partes. Na primeira, estão descritas as personagens reais dessa história tão improvável. Interessante notar que, a detalhes comprovados através de sua

investigação, acrescenta comentários que vão conduzindo o leitor deixando claro que nunca se saberá tudo sobre o que aconteceu nessa fatídica noite de 9 de junho de 1956. Pode-se comprovar isso na descrição da primeira personagem, Nicolás Carranza: “Al amparo de las sombras acababa de entrar en su casa, y es posible que algo lo mordiera por dentro. Nunca sabremos del todo. Muchos pensamientos duros el hombre se lleva a la tumba, y en la tumba de Nicolás Carranza ya está reseca la tierra” (WALSH, 2001, p. 29).

Na segunda parte do livro, estão descritos os fatos que começam na chegada da polícia à casa de don Horacio e terminam com o saldo de mortos, feridos e órfãos do fuzilamento de León Suárez. Por último, o autor expõe as evidências de culpa dos envolvidos no massacre e o processo judicial a partir da denúncia de Livraga e da própria investigação de Walsh. Além dessas três partes, a edição de *Operación Masacre* conta com um texto inicial de Osvaldo Bayer intitulado “Rodolfo Walsh: tabú y mito” e um prólogo. No apêndice, encontram-se os textos “Operación em cine”, um prólogo, uma introdução, um “Obligado apêndice” e um “Provisorio epílogo” à primeira edição (1957), uma breve história da investigação do livro, dois epílogos da segunda (1964) e terceira (1969) edições, além da “Carta Abierta de un Escritor a la Junta Militar”, datada de 24 de março de 1977<sup>26</sup>.

A partir de 1957 e de sua investigação, caem as vendas e as ilusões. O que havia começado como uma “curiosidad periodística” mostra a Walsh (2012, p. 142) que ele é capaz de cumprir “una función política más o menos consciente”. Assume-se, então, como um intelectual crítico, um homem que passa a compreender a importância da política na vida, no dia a dia da sociedade. Percebe como o ato de escrever pode ser relevante e arriscado.

Haciéndola, comprendí que, además de mis perplejidades íntimas, existía un amenazante mundo exterior. Me fui a Cuba, asistí al nacimiento de un orden nuevo, contradictorio, a veces épico, a veces fastidioso. Volví, completé un nuevo silencio de seis años. En 1964 decidí que de todos mis oficios terrestres, el violento oficio de escritor era el que más me convenía. Pero no veo en eso una determinación mística. En realidad he sido traído y llevado por los tiempos (WALSH, 2012, p. 15).

Walsh é o primeiro a denunciar o fato; tem consciência dos perigos que advêm do fato de expor os responsáveis pelos crimes e pelas injustiças que estavam acontecendo. Em carta a Donald Yates, o autor argentino escreve sobre a publicação da série sobre *Operación Masacre*: “Esas notas aparecen firmadas, de modo que preventivamente me he ausentado de casa, aunque hasta ahora no he sido molestado” (WALSH, 2012, p. 40). Também chama a atenção para o

---

<sup>26</sup> A partir de 1984 o texto “Carta Abierta de un escritor a la Junta Militar”, último texto escrito por Walsh, passa a ser incluído como apêndice nas edições de *Operación Masacre*.

fato de que apesar de sua denúncia o chefe de polícia segue no seu posto de trabalho, protegido pelo ditador Aramburu. Quando da investigação sobre o fuzilamento de 9 de junho ressalta:

Ahora, durante casi un año no pensaré en otra cosa, abandonaré mi casa y mi trabajo, me llamaré Francisco Freyre, tendré una cédula falsa con ese nombre, un amigo me prestará una casa en el Tigre, durante dos meses viviré en un helado rancho de Merlo, llevaré conmigo un revólver, y a cada momento las figuras del drama volverán obsesivamente (WALSH, 2001, p. 19).

A chamada *Revolución Libertadora* termina em 1958 com o governo de Arturo Frondizi, o líder da *Unión Cívica Radical Intransigente* que chega ao poder através de um acordo com Perón. Contudo, suas medidas liberais bem como a repressão dos movimentos grevistas lhe rendem a antipatia do peronismo. Um golpe o tira do poder em 1962 e, depois de um ano de muitas disputas entre setores para tomada do poder, são feitas eleições que apresentam muitos votos brancos.

Walsh segue escrevendo em jornais, mas agora já com um olhar mais crítico e voltado para “el heroísmo del hombre corriente (los fusilados de José León Suárez, pero también las víctimas de una catástrofe, como en el caso de las dos notas, publicadas entre marzo y octubre de este año [o ano é 1957] [...], cuyo comentario es lo que a su vez heroifica al narrador” (WALSH, 2021, p. 51). Seus textos passam a explorar as situações nas quais cidadãos “comuns” revelam coragem e nos quais certamente o autor passa a se apoiar para tomar suas futuras decisões de encarar o perigo e a morte para fazer o que é certo. Como é possível observar neste trecho de nota publicada em *Leoplán*:

Entre tanto, dentro del *Hinderburg*, donde hay cincuenta y nueve tripulantes y treinta y dos pasajeros, reina el caos más absoluto. Solamente los oficiales parecen mantener una extraordinaria serenidad. El capitán Pruss, en la cabina de control, ha sentido una explosión no muy fuerte y ha escuchado el clamor del público. Se asoma a la ventanilla de la góndola, pero en el primer momento no observa nada anormal.  
 — ¿Qué sucede? — pregunta.  
 — ¡La nave está en llamas! — le contesta un oficial.  
 El capitán obra con seguro instinto. Podría mantener durante algunos segundos la estabilidad de la nave, soltando el lastre de la popa, pero permite que ésta descienda a tierra, dando una oportunidad de salvación a los que se encuentran allí (WALSH, 2021, p. 63).

Neste trecho, observa-se como o capitão do dirigível *Hindenburg* consegue manter a calma e salvar a maioria das pessoas. Era a décima primeira viagem e ele pega fogo quando está chegando ao seu destino, levando à morte trinta e seis pessoas, inclusive seu capitão que é um dos últimos a deixar a nave. Link comenta que nesta época, muitos textos são publicados

com o pseudônimo de Walsh: Daniel Hernández (seu alter ego em *Variaciones en Rojo*) provavelmente por sentir que essa parte de sua obra já não era tão relevante.

Em 1959, Walsh viaja a Cuba e se dedica à fundação da agência de notícias *Prensa Latina* junto com Jorge Maseti e Rogelio García Lupo. Conta, em entrevista: “Allí vi por primera vez una revolución en acción, me interesé por la teoría revolucionaria, empecé a leer algo – no mucho –, descubrí una línea que perdura hasta hoy” (WALSH, 2012, p. 142). Envolve-se cada vez mais com questões políticas, mas explica que sua cultura política é baseada em suas experiências e não em leituras teóricas. “Prefiero extraer mis datos de la experiencia cotidiana: me interno lo más profundamente que puedo en la calle, en la realidad, y luego cotejo esa información con algunos ejes ideológicos que creo tener bastante claros” (WALSH, 2012, p. 142).

A década de 1960 será muito prolífica para Walsh. Já havia investigado e escrito duas séries de notas: *Operación Masacre* e *El Caso Satanowsky*<sup>27</sup>. Além desses textos, lança os livros de contos: *Los oficios terrestres* (1965) e *Un Kilo de Oro* (1967). Em 1968, lança o livro *¿Quién mató a Rosendo?* que investiga as mortes dos sindicalistas Rosendo García, Domingo Blajaquis e Juan Zalazar. Também tinha publicado notas nas revistas *Mayoría* e *Panorama*.

Las primeras colaboraciones de Walsh como periodista en las revistas *Leoplán* y *Vea y Lea* distan no solo temporalmente, sino conceptualmente de aquellas que publicó en la revista *Panorama* a mediados de los sesenta. Atravesado por las preocupaciones políticas y bajo el impacto de la Revolución cubana, con la que colaboró activamente creando la agencia de noticias *Prensa Latina*, sus notas de esta segunda etapa se acercan al registro etnográfico y antropológico. Crónicas dedicadas a San La Muerte, el carnaval en el Litoral, un leprosario en el Chaco o a los japoneses radicados en Misiones dan cuenta de una exploración profunda del periodista que no se contenta con el dato superficial. Por los mismos años fundó el semanario de la CGT de los Argentinos que dirigió entre 1968 y 1970 (NÚÑEZ, 2017, p. 11).

Nas eleições presidenciais de 1963, como o peronismo estava banido, Arturo Illia assume o governo, mas suas decisões radicais (como a anulação dos contratos petroleiros) e uma campanha de degradação de sua imagem por parte dos peronistas precipitam um novo golpe militar. Em 28 de junho de 1966, Juan Carlos Onganía assume o comando do país. Foi um período de liberalismo econômico que favoreceu grandes grupos econômicos. Houve uma perseguição à imprensa, às manifestações culturais e intervenções nas universidades. Tudo isso

---

<sup>27</sup> No começo de 1958, os diretores do jornal *La Razón*, pedem a Walsh que investigue a morte de Marcos Satanowsky, advogado do dono do jornal, Ricardo Peralta Ramos. “La minuciosa investigación lleva al periodista a concluir que es un crimen oficial y que el jefe de la SIDE [Secretaría de Inteligencia del Estado], el general José Quaranta, es el cerebro de este asesinato que tiene como principales sospechosos a Castor Lorenzo, El Huaso, y al agente de la Secretaría de Informaciones, Américo Pérez Griz” (SCHULIAQUER, 2017, p. 43). Apesar de as notas terem sido publicadas em 1958, Walsh somente publicaria o livro em 1973, por *Ediciones de la Flor*.

favoreceu insurreições, manifestações populares e guerrilhas que levaram ao governo de Lanusse e às eleições de 1973 das quais saíram vencedores candidatos peronistas.

A relação de Walsh com o peronismo não foi simples. Em 1945 pode ser encontrado na Plaza de Mayo pedindo a libertação de Perón, mas em 1955 apoia a destituição do General. Depois da investigação dos fuzilamentos de José León Suárez, desiludido da *Revolución Libertadora*, viaja a Cuba e é tocado profundamente pela Revolução Cubana sobre a qual também fez críticas e apontamentos que aparecem em seus textos jornalísticos e em seus papéis pessoais:

Durante un breve período la burocracia y el sectarismo amenazaron la creación artística en Cuba. Un literato de cierto mérito llegó a proclamar la necesidad de “escribir bajo consigna”. Hoy parece un planteo basado más en la desesperación ante el implacable ataque norteamericano que en una reflexión serena. Lo grave de semejante exigencia es que separaba formalmente a los escritores de la revolución, despojándolos de responsabilidad y participación en el proceso. La experiencia histórica demuestra la ineficacia de todo arte que nace de consignas en lugar de convicciones. Y si escribir así era estéril, valía más empuñar el fusil o manejar el tractor abandonando una literatura contraproducente por insincera. (WALSH, 2012, p. 98)<sup>28</sup>

Já se pode ver um posicionamento crítico sobre literatura e sua relação com a política. Na volta de uma de suas viagens a Cuba, fala com Perón e, por intermédio dele, conhece ao líder sindical Raimundo Ongaro. Em 1968, em Buenos Aires, começa a dirigir o *Semanario CGT*, um exemplo de jornalismo sindical não só por sua diagramação moderna e pela exposição de fatos do sindicato, mas também por suas detalhadas análises da vida laboral e estudantil. Nele, Walsh publica várias investigações. A mais célebre é a que dá origem ao livro *¿Quién mató a Rosendo?*, que elucida o assassinado ocorrido em 13 de maio de 1966, na pizzeria La Real.

Durante esse período, Walsh assume uma dupla identidade. Segue publicando suas notas de cunho geral e literatura na Revista *Panorama* e escreve as campanhas de *CGT*, que nesta época começa a ser editado e distribuído clandestinamente. Por esse motivo, a segurança e a vida do autor passam a sofrer muitos riscos. Nessa nova fase de comprometimento político, deixa de ver os acontecimentos de *Operación Masacre* como um excesso do governo para pensar neles como manifestação da luta de classes e da opressão do governo. “En 1968 he actuado mucho más en función política que anteriormente, incluso que en Cuba. Quiero decir, con muchas menos dudas, y con una conciencia más clara”, diria Walsh (2012, p. 125) em seu

---

<sup>28</sup> Esse texto é prólogo do livro “Crónicas de Cuba”. São notas do texto original.

diário. É o desenvolvimento de seu pensamento mais diretamente ligado à luta política e social que ele vê como extremamente necessária na Argentina.

Na série de crônicas intitulada “La secta de la picana”, de 1969, Walsh reúne notas em que denuncia a tortura e os fuzilamentos como métodos da polícia que chama de “fuerzas del orden”. Em sua primeira nota escreve:

La picana eléctrica vuelve a ser el método preferido por la policía bonaerense para “esclarecer” delitos o perseguir al movimiento obrero. El caso Monte Grande es uno entre mil, y la brigada de Avellaneda no es la única. Policías que torturaron a policías. Se reabre la guerra entre la Federal y la bonaerense. Se conocen nombres, domicilios y hasta señas particulares de los torturadores. El único que los ignora es el doctor Borda”. (WALSH, 2021, p. 302)

Em 1970, Walsh vincula-se às *Fuerzas Armadas Peronistas*. 1973 é o ano em que vai entrar para a organização *Montoneros*. Não há mais uma separação entre literatura e política, inclusive diz em entrevista que não é possível escrever sem essa relação. Chega, então, a uma conclusão:

Volviendo al trabajo. Hay una conclusión evidente:  
CONCLUSIÓN EVIDENTE: NO PUEDO VOLVER A HACER NOTAS PARA *SIETE DÍAS*, NI *PANORAMA*, NI PROBABLEMENTE NINGUNA OTRA REVISTA, SALVO ESPORÁDICAMENTE, CUANDO NO LO NECESITE DE VERDAD, Y SEAN ELLOS LOS QUE ME NECESITEN A MÍ. LA CARA DE LA NECESIDAD ES LO PRIMERO QUE ELLOS VEN.

Bien, pero hay que trabajar. Mejor dicho hay que trabajar para ganarse la vida, hay que trabajar en política, hay que trabajar en literatura. Hay que hacer las tres cosas al mismo tiempo (WALSH, 2012, p. 182).

Perón regressa à Argentina em 1973, sob o governo de Cámpora. Di Tella (2017, p. 364) ressalta que: “o velho líder havia evoluído durante sua longa estada na Europa, para uma aceitação do sistema democrático de governo, ou seja, para o liberalismo político”. No governo peronista, que vai de 1973 a 1976, governam quatro presidentes: Héctor Cámpora (1973); Lastiri (1973); Perón (1973-1974) e Isabel Perón (1974-1976). Perón fica na presidência até sua morte em 1974. Durante seu governo houve a tentativa de retomar medidas sociais do primeiro peronismo, no entanto, muitos fatores dificultaram a governança. Ele falava agora de “socialismo nacional” como forma de sociedade que superaria o capitalismo”. Contudo, as diferenças entre as vertentes do partido, as guerrilhas, a crise econômica mundial de 1973 levam a dificuldades econômicas, inflação. Além disso, aumentou a violência entre a guerrilha e os setores armados do Estado que gerou sequestros, torturas e assassinatos o que fez, inclusive, com que Perón rompesse com a *Juventud Peronista* e com os *Montoneros*.

Com a morte de Perón, em 1974, a situação rapidamente se deteriorou. Isabel Perón assumiu a presidência, mas enfrentou sérios problemas devido à inflação, à corrupção e à violência que se agravaram. As Forças Armadas passaram a fazer pressão para que renunciasse. Os diferentes grupos dentro do peronismo começaram a brigar, o que enfraqueceu ainda mais a luta contra um possível golpe. Essa série de eventos finalmente precipitou o país em sua mais cruel ditadura. Em 24 de março de 1976, foi dado um golpe de Estado, liderado por Jorge Rafael Videla, Emilio Massera e Orlando Ramón Agosti, que durou até 1983.

La etapa inaugurada por el golpe cívico militar del 24 de marzo del 1976 sobrevino cuando Rodolfo Walsh era militante activo de la organización Montoneros. Su permanente preocupación estuvo centrada en pensar tanto los errores propios como las nuevas formas represivas que desplegaría el gobierno militar, y en proponer una estrategia para enfrentar esa coyuntura. En su último año de vida, y en la complejidad de esta situación, se combinaron sus facetas de escritor, militante y periodista. (BOIDO; ALLENDE, 2017, p. 91)

Para burlar a censura imposta, Walsh funda a *Agencia Clandestina de Noticias* (ANCLA) e *Cadena Informativa* que representam armas ideológicas de enfrentamento à ditadura. Devido a divergências sobre a condução da militância dos *Montoneros*, acaba comprando uma casa em San Vicente e se retira para planejar o que seria seu ataque maior ao regime militar: a carta de aniversário de um ano do golpe destinada à Junta Militar. Nela, o argentino expressaria com rigor “el cuadro de violación de los derechos humanos y de perjuicios a la economía nacional que caracterizaba al régimen” (SECRETARÍA DE DERECHOS HUMANOS, 2007, p. 374). Cabe ressaltar que o texto foi assinado, diferentemente de seus outros escritos clandestinos, o que demonstra a consciência que o escritor tinha de seu lugar de intelectual no cenário argentino.

Dia 25 de março de 1977, Rodolfo Walsh é cercado por um *grupo de tareas* da *Escuela Superior de Mecánica de la Armada* (ESMA). Segundo relato de sua companheira, Lilia Ferreyra, tinha saído para entregar cópias de sua “Carta” pelos correios. Foi emboscado e resistiu com uma pequena pistola. Nunca mais foi visto. Ainda é considerado um dos desaparecidos da ditadura argentina.

\*\*\*

As democracias no Brasil e na Argentina eram muito instáveis devido às manipulações das classes altas e ao medo que a Revolução Cubana causara no continente. Ela trouxe uma ideia de tomada de poder pela população que não se concretizou na maioria dos países

justamente pelo clima de instabilidade dos agentes políticos. Pensando nas figuras centrais de Jango e Perón, respectivamente no Brasil e na Argentina, eles apresentaram uma ideia do que propunham para seus países, mas não contaram com o apoio político para implementar as reformas sociais que eram tão necessárias.

Perón tinha sido adido militar no Chile em 1936, o que lhe possibilitou um conhecimento da realidade latino-americana. Na Itália, também como adido, acompanhou de perto a organização popular na construção de seu próprio socialismo. João Goulart tinha posições progressistas e foi fortemente influenciado por Getúlio Vargas, inclusive filiando-se ao PTB. Conseguiu eleger-se como deputado estadual, deputado federal e foi convidado por Getúlio, em seu segundo governo, a assumir o Ministério do Trabalho. Isso deveu-se a sua proximidade com os sindicatos com quem tinha uma grande capacidade de diálogo e negociação.

Apesar de suas origens (João Goulart era ruralista e Perón fez carreira militar) ambos se tornaram populistas com uma grande preocupação pela melhoria das condições da população. Isso gerou o antagonismo das classes economicamente mais favorecidas e dos militares. No Brasil, precipitou o golpe civil-militar de 1964 e alimentou o medo do comunismo que vinha sendo nutrido desde a Intentona em 1935<sup>29</sup>. Na Argentina, desencadeou múltiplos golpes militares e o sentimento antiperonista que até hoje pode ser visto no país vizinho.

Torcuato Di Tella, em seu livro *História Social da Argentina* (2017), faz uma análise da configuração das classes sociais no país diferenciando de outros locais; além disso examina como essa conformação organizou os partidos políticos. Também considera como os imigrantes com suas realidades de origem acabaram mudando essa compleição de modo singular na Argentina. Isso, comparado ao Brasil, é uma particularidade, pois a composição da esquerda e da direita leva muito em consideração a questão econômica. Contudo, na Argentina, o conservadorismo estava mais restrito aos grandes proprietários rurais.

Tanto nos Estados Unidos quanto na Austrália, Nova Zelândia, Canadá e na própria Grã-Bretanha, os partidos conservadores (em alguns casos com o nome de liberais, ou nacionais) foram e são muito fortes porque contam com o apoio da maioria da classe média e incluem organicamente quase toda a classe alta, de cujo seio extraem numerosos dirigentes, militantes e ideólogos. O resultado na Argentina foi um constante zigue-zague entre tentar controlar o país apoiando-se no estranho eleitorado que lhe cabia, ou voltar-se diretamente ao golpismo militar (DI TELLA, 2017, p. 147).

---

<sup>29</sup> A Intentona Comunista foi um movimento liderado por Luís Carlos Prestes, líder da ANL (Aliança Nacional Libertadora), que tinha como objetivo derrubar Getúlio Vargas e implantar mudanças sociais. A ANL surge quando o Partido Comunista torna-se ilegal e opositores se unem para combater o governo de Vargas.

E como as ditaduras impactaram na vida pessoal e profissional de Carlos Heitor Cony e Rodolfo Walsh? Primeiramente é importante ressaltar que nenhum dos dois autores iniciou sua trajetória escrevendo sobre questões políticas, mas, a partir dos fuzilamentos de Suárez ocorrido em 1956 (caso de Walsh) e do golpe civil-militar de 1964 (caso de Cony), ambos começam a criticar diretamente os governos respectivamente da Argentina e do Brasil.

O golpe chegou a Cony de modo um tanto casual quando sua filha entrou em sua casa e disse que havia uma revolução na rua. Do mesmo modo, Rodolfo Walsh tomou conhecimento do fuzilamento de junho de 1956, enquanto jogava xadrez em um café de La Plata. Neste dia escutou a famosa frase: “— Hay un fusilado que vive” que chamou sua atenção e o atraiu à investigação que mudaria o rumo de sua escritura.

Walsh e Cony defendem a justiça e a liberdade de pensamento e optam conscientemente por expor a realidade opressora de seus países. Tanto *O Ato e o Fato* quanto *Operación Masacre* mostram uma grande capacidade analítica e investigativa dos autores, um compromisso político e um amadurecimento de pensamento através de um olhar crítico para os fatos ocorridos. Há uma tomada de consciência por meio da revelação da realidade. A dupla atuação que tiveram, como jornalistas e escritores, influenciou em seus escritos e os ajudou a criar uma consciência acerca do momento histórico pelo qual estavam passando.

Mas essa mesma tomada de consciência, traz um desencanto que advém do estado autoritário e das injustiças que estão sendo cometidas. É difícil separar nesses livros a vida de cada um dos autores de suas obras. Josefina Ludmer trabalha com o conceito de literatura pós-autônoma caracterizada como escrita que não permite somente uma leitura literária, mas que se encontra dentro e fora do literário. Nesse tipo de literatura não importa diferenciar realidade e ficção e sim reformular essa categoria.

Aparecen como literatura pero no se las puede leer con criterios o categorías literarias como autor, obra, estilo, escritura, texto, y sentido. No se las puede leer como literatura porque aplican a ‘la literatura’ una drástica operación de vaciamiento: el sentido (o el autor, o la escritura) queda sin densidad, sin paradoja, sin indecidibilidad, “sin metáfora”, y es ocupado totalmente por la ambivalencia: son y no son literatura al mismo tiempo, son ficción y realidad (LUDMER, 2007).

Pode-se encontrar, neste debate sobre as literaturas pós-autônomas, o livro *La Experiencia Opaca* (2009), de Florencia Garramuño. A ensaísta analisa, em obras de brasileiros e argentinos, uma escrita instável na qual o sujeito se dilui e em que há uma forte relação com a experiência: “hay una conceptualización de la experiencia real, de la cual no se puede conocer todo, que es en sí misma incompleta. Esa incompletitud de la experiencia es lo que aparece en

estos textos”. Essas obras escritas durante as décadas de 1970 e 1980 são muito marcadas pelo autoritarismo e foi ele que levou a novas buscas e alternativas na narrativa como forma de resistência para escritores como Silviano Santiago, Ana Cristina César, Clarice Lispector, Juan José Saer, Néstor Perlongher, Luis Gusmán.

En esa mezcla y esa combinación como procedimientos para una construcción proliferante, la escritura presiona los límites entre los géneros y produce textos fuertemente híbridos. Pero se trata de una hibridez que no se manifiesta sólo en la mezcla de diferentes modalidades discursivas, sino que incluso llega a presionar – de forma muy intensa en algunos casos – los límites de la literatura para ubicarla en un campo expandido en el cual la distinción entre literatura y vida, personajes y sujetos, narradores y yo es parece resultar irrelevante (GARRAMUÑO, 2009, p. 26).

Apresenta-se no período uma reelaboração de noções como subjetividade e experiência e é dada a esta uma importância não como preocupação biográfica, mas como algo que é incorporado à literatura. Garramuño trabalha com a ideia de que há obras permeadas pela realidade de seus autores em um ponto que já não é possível diferenciar realidade de ficção. Como exemplo, cita-se o brasileiro João Gilberto Noll e o argentino Osvaldo Lamborghini.

Realmente essa transformação é mais evidente nos anos 1970 e 1980, porém já se pode percebê-la em Rodolfo Walsh em publicação como *Operación Masacre*. É possível localizar resíduos do real e comprovar a tomada de consciência sobre o momento histórico que estava vivendo e de que forma transparece esse processo de desencantamento nos seus textos.

A análise da correspondência entre a vida e a literatura é fundamental para entender as transformações das literaturas brasileira e argentina durante a ditadura. O desencanto que provém do estado autoritário e as mudanças na escritura da época estão relacionados e o que se pode perceber é uma permeabilidade na qual se faz cada vez mais difícil definir ou separar a vida e a obra destes autores.

Una “eexistênciateca do real”, o egoexistênciateca de lo real: el neologismo – y su titubeo – puede servir no sólo para pensar la poesía de Waly Salomão, sino también toda una miríada de prácticas artísticas que surcaron el paisaje cultural de las décadas de 1970 y 1980 en Brasil y Argentina y que establecieron una serie de relaciones problemáticas entre la noción de obra y su afuera o exterioridad (GARRAMUÑO, 2008, p. 200).

Por isso, pode-se ler em *Operación Masacre* um narrador que se confunde com o autor, ele próprio passa a dar testemunho do crime. Assim, descreve as outras testemunhas com cuidado e gentileza, ressaltando os traços que humanizam essas personagens. Walsh se mostra sempre muito claro, pessoal, sincero em suas obras. Expõe suas ideias e convicções. No caso

dos livros *Operación Masacre* (1957) e *¿Quién mató a Rosendo?* (1969) um motivo, um fuzilamento, um assassinato servem para mostrar todo o cenário político e social do momento.

Para Walsh os sobreviventes terão grande importância e ele vai fazer parte da vida deles para poder entender tudo que aconteceu aos fuzilados de 1956. Muito tempo depois, ele próprio dá testemunho na “Carta de un escritor a la Junta Militar” (1977). Para ele e para Cony a única coisa que pode salvar o país do tormento de ditadores é a consciência do povo. E é ao povo que eles escrevem.

No texto “Rodolfo Walsh: tabú y mito” que abre a 23ª edição de *Operación Masacre*, Oswaldo Bayer (2001, p. 11) escreve que a história investigada por Walsh “es el prólogo de la tragedia que vendrá después. Aramburu y Rojas serán el prólogo de Videla y Massera”. Walsh tornou-se o protagonista da tragédia que veio depois, em 1976, e foi morto como as pessoas retratadas em seu livro, assassinado como eles. Pode-se dizer que o livro *O Ato e o Fato* de Cony também adiantou o que aconteceria no futuro próximo no Brasil. O Ato Institucional nº 1 “êsse monstrengo moral e jurídico que empulhou o Congresso e manietou a Nação” (CONY, 1964, p. 16) previa os próximos atos, ainda mais abjetos, injustos e opressores. As prisões foram intensificadas, assim como a censura e as perseguições a cidadãos que manifestassem sua opinião, como Cony.

Em seu texto de 18 de abril de 1964, Cony (1964, p. 27) escreve: “Quando mais não seja, o cadáver é forma definitiva e nobre de um homem”. Ele chama a atenção para os riscos de se manter íntegro, mas a necessidade o fazer. É necessário persistir nos seus ideais, no entanto Cony não segue essa premissa e sua história pessoal se afasta da luta política que ele inicia em *O Ato e o Fato*. Apesar de suas duras críticas, de sua viagem a Cuba, o autor abandonou o espírito combativo e não voltou ao tema diretamente em escritos posteriores. Walsh, porém, foi até o fim assim como tantos vários mortos pelo regime autoritário no Brasil e na Argentina que fizeram questão de não se calar diante das ameaças. Ele será uma testemunha das atrocidades cometidas por regimes ditatoriais na América Latina.

### 3 O COMPROMISSO INTELECTUAL EM CARLOS HEITOR CONY E RODOLFO WALSH: DESAFIOS E CONSCIÊNCIA

*Un intelectual que no comprende lo que pasa en su tiempo y en su país es una contradicción andante, y el que comprendiendo no actúa, tendrá un lugar en la antología del llanto, no en la historia viva de su tierra.*  
(Rodolfo Walsh)

#### 3.1 Cenário Intelectual Latino-Americano: novas perspectivas

A América Latina, a partir dos anos 1950, foi palco de mudanças históricas e política que transformaram os pensadores. Nesse cenário, Brasil e Argentina foram centros de câmbios profundos no modo de pensar e escrever suas próprias histórias. O que se pretende é realizar uma aproximação de dois momentos significativos da história desses países a partir da visão dos intelectuais que, apesar de inicialmente não estarem envolvidos diretamente em questões políticas, não mediram esforços para denunciar injustiças cometidas na época. Eles assumiram com confiança o papel de:

producir y transmitir mensajes relativos a lo verdadero (si se prefiere: a lo que ellos creen verdadero), se trate de los valores centrales de la sociedad o del significado de su historia, de la legitimidad o la injusticia del orden político, del mundo natural o de la realidad transcendente, del sentido o del absurdo de la existencia (ALTAMIRANO, 2008, p. 14-15).

Eles não se calaram mesmo quando foram presos e ameaçados. Carlos Heitor Cony e Rodolfo Walsh viveram a problemática da literatura e do compromisso jornalístico até o momento em que isso lhes foi permitido e utilizaram as palavras para lutar e combater a violência do Estado autoritário. Houve uma mudança significativa em suas posturas e na maneira como resolveram posicionar-se diante de fatos históricos vividos em seus países. Ambos utilizaram o campo cultural para transmitir mensagens relativas às verdades que ocorriam e fizeram com que seus enunciados ressoassem além do seu espaço de atuação. Suas buscas alcançaram o centro do poder político que, no momento, era o exército e, desta forma, foram mais além do debate. Diferentemente dos intelectuais do passado, eles dependem da imprensa e de livros e dirigem-se uns aos outros na arena política (ALTAMIRANO, 2008, p. 14-15).

A figura do intelectual latino-americano que se desenvolve no período das ditaduras e a consciência sobre seu valor na sociedade é um tema central para este trabalho. Sua importância reside na convicção de que eles eram os atores que poderiam contribuir para a transformação de seus países. Cresce, a partir dos anos 1950, a relevância do papel do intelectual, sua função de colocar em evidência, por meio de revistas, jornais, livros, o cenário social e político. Como escreve Marcelo Ridente (2010, p. 376):

En ese período y en toda América Latina, se produjo en el campo literario un proceso de conversión de los escritores en intelectuales, es decir, pasaron a ser hombres públicos. Se valían, por ejemplo, de revistas político-culturales para difundir sus ideas entre un público amplio. La política pasó a ser el parámetro de legitimidad de la producción literaria.

Ao analisar a categoria de intelectual proposta por Carlos Altamirano na introdução geral ao primeiro volume do livro *Historia de los Intelectuales en América Latina* (2008), é possível esboçar a tarefa executada por Cony e Walsh e o importante papel a que se dedicaram. Segundo o autor, os intelectuais latino-americanos começam a se diferenciar dos letrados a partir de 1900, pois estes formavam parte do sistema de poder e sua função era: “producir discursos de legitimación del orden social, incluida la definición de la cultura legítima, que no era otra que la de los mismos letrados” (ALTAMIRANO, 2008, p. 18). Os intelectuais formam parte de um novo grupo que experimenta mudanças em sua vida social e política que inclui o desenvolvimento de uma cultura de massa (por meio da ampliação de acesso ao teatro, jornal e música popular) e o aparecimento de escritores de origem mais humilde<sup>30</sup>. “En estos escritores, muchos de ellos autodidactas y sensibles a las doctrinas sociales de la época, percibe Rama el abandono de ese criterio de la superioridad social fundada en la disparidad cultural” (ALTAMIRANO, 2018, p.19). Também o desenvolvimento dos centros urbanos no século XX proporcionou um aumento do sistema de ensino que ampliou a função e as profissões ligadas aos intelectuais.

En la segunda mitad del siglo XX, en particular en los años sesenta y setenta, el aumento de estudiantes y diplomados se volvió masivo. Este crecimiento continuado amplió el universo de donde se reclutan los intelectuales, mejor dicho, de quienes son social y culturalmente percibidos como tales, un reconocimiento que no se extiende por igual a todos los que ejercen funciones y labores intelectuales en la vida social (ALTAMIRANO, 2008, p. 13).

---

<sup>30</sup> Altamirano (2012, p. 19) escreve que no começo do séc. XX, havia um monopólio da escrita por um grupo pequeno de letrados em uma sociedade majoritariamente analfabeta e que isso foi mudando principalmente a partir da segunda metade do século com um novo cenário intelectual se formando.

Obviamente essa transformação do letrado em intelectual é feita não de modo linear, mas por intermédio de mutações e transições ao longo do final do século XIX e início do XX. “Las transformaciones conciernen, pues, tanto de la situación de las élites ilustradas, como a las reconfiguraciones del espacio social en que ellas desempeñan un papel y a las representaciones ideológicas de ese papel” (ALTAMIRANO, 2008, p. 20). Em algum momento desta trajetória, a palavra “intelectual” passa a ser utilizada como definição e autodefinição. Altamirano (2010, p. 9) explica:

A medida que se ingrese en el siglo XX y a lo largo del resto de la centuria se puede registrar a hombres y mujeres, sean escritores o artistas, creadores o difusores, eruditos, expertos o ideólogos, en el papel que los hace socialmente más visibles: actores del debate público, el intelectual como ser cívico – ‘conciencia’ de su tiempo, intérprete de la nación o voz de su pueblo.

Altamirano parte do conceito de campo intelectual proposto por Pierre Bourdieu e o amplia para o campo cultural que envolve questões políticas e econômicas como essenciais para que os intelectuais desenvolvam suas ideias. Importante destacar que, aqui na América, não há um centro onde se desenvolvem e se difundem as ideias desses intelectuais, diferentemente do que ocorreu na Europa (ele cita Paris que se tornou um centro cultural para todo o continente europeu, não somente para a França). Cada país exerceu seus debates dentro de suas fronteiras sem que nenhum tomasse o posto de autoridade intelectual latino-americana, mas, na maioria dos casos, com os olhos postos no que ocorria na Europa:

“Europa. De ahí nos venía todo: la ciencia, el arte, la poesía, las ideas, las modas, los tejidos, la cocina”, escribió el crítico literario argentino Roberto Giusti al recordar el ingreso de su generación en la escena intelectual porteña a comienzos del siglo XX. “No faltaban voces que amonestaran a los demasiados serviles con el despótico monarca, reclamando más independencia en el campo artístico y literario”. [...] Pero el deseo de Europa no singularizaba a Buenos Aires: no palpataba menos en la ciudad de México, que en Lima o en Río de Janeiro (ALTAMIRANO, 2010, p. 11).

América Latina ainda não tinha uma identificação formada como continente. Somente depois da Primeira Guerra Mundial começará uma maior comunicação entre os diversos países de continente americano e, segundo Altamirano (2010, p. 12), pode-se considerar que, em alguns momentos, “América Latina casi funcionó como una sola arena cultural y política”. Para isso, cafés, jornais, revistas e universidades desempenharam o papel de alimentar as trocas e os estudos que impulsionarão a discussão dos intelectuais sobre uma identidade latino-americana.

A partir desse momento, duas revoluções marcarão o continente e contarão com o apoio e a colaboração de intelectuais: a Revolução Mexicana, de 1910, e a Revolução Cubana,

em 1959. A primeira inaugurou as revoluções agrárias e sociais do século XX. Outro fator marcante dela foi a ascensão de intelectuais de origem popular ao poder, pois antes eles atuavam somente na oposição. Seu campo de ação era a educação, a cultura, as atividades acadêmicas, mas também o ambiente político:

Sin lugar a dudas, la relación del Estado mexicano posrevolucionario con los intelectuales tiene características únicas. Para comenzar, dicho Estado asumió como propia, imprescindible e impostergable la función de fomentar una identidad nacional que definiera México como un país nacionalista, justiciero y progresista. Eso facilitó el establecimiento de relaciones fluidas y abiertas con los intelectuales, y hasta mediados del siglo XX apenas hubo quienes fueran críticos radicales del gobierno. En la medida que el Estado posrevolucionario mexicano no fue totalitario, los intelectuales pudieron mantener relaciones con los sucesivos gobiernos, de los que fueron ideólogos, funcionarios y representantes diplomáticos, o simplemente beneficiarios de sus numerosos proyectos educativos y culturales (GARCIADIEGO, 2010, p. 36-37).

Já a Revolução Cubana, mudou o cenário latino-americano profundamente. No que concerne aos intelectuais, houve uma apropriação dos espaços públicos de onde foi possível travar um diálogo com a sociedade. Foi a partir desse momento que compartilharam o sentimento de que era possível e necessário converter-se em agente da transformação do mundo, principalmente considerando o Terceiro Mundo. Conforme Claudia Gilman (2012, p. 59):

Los intelectuales elaboraron la hipótesis de que debían hacerse cargo de una delegación o mandato social que los volvía representantes de la humanidad, entendida indistintamente por entonces en términos de públicos, nación, clase, pueblo o continente, Tercer Mundo u otros colectivos posibles y pensables.

Dentro desse contexto, discute-se a relação entre ação cultural e ação política, mas essas proposições já estão presentes na América Latina desde o começo do século a partir das formulações da Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA). Na IV parte do segundo volume de *Historia de los Intelectuales en América Latina* (2010), encontra-se o texto de Martín Bergel, dedicado a analisar a trajetória do APRA, que é a primeira tentativa de organização política em torno de intelectuais na América. A proposta de José Carlos Mariátegui (1894-1930) e Víctor Raúl Haya de la Torre (1895-1979) era fundar uma vanguarda estética-política latino-americana que se basearia em uma concepção e prática da arte revolucionária. O objetivo era formar um partido de jovens intelectuais revolucionários. Acredita-se que essa primeira movimentação latino-americana pode ser percebida posteriormente nos autores estudados neste trabalho.

Pode-se notar nesse período, a ideia de entender a América Latina como um bloco. Os apristas buscavam um ideal que unisse todos os intelectuais. Em viagens a muitos países americanos e europeus foram ampliadas suas visões de mundo e cada vez mais sentiram a necessidade de tomar o poder para colocar em prática suas doutrinas. Essa primeira experiência peruana começou a formar o que se poderia considerar o intelectual engajado, que eles chamaram de novo revolucionário que estaria ligado diretamente à luta e que deveria estar sempre estudando:

En la imagen de Haya que los demás apristas hicieron suya, el nuevo revolucionario americano debía ser, además de un hombre entregado incansablemente a la acción, alguien preparado intelectualmente para la agitación política o para el diseño y la puesta en marcha de programas de transformación social” (BERGEL, 2010, p. 307).

Acredita-se que, neste quesito de intelectual revolucionário proposto por Mariátegui e Haya, tanto Cony quanto Walsh poderiam ser considerados. “La frontera política quedaba así establecida, y los intelectuales que ‘viven de su trabajo’, quedaban potencialmente incluidos (‘según su conciencia’) dentro del campo revolucionario” (BERGEL, 2010, p. 313). Ambos se colocam publicamente como intelectuais, pensam e dialogam com a sociedade dentro de seu campo de atuação: a literatura e o jornalismo. No entanto, quando se avalia a tomada de poder proposta, Cony estaria de fora, pois ele se afasta do enfrentamento a partir da segunda metade de 1965. Walsh, em compensação, entende, como Haya, que “la captura del poder incluía un momento de violencia” (BERGEL, 2010, p. 321). Por isso, ele se engaja à luta armada incorporando-se, em 1970, às *Fuerzas Armadas Peronistas* e, em 1973, à organização *Montoneros*:

El núcleo de fundadores apristas, a la postre por varias décadas líderes históricos del PAP, encarna un paradigma intelectual en transición. [...] estos jóvenes, guiados por la prédica y la acción de Haya de la Torre, buscan deliberadamente ir más allá de ella. Así, ya no ejercerán exclusivamente el rol de letrados o de educadores del pueblo, sino que serán incansables hombres de acción (BERGEL, 2010, p. 322-323).

Toda essa movimentação do APRA será intensificada, posteriormente, pelos intelectuais latino-americanos depois dos anos 1950. As causas são históricas e começam com a Revolução Cubana em 1959. Como escreve Marcelo Ridente (2010, p. 372):

En toda América Latina, desde fines de la década de 1950 y hasta la de 1970, muchos artistas e intelectuales buscaron desarrollar su ocupación específica y, al mismo tiempo, participar del proceso más amplio de transformación social, que tuvo su marco decisivo con la Revolución Cubana en 1959. Se apostaba al poder revolucionario de la palabra escrita, cantada, puesta en escena o filmada, cuando no a

la militancia directa de los artistas e intelectuales.

Segundo Marcelo Ridente<sup>31</sup>, Cony foi um dos expoentes da onda revolucionária que tomou conta da América Latina e do Brasil nos anos 1960 e 1970. Ressalta que houve, nessa época, a mudança no perfil dos artistas e escritores brasileiros que passam a ser considerados intelectuais, pois começam a atuar no contexto de combate direto ao golpe. Entre eles, cita no cinema Paulo César Saraceni e Glauber Rocha; na música Geraldo Vandré e Gilberto Gil; e na literatura Carlos Heitor Cony e Antonio Callado.

Liderada por el movimiento estudiantil, la oposición a la dictadura promovió una agitación política y cultural que iba desde las manifestaciones callejeras hasta el compromiso político en la música popular, en el cine, en el teatro, en las artes plásticas, en la literatura, en los ensayos y en la prensa. Al mismo tiempo, sectores significativos de la izquierda se preparaban para tomar las armas contra la dictadura, en una búsqueda por realizar la anhelada revolución brasileña<sup>32</sup> (RIDENTI, 2010, p. 375).

A mudança no perfil do intelectual pós-revolução cubana será observada também no texto “Los intelectuales de la literatura: cambio social y narrativas de identidad”, de Gonzalo Aguilar. O autor vai tratar do papel do crítico literário e como ele se projeta como uma figura pública a partir dos anos 1950. Toma como exemplo os intelectuais em torno da revista *Contorno*, na Argentina, e os acadêmicos da USP “que adquieren los centros académicos como espacios de modernización” (AGUILAR, 2010, p. 687).

Dentro desse contexto, Rodolfo Walsh, que desempenhou trabalho como crítico literário, poderia ser incluído neste rol de “intelectuales de la literatura” proposto no texto de Aguilar. Apesar de se diferenciar por não ter teorizado o assunto<sup>33</sup> como o fizeram estudiosos como o brasileiro Antonio Candido (1918-2017), o uruguaio Ángel Rama (1926-1983) e o peruano Antonio Cornejo Polar (1936-1997). Conforme escreve Aguilar (2010, p. 689) eles são:

quienes mejor representaron los diversos avatares de esta figura, además de encarnar de manera más integral la preocupación por el estudio sistemático de las literaturas nacionales y latinoamericanas, la radicalización política de los sectores medios a lo largo de la segunda mitad del siglo XX y la necesidad de pensar la relación de las

<sup>31</sup> Marcelo Ridenti é professor de Sociologia no IFCH da Unicamp. Parte de sua obra abarca a ação política durante o período do regime militar brasileiro pelos intelectuais e artistas. Seu artigo citado no trabalho está traduzido ao espanhol, pois faz parte do livro *Historia de los intelectuales en América Latina* editado em espanhol.

<sup>32</sup> Ridente analisa a questão da revolução proposta pela esquerda no Brasil a partir de 1964 em duas relevantes obras: *O fantasma da revolução brasileira* (2010) e *Brasilidade Revolucionária* (2010) em que vai analisar principalmente o papel da esquerda armada durante o período da ditadura e os reflexos dessa luta nos intelectuais e na cultura brasileira.

<sup>33</sup> Walsh irá demonstrar um profundo conhecimento de literatura e utilizará outras formas e meios para teorizá-la.

formaciones literarias con el poder en una cultura donde las formas de dominación suelen adquirir rasgos atroces.

Claudia Gilman analisa a figura do intelectual durante os anos 1960 e 1970, considerando as questões políticas que levaram a maioria desse grupo a questionar seu papel (ou novo papel) nessa sociedade atravessada pelas crises derivadas das revoluções e ditaduras desse período. São quatorze anos que vão desde a vitória da Revolução Cubana até a derrocada de Allende no Chile. A autora trata esse período como um bloco que trará consigo muitas considerações e problemáticas. E é justamente neste bloco que irão se localizar os textos de Cony e Walsh estudados neste trabalho.

La importancia política concedida al intelectual y a sus producciones específicas (especialmente la literatura) estuvo acompañada de una interrogación permanente sobre su valor o disvalor social y por la intensa voluntad programática de crear un arte político y revolucionario. De esta permanente interrogación surgieron respuestas transitorias y antagónicas (GILMAN, 2012, p. 29).

Um dos contrapontos sobre a história intelectual na América Latina é a tomada de posição de parte do grupo dos que se autodenominam revolucionários. Isso se deve a dois fatores: de um lado, o posicionamento dos escritores diante da revolução e das tradições literárias; de outro, o mercado editorial que com o *boom* latino-americano contrapôs escritores consagrados e revolucionários<sup>34</sup>.

El espacio de consagración mercantil generó posiciones de enfrentamiento en el campo literario, y 1967 (año de publicación del exitoso Cien Años de Soledad) significó el apogeo y el fin de las posibilidades de nuevas consagraciones en el mercado. Este fenómeno de clímax y agotamiento casi inmediato de las posibilidades del mercado editorial fue crucial en la constitución de ideologías o “figuras de escritor” y delimitó una frontera entre escritores considerados “revolucionarios” y escritores “consagrados” que llevó a releer peyorativamente el éxito según criterios políticos que consideraban al escritor consagrado en el mercado como traidor a sus deberes revolucionarios (GILMAN, 2012, p. 31).

Aqui Gilman expõe a questão e mostra como essa dinâmica marcou o posicionamento na época. Manifesta de modo claro como o fator político teve um peso muito grande nas discussões acerca do papel do escritor/intelectual neste momento histórico latino-americano.

Além disso, demonstra como a literatura criou desafios para a política por intermédio de seus procedimentos internos, como o narrador, os pontos de vista e os mascaramentos da

---

<sup>34</sup> Maurício de Bragança (2008), professor da Universidade Federal Fluminense escreve um artigo no qual examina os movimentos do boom e do pós-boom e as contradições dos discursos da crítica literária. O boom latino-americano foi um fenômeno dos anos sessenta que deu, a um grupo de escritores, uma visibilidade através da edição e reedição de obras marcadas pela filiação a uma nova narrativa hispano-americana.

opinião dos autores. Para os que estão no poder, ela causa perturbação e gera dúvidas porque não haveria distância entre o autor e o narrador, o que está sendo escrito passa a ser uma verdade para o público leitor da obra. Todos os questionamentos e teorias da literatura nada valem para os agentes políticos. A autora cita como exemplos da influência que o poder político atribui à literatura, a condenação à morte do escritor Salman Rushdie<sup>35</sup> e o desaparecimento dos escritores Haroldo Conti<sup>36</sup> e Rodolfo Walsh durante a ditadura militar argentina:

El enigmático estatuto de la ficción: documento, propaganda, mentira, invento, creación imaginaria, etc., explica el notable interés de los políticos y sus continuas aunque no siempre sistemáticas reflexiones acerca de la literatura. Por algo, muchos fueron los teóricos de la política que reflexionaron, con criterios más o menos abstractos, más o menos pragmáticos, sobre el carácter de la literatura y los servicios que podía prestar o negar a las causas políticas (GILMAN, 2012, p. 70-71).

A figura de intelectual proposta por Cony e Walsh se desenvolve nesse contexto histórico em que muito autores se dedicam a romances e crônicas sem uma preocupação política, enquanto eles se desnudam em suas obras, colocam em xeque o papel dos intelectuais nos momentos em que estão vivendo e escrevendo. Nenhum dos dois se exime de expor que cabe a quem escreve pensar e criticar o momento histórico, deixando aos historiadores a função de recopilar fatos e aos intelectuais a tarefa de refletir e agir para combater os desmandos de regimes autoritários. Suas trajetórias foram marcadas pela Revolução Cubana e posterior instauração de ditaduras militares ao longo do território americano, incluindo seus países. Muitos veículos da imprensa deixam de noticiar questões relevantes, assassinatos, injustiças. Eles fazem questão de colocar em evidência seu posicionamento diante desses acontecimentos.

Para isso vão utilizar principalmente os jornais que, junto com as revistas, serão os meios de divulgação das ideias na época. Neles, os escritores encontrarão um local privilegiado de exposição de seus pensamentos literários e políticos. Falando especificamente das revistas latino-americanas, Gilman (2012, p. 76) escreve como se criou por intermédio delas, uma rede que permitiu aos intelectuais se autoafirmarem como tais. Tudo por meio do discurso:

---

<sup>35</sup> Salman Rushdie nasceu na Índia de família muçulmana. Escreveu mais de 12 livros entre os quais *Versos Satânicos*, escrito em 1988. O livro foi censurado em diversos países e alvo de muitas manifestações na época de sua publicação. Em 1989, o líder supremo do Irã, o aiatolá Ruhollah Khomeini, proferiu um discurso incentivando o assassinato do escritor. Desde então, Rushdie vive sob escolta policial e se mudando constantemente por causa de atentados contra sua vida. O último atentado aconteceu em 12 de agosto de 2022. Nele perdeu um olho e os movimentos da mão.

<sup>36</sup> Haroldo Conti foi escritor, jornalista e roteirista. Nasceu em Chacabuco, Argentina, em 1925. Ganhou diversos prêmios, como *Casa de las Américas* e o Prêmio Fabril. Desapareceu dia 5 de maio de 1976, depois que um “grupo de tareas” o sequestrou em sua casa em Buenos Aires. Segue desaparecido até hoje.

La conformación de la red latinoamericana de revistas corroboró hasta qué punto los sujetos políticos se constituyen en el plano discursivo: ellas fueron uno de los escenarios donde los escritores se ratificaron como intelectuales, además de servir a la difusión de los autores y textos latinoamericanos de la época.

O número de revistas sendo lançadas no período é bastante significativo. Muitas tiveram uma vida curta, pois a maioria era editada por grupos de intelectuais e artistas sem muitos recursos financeiros, mas foram importantes para registrar os modos de pensar, as reflexões da época, as preocupações políticas e sociais. Como exemplos, pode-se pensar no jornal *Correio da Manhã* (Brasil), na *Revista Brasiliense* (Brasil), *Primera Plana* (Argentina), *Marcha* (Uruguay) e *Casa de las Américas* (Cuba).

### 3.2 Cony e a hora dos intelectuais

O início da carreira de escritor de Carlos Heitor Cony inicia com os romances *O Ventre* (1958) e *A Verdade de Cada dia* (1959), além da série de crônicas *Da arte de falar mal* (1963). Também trabalhou como redator na Rádio *Jornal do Brasil*. Sua literatura expõe o drama do homem comum, permeado do humor sarcástico característico do autor. *O Ato e o Fato*, de 1964, inaugura uma nova fase em que o fator político passa a estar mais presente e o tom ácido e o deboche ganharão uma nova força.

O livro *O Ato e o Fato* é composto de crônicas publicadas no jornal *Correio da Manhã* a partir de 02 de abril até o início de junho de 1964. Nele fica evidente que o autor sente a necessidade de expor os acontecimentos desencadeados pelo Golpe Civil Militar no Brasil. Até esse momento, em suas obras havia uma crítica à hipocrisia do homem na sociedade. Suas crônicas eram cenas de rua. No entanto, os fatos ocorridos dia 31 de março o levam a posicionar-se “ante o fato político” (CONY, 1964, p. XVII). A partir dos textos de abril de 1964, no entanto, há a urgência de não calar. Ao longo do livro, Cony (1964, p. XVII) escreve sobre seu papel de escritor e jornalista e se posiciona com relação a questões políticas de forma bastante contundente:

Em primeiro lugar, gostaria de situar-me ante o fato político. Sou, em substância, um escritor que pretende uma obra literária, programada inicialmente para dez romances, seis dos quais já estão impressos ou reimpressos. Jamais subordinaria minha obra literária às emoções do momento. Isso não significa, porém, que minha obra não tenha um sentido de evidente agressão política. Se é verdade que em nenhum dos meus romances abordei frontalmente o comportamento político, se é verdade que nunca engajei a uma facção ou a uma contrafacção do pensamento, também é verdade que em todos os meus livros será encontrada não uma verdade – que repilo a palavra e o conceito de mensagem – mas uma idéia central em torno da qual aglutino outras idéias.

O escritor deixará clara a imprescindível obrigação de os intelectuais marcarem posição diante do fato histórico, deixando aos historiadores a tarefa de documentar os feitos e aos intelectuais, a denúncia, apesar do medo. Mostra a necessidade crucial do senso crítico para esclarecer à população as notícias que estavam sendo censuradas. Diz Cony (1964, p. 58) “O que posso fazer, faço: berro contra isso. Quem estiver nesta mesma situação que faça também o que seja possível. Se possível, faça o impossível”. Para ele, apesar da comodidade de fechar a boca e cruzar os braços, essa não é uma postura que ele aceite.

Seu posicionamento sobre questões políticas, causado justamente pelo seu pensamento sobre a importância da tomada de posição com relação aos fatores políticos e pela sua forma direta de fazê-lo, foi motivo de prisões ao longo da vida do autor. Cony foi preso seis vezes, além de ter sido ameaçado em diversos momentos por meio de telefonemas. Em entrevista à jornalista Raquel Carneiro para a revista *Veja*, comenta suas memórias sobre suas prisões:

Foram cinco prisões e uma detenção, totalizando seis. A primeira foi em um processo do Costa e Silva. Depois, em 1965, participei da manifestação contra o Castelo Branco, por causa de uma reunião da OEA, na porta do Hotel Glória. Junto comigo estavam Antonio Callado, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Flávio Rangel, Mário Carneiro, Márcio Moreira Alves e Jaime Rodrigues. [...] Ficamos presos uns 20 dias. Flávio ficava fazendo discursos, Glauber escrevendo o roteiro de Terra em Transe. Depois fui preso em 1968, em casa. Mais tarde, no carnaval, correu a notícia que haveria uma manifestação da esquerda. Para evitar qualquer problema, prenderam por uma semana algumas pessoas. No caso, eu estava indo para praia e fui preso, sem motivos. Depois fui preso, em 1969, quando Carlos Marighella foi morto. Por fim, quando voltava de Cuba fui pego dentro do avião (CONY, 2014).

Aqui é possível ver o que Cony já antecipava em suas crônicas do período: as arbitrariedades nas prisões, isso mesmo antes do AI-5. Depois dele, a situação ficou ainda mais crítica. Segundo o escritor, ficou insustentável permanecer no país e ele acaba se autoexilando em Cuba. “A maioria de nós fez isso. Não aguentávamos mais viver aqui. Minha casa foi invadida diversas vezes, uma vez agrediram minhas duas empregadas. Éramos presos sem razão” (CONY, 2014). Cita também os casos do político Rubens Paiva<sup>37</sup> e do jornalista Vladimir Herzog<sup>38</sup> que repercutiram internacionalmente e mostraram como estava a situação política no Brasil.

<sup>37</sup> O engenheiro e político Rubens Paiva teve sua casa invadida por seis militares. Foi preso no DOI-Codí e torturado até a morte. Somente em março de 2014, depois do depoimento do coronel reformado, Paulo Malhães, sua morte foi confirmada.

<sup>38</sup> Vladimir Herzog, jornalista, professor e cineasta. Foi chamado para prestar esclarecimentos na sede do DOI-Codí, onde se apresentou voluntariamente, no dia 24 de outubro de 1975. Foi assassinado depois de ter sido torturado pela ditadura militar. A versão de seu suicídio foi comprovada como falsa pela Justiça Federal em 1976.

Cony viveu na pele as perseguições, prisões e o autoritarismo do período ditatorial e, apesar disso, não se eximiu de expor sua opinião e escrever sobre o papel dos intelectuais neste momento. Em crônica datada no dia 23 de maio de 1964, intitulada “A Hora dos Intelectuais”, clama à tomada de decisão, de posicionamento ante o regime opressor. Diz que os intelectuais têm o dever de ser a “consciência da sociedade”:

E se, diante de tantos crimes contra a pessoa humana e contra a cultura, os intelectuais brasileiros não moverem um dedo, estarão simplesmente abdicando de sua responsabilidade, estarão traindo o seu papel social e estarão dando uma demonstração internacional de mediocridade moral (CONY, 1964, p. 81).

Com duras palavras, o escritor ressalta como é importante que as pessoas que estão a par do que está acontecendo sejam capazes de se pronunciar diante dos fatos. Ressalta que em todos os níveis sociais profissionais estão sendo presos e perseguidos, que as prisões estão cheias e que todos os dias novos encarceramentos são feitos: “a cada momento a ditadura militar se torna mais evidente e cruel” (CONY, 1964, p. 82). Ele termina sua crônica com um pedido e uma premonição:

“Os intelectuais brasileiros precisam, urgente e inadiavelmente, mostrar um pouco mais de coragem e de vergonha. Se os intelectuais não se dispuserem a lutar agora – talvez muito em breve não tenham mais o que defender” (CONY, 1964, p. 82).

Importante destacar que esses primeiros textos acontecem nos primeiros meses após o Golpe Militar e Cony é um dos primeiros jornalistas a se posicionar contra o regime. Elio Gaspari (2002, p. 132) no livro *A Ditadura Envergonhada*, escreve sobre Cony: “O medo entrara na transação política. De sua coluna diária no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, Carlos Heitor Cony, primeira voz destemida a denunciar as violências”. Destaca-se também o lugar do jornal *Correio da Manhã*, onde o autor trabalhava e seu protagonismo em cenário marcado pelo autossilenciamento e pela censura.

O jornal foi editado na cidade do Rio de Janeiro de 1901 a 1974. Em sua dissertação, Eduardo Zayat Chammas (2012) estuda os editoriais do jornal entre os anos 1964 e 1968 e o caracteriza como de “oposição combativo e crítico aos poderes estabelecidos da República”. Sob o comando de Niomar Moniz Sodré Bittencourt, a partir de 1963, manteve a criticidade e inconformidade próprias do periódico tanto em relação ao governo de João Goulart<sup>39</sup> quanto ao

---

<sup>39</sup> Dia 31 de março e 01 de abril de 1964 o jornal publicou os editoriais “Basta!” e “Fora!” que defendiam a deposição de Jango da Presidência e exaltavam a ação dos militares, no entanto, em poucos dias passou a fazer oposição radical aos militares se tornando inclusive referência para os que lutavam contra o regime (CHAMMAS, 2012, p. 28).

golpe militar de 1964. Apesar de apoiar a deposição de Jango, houve medo do regime de exceção que se viu instaurado no Brasil. Por isso foi publicado um texto, logo no dia 02 de abril, em que ele se colocava disposto a lutar pela democracia e pela liberdade:

Chama a atenção o fato de que o mesmo jornal que apoiou de forma despuorada o golpismo de 31 de março e 1º de abril antevê alguns dos dilemas que virão a seguir. O jornal apostou em uma ação – o golpe em nome da democracia – que continha em si sua contradição de maneira gigante – a gênese de uma ditadura. Percebe-se que há inquietude quanto aos rumos políticos do país (CHAMMAS, 2012, p. 39).

Ênio Silveira, editor do jornal e amigo de Cony, escreve o prefácio da primeira edição de *O Ato e o Fato*. Nele faz um panorama político do pós-golpe para tentar entender as artimanhas e consequências dele e destaca a importância do jornal como porta voz:

Foi nesse ambiente de pânico e confusão de vilanias, de sadismo, de boçalidade, que um jornal – o CORREIO DA MANHÃ – começou a erguer no Rio de Janeiro, com a força de seu prestígio, uma primeira e corajosa linha de defesa da democracia ofendida e humilhada pelas pérfidas manobras dos inimigos da emancipação nacional; rebelou-se contra as injustiças que vinham cometendo, em nome de princípios vagos e subjetivos, os militares que, salvo exceções, haviam sido inocentes úteis na felonía armada por banqueiros e latifundiários (SILVEIRA, 1964).

Neste pequeno trecho, já se pode perceber o quanto o Golpe serviu a uma parcela mais abastada da população e também se pode observar a influência dos EUA no processo da confecção da ditadura no Brasil. Nota-se também a relevância das propostas do governo de Jango e de que forma as reformas de base pretendidas criaram o cenário possível para o que Ênio chama de “peça medíocre” e “farsa trágica que é a vida política brasileira”<sup>40</sup> (SILVEIRA, 1964) e que levam ao triste caminho que foi a ditadura militar brasileira. Cony (1964, p. 103-104) ressalta, em sua crônica de junho de 1964, que o que aconteceu foi articulado por um grupo que sabia muito bem o que queria e como as propostas pensadas poderiam prejudicar interesses pessoais:

Analisemos os fatos. As influências dos grupos econômicos estrangeiros já passaram recibo com firmas reconhecidas. Acredito que muitos inocentes que foram para a rua lutar contra o sr. João Goulart ignoravam que, no fundo, aquilo tudo fôra previsto, combinado e subvencionado por grupos preocupados em “dar segurança aos investimentos” – metáfora que arranjaram para designar a intromissão em nossos assuntos internos.

---

<sup>40</sup> O título do prefácio é “A farsa de abril ou o mito da honradez cívica” e a epígrafe é um trecho do livro *Julius Caesar* de William Shakespeare (SILVEIRA, 1964, p. IX).

Ênio Silveira destaca alguns jornalistas importantes que estiveram nessa campanha de denúncia do *Correio da Manhã*: “foram soldados que não se retraíram diante do perigo e deram forma e substância a essa contra-ofensiva” como Otto Maria Carpeaux, Antonio Callado, Edmundo Moniz, entre outros (SILVEIRA, 1964, p. XVI). Por fim, exalta o papel de Cony nesse processo de desmantelamento da farsa e tentativa de denunciar o que estava acontecendo. Coloca-o como um protagonista, um “panfletário”, que atuou solitariamente e com coragem. Ressalta que ele não tinha filiação partidária. Escreve que Cony sempre rompia em suas obras com as estruturas impostas pela sociedade, expondo as contradições e falsidades do homem:

Lôbo solitário de feroz individualismo, escritor que se caracteriza pela audácia em que rompe, em seus romances, todos os cânones da hipocrisia burguesa, Cony passou a desempenhar conscientemente o papel de aríete com que os homens livres forçavam as portas da masmorra ditatorial que os notórios inimigos da democracia desejavam construir no Brasil (SILVEIRA, 1964, p. XVI).

A figura de Cony, durante o início da ditadura no Brasil, é singular. Ele foi um dos primeiros a se posicionar contra o golpe. Desde o começo, foi muito crítico com relação a seu papel como intelectual, por isso é compreensível sua reação quando foi publicada uma matéria paga um dia após o Golpe Civil Militar por “um grupo de democratas”, que Cony define como “mais diretamente comprometidos e beneficiados pela quartelada”. O problema não foi o teor da publicação, do qual o escritor se orgulhava de fazer parte, mas a introdução ao texto que dizia que os nomes listados ali eram culpados por contribuir com a comunização do Brasil. Isso ele considerou uma “provocação odiosa” (CONY, 1964, p. XIX).

Cony transcreve o “Manifesto dos Intelectuais”, que foi criado em 07 de outubro de 1963, e inclui a lista de signatários e membros fundadores em sua coluna, formada por pessoas de várias áreas da cultura (dramaturgia, música, educação, artes, jornalismo, entre outros). Ressalta a finalidade do Comando dos Trabalhadores Intelectuais que surge como um modo de os intelectuais se configurarem como setor organizado de luta e para que pudessem se pronunciar diante da situação política no Brasil. Obviamente a publicação do manifesto dias após o golpe de 64, como Cony (1964, p. 9) escreve, teve a finalidade de chamar “a atenção do ‘alto comando militar’” para os nomes que ali figuravam. Os objetivos do Manifesto eram:

- a) Congregar trabalhadores intelectuais, na sua mais ampla e autêntica conceituação;
- b) Apoiar as reivindicações específicas de cada setor da cultura brasileira, fortalecendo-as dentro de uma ação geral, efetiva e solidária;
- c) Participar da formação de uma frente única, democrática e nacionalista, com as demais forças populares, arregimentadas na marcha por uma estruturação melhor da sociedade brasileira (CONY, 1964, p. 5).

Em seguida, em sua crônica de 7 de abril de 1964, que chamou de *O sangue e a palhaçada*, Cony critica o caráter anônimo da publicação: “Escondido no pseudônimo coletivo, alguns valentes e cristãos personagens fizeram publicar em jornais desta praça [...] o manifesto de fundação do Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI)” (CONY, 1964, p. 9). Pelo título do texto, já se pode antever a crítica. O autor expõe seus direitos como cidadão de se agrupar e defender as ideias nas quais acredita. Ele escreve que sempre desaprovou em suas obras a hipocrisia de todo tipo que existe na sociedade, seja ela de ordem social, sexual, política:

Apesar de não estar de acordo com as ideias de alguns membros e de o termo “nacionalista” não agradar a Cony, ele deixa claro que concorda com as propostas do movimento e quer ter o direito de pensar e se expressar livremente. Esclarece que nunca defendeu um ou outro governo, que sua escrita sempre foi crítica e lembra da necessidade de lutar pelos ideais nos quais se acredita.

Meu nome – e tenho muita honra nisso – figura e figurará em qualquer manifesto que, em essência, seja idêntico ou análogo ao que aí está. Tenho o direito de me congreguar em sociedade. Tenho o direito e o dever de participar da luta por uma estrutura melhor da sociedade brasileira, pois não considero isto que aí está “melhor” (CONY, 1964, p. 10).

Desde então, ele se assume como escritor, jornalista e intelectual que não se curvaria ante o silenciamento imposto pelo regime vigente ou por qualquer outro governo eleito ou não. Mostra-se como alguém que não apresenta mais dúvidas sobre seu papel diante dos fatos políticos. Mais do que isso, Cony (1964, p. 14) marca posição sobre a importância dos intelectuais neste momento da história brasileira:

Não farei apelos aos líderes vitoriosos. São homens muito importantes para se darem ao trabalho de ler o insignificante escriba. Apelo para meus colegas de profissão, os que escrevem, os que exercem atividade intelectual, os que ensinam, os que aprendem: não é hora para o medo. Marquemos cada qual a nossa posição. Um, dois, dez, mil, um milhão, não importa. É preciso que se denuncie a nudez do rei. Não deixemos esta tarefa – ou obrigação – para os lactentes.

O que Cony chama de “a nudez do rei” é o fato de os chefes da dita “revolução”<sup>41</sup> ignorarem a vontade popular que, por meio do voto, escolheu o presidente do país. Ele chama

---

<sup>41</sup> Edmundo Moniz (1964, p. 120-121) vai criticar o termo em crônica intitulada “Golpe e Revolução” que foi colocada como apêndice no final do livro *O Ato e o Fato*. Ele contesta a expressão Revolução e chama de movimento militar, pois: “uma revolução constitui, precisamente, a transformação da estrutura social de um País, correspondendo aos anseios da maioria da coletividade”. Cony inclui esta e outras crônicas por entender que “são trabalhos que se encaixam perfeitamente no meu pensamento e completam alguns ângulos que, por falta de tempo

isso de traição da dignidade humana e convoca à denúncia. No mesmo dia em que é publicada essa crônica, no dia 9 de abril de 1964, na qual o autor termina dizendo acreditar no futuro, é editado o primeiro da série de Atos Institucionais. Neste momento há uma indignação muito grande, e as crônicas passam a ser ainda mais incisivas contra o governo imposto. Há duas crônicas bem emblemáticas desse momento: “O Ato e o Fato” e “Revolução dos Caranguejos”, em que o escritor escreve sobre o apetite e a tirania dos militares brasileiro e cobra que “Até agora, essa chamada Revolução não disse a que veio” (CONY, 1964, p. 18).

Como resposta à promulgação do AI-1, o *Correio da Manhã* escreve um editorial posicionando-se contra ele. Inclusive Chammas (2012) ressalta que o jornal vai chamar a atenção para a ameaça às liberdades e às garantias individuais diante da tutela política dos militares. Apesar de ter apoiado o golpe, passa a ver com muitas ressalvas a militarização que estava acontecendo no país. Já Cony (1964, p. 15), em sua crônica, irá lamentar e criticar a opressão do ato “simples e tiranicamente imposto a uma Nação perplexa”.

Mais tarde, em junho de 1964, o escritor voltará a falar na crônica intitulada “O Ato e o Fato” e vai ressaltar que o “Ato Institucional [...] nos mutilou como homens e nos envergonhou como Nação” (CONY, 1964, p. 110). Nesta, a penúltima crônica do livro, e na última, “Uma palavra ainda”, reforçará a oposição entre os militares e os intelectuais e a necessidade de lutar para evitar o naufrágio total e irrecuperável”. Sempre com o olhar no futuro:

Está feita a corrida, rumo ao futuro. De um lado, os generais com suas fardas e suas burrices; de outro, o insignificante escriba que os combateu. O futuro dirá quem fez ou está fazendo o papel de idiota. Corro o risco com muito prazer e até com algum orgulho (CONY, 1964, p. 110).

Em 1967, Cony lança o livro *Pessach, a travessia*, que é citado por Marcelo Ridente como um dos romances que trata sobre a revolução brasileira e o combate à ditadura. Nele o autor retrata a vida de um escritor, Paulo Simões, no dia de seu aniversário de 40 anos e que acaba sendo levado pelos acontecimentos até a luta armada. Observam-se as diferentes escolhas que o levam de uma vida tranquila e alienada à guerrilha. É interessante acompanhar as dúvidas da personagem nessa travessia que são as mesmas que enfrentam muitas pessoas da época, como a perseguição política e as incertezas no dia a dia. Alguns estudiosos consideram o livro um retrato autobiográfico de Cony<sup>42</sup>.

---

ou por incompetência pessoal, não pude abordar” (CONY, 1964, p. XIX).

<sup>42</sup> Raquel Illescas Bueno (2008) vai tratar de *Pessach* como relato autobiográfico de Cony em sua tese de doutorado “Os invólucros da memória na ficção de Carlos Heitor Cony”.

O livro conta a história de Paulo, escritor divorciado, que é convidado por Sílvio, um amigo, a participar da luta armada. Apesar de não aceitar o convite, acaba envolvido com o grupo rebelde por causa de Vera. Ela, que era amiga de Sílvio, só o tinha visto uma vez, mas se mete em seu carro para fugir do Rio de Janeiro. Na fuga encontram um foragido do grupo que fora resgatado depois de ter sido torturado. Dessa forma, Paulo acaba no lugar chamado Fazenda de onde não poderá sair devido ao risco para os demais frequentadores do local. Dali viajará com guerrilheiros para o Rio Grande do Sul, onde parte do grupo é morto e somente resta fugir pela fronteira junto com os poucos que restaram.

A obra foi analisada a partir de diferentes perspectivas. Alguns a consideram um retrato do escritor alienado que, ao deparar-se com a militância, acaba optando pela luta contra a ditadura. No entanto, outros consideram que a obra mostra uma dimensão individualista e desligada da realidade. Não haveria na personagem uma tomada de consciência, mas um deixar-se levar pelas circunstâncias. A obra foi bastante criticada na época e rendeu a Cony a inimizade do Partido Comunista, pois o texto traz críticas ao partido e às organizações de esquerda<sup>43</sup>.

Convém ressaltar que o livro apresenta um destino à personagem que difere do de Cony. Enquanto Paulo Simões entra na luta armada (por vontade própria ou levado apenas pelas circunstâncias) e finaliza o romance com a aurora, como único sobrevivente de seu grupo e desenterrando a metralhadora, Cony não se aproxima da guerrilha, inclusive sua obra diretamente contra a ditadura militar brasileira se resume a poucos livros. Apesar disso, a política acaba voltando a seu texto, mas com um olhar diferente, já não tão evidente e crítico como nessa época.

As considerações sobre a importância do intelectual no período e o valor da literatura neste momento histórico aparecem no romance, mas a personagem não quer se intrometer nessa questão. As atitudes do autor e do editor se contrapõem, pois este acredita que o trabalho do autor deve trazer consciência.

— Não sei e não aprovo, mesmo não sabendo. Minha trincheira é aqui, nesta editora, publicando livros que, de uma forma ou outra, ajudam a criar uma consciência de nossos problemas e uma antevisão de nossas soluções. Fora destes termos, ninguém pode contar comigo para nada. Você sabe disso.

— Meu caso é mais ou menos semelhante. Apenas, não tenho tamanha ambição, não pretendo criar consciência em ninguém, eu mesmo desconfio que tenha uma consciência. Mas a verdade é que o camarada foi lá em casa e me convidou. Disse que há condições objetivas.

[...]

— Olha, quero ser bastante claro, já disse que é estupidez partir para uma luta dessas. Mesmo que haja condições objetivas – o que eu não creio. Mas a sua participação

<sup>43</sup> Para aprofundar o assunto, recomendo o texto de Denílson Cajazeiro (2011): “Pessach: a travessia?”.

nisso é mais que um equívoco, é uma palhaçada. Se você, por acaso, quiser tomar uma atitude, escreva alguma coisa séria, que denuncie, que traga uma problemática útil à sociedade (CONY, 1967, p. 93).

Como se pode ver neste diálogo entre os dois, a problemática colocada é a do papel do intelectual (especificamente o escritor) nesse período. Enquanto um acredita na criação de uma consciência a partir do que edita, o outro discorda e se recusa a escrever contra um governo ou outro. São duas visões com as quais Gilman trabalha, mas ela considera uma terceira: a do escritor que deixa a literatura para pegar em armas, que é justamente, e não por acaso, o que o escritor do romance fará posteriormente, engajando-se à guerrilha no sul do Brasil.

No que concerne ao intelectual Carlos Heitor Cony, apesar das duras críticas aos militares nos dias que se seguiram ao golpe civil militar no Brasil esboçadas em crônicas como “Revolução dos Caranguejos” e “O sangue a palhaçada”, ele não se coloca como um intelectual de esquerda, revolucionário, ou de direita. É possível lembrar o posicionamento da personagem principal de *Pessach* que escrevia livros alienados, sem compromisso ou engajamento como o “acusa” o editor (CONY, 1967, p. 92). Essa imparcialidade que incomoda vai contrastar com suas atitudes no decorrer da trama.

Do mesmo modo, a neutralidade de Cony ao não se assumir como intelectual revolucionário contrasta com seus textos em *O Ato e o Fato*. No livro há um chamado urgente ao posicionamento intelectual. Seus textos evidenciam a importância da análise política no período e fazem, a todo momento, a denúncia das atrocidades que estavam acontecendo depois do Golpe Civil Militar no Brasil. Importante ressaltar que esses atos cruéis estavam sendo cometidos antes do AI-5, que muitas vezes é considerado o momento em que começam as perversidades do governo militar<sup>44</sup>. Cony e jornalistas do *Correio da Manhã* fizeram uma campanha aberta contra o silêncio do governo com relação às torturas. Poucos escritores tiveram a coragem de mostrar que já nos primeiros meses houve mortes, prisões arbitrárias, injustiças.

Apesar desse caráter tão crítico de seus textos, poucos trabalhos do escritor seguirão posteriormente tratando do compromisso político. Sua obra deixará de mostrar de forma explícita essa preocupação, no entanto não há como negar sua importância naquele momento histórico, pois foi um dos escritores mais perseguidos durante o período. Tudo isso porque fez

---

<sup>44</sup> Elio Gaspari (2002, p. 142) escreve que “os acontecimentos posteriores a 1968, quando o regime assumiu sua natureza ditatorial por meio do AI-5, fizeram que se desse pouca importância à natureza da violência aparecida em 64 e à forma como ela foi enfrentada pelo governo Castello Branco”. O primeiro governo militar não conseguiu conter a tortura que acontecia e ela foi crescendo incontrolável nos anos seguintes.

questão de expor sua opinião e evidenciar as arbitrariedades que estavam acontecendo depois de abril de 1964.

### 3.3 Walsh intelectualidade e luta armada

Rodolfo Walsh tem uma obra variada. Seus textos iniciais estão relacionados a contos e antologias policiais que editou. Neste primeiro momento, o autor não tinha uma preocupação política ou social, talvez por isso, muitos anos depois, o escritor começaria a repudiar esses primeiros contos. “Mi primer libro fueron tres novelas cortas en género policial, del que hoy abomino. Lo hice en un mes, sin pensar en la literatura, aunque sí en la diversión y el dinero” (WALSH, 2012, p. 14-15). Daniel Link, estudioso da vida e obra do autor, vai dizer que estas duas facetas da obra de Walsh “se excluem mutuamente, al menos en el propio imaginario del escritor” (LINK, 2021, p. 89).

Apesar da relutância de Walsh em considerar sua obra policial como verdadeira literatura, a crítica vai premiar e elogiar a qualidade dos seus textos. Sua prosa em estilo ágil, direto, chama a atenção e seus detetives, vítimas e intrincados enigmas atraem o público até os dias de hoje. Sua paixão pela verdade atravessou os tempos e a qualidade de seus textos segue encantando leitores. Além dessa capacidade de narrar, o autor argentino desenvolve um olhar crítico no que diz respeito à literatura e à política. Começa analisando a literatura policial, mas desenvolve essa mirada ao longo dos anos, chegando a pensar a fundo a relação do homem de letras com o mundo ao seu redor.

Em 1957, Walsh (2012, p. 38) escreve uma carta a seu amigo Donald Yates na qual discorre sobre a questão da literatura policial na Argentina durante os governos de Perón e Aramburu. Segundo o autor, a liberdade da imprensa está diretamente ligada à publicação e difusão dos livros policiais, pois, diante das “estupideces publicitarias” que os jornais peronistas veiculam, não resta ao leitor outra alternativa a não ser voltar-se para a literatura policial:

En los dos o tres primeros años de Perón hubo una relativa libertad de prensa. Después, en cambio, muchos escritores buscaron en la novela policial un derivativo, una evasión de la realidad. Como no podían hablar de temas políticos y sociales, se dedicaron a inventar ficciones policiales. La falta de libertad y de democracia en el plano de la “élite” intelectual puede así considerarse como factor decisivo en el desarrollo de la novela policial, contrariamente a la tesis de Haycraft.

Além da literatura policial, que será muito influenciada pelo estilo de Borges – Martín Pietro (2006), escreve que tanto o livro quanto o conto “La muerte y la brújula” marcarão

profundamente a linguagem e as personagens do escritor –, estes primeiros anos serão de publicações jornalísticas: notas sobre literatura e informações de cunho geral em *Leoplán*. Em 1955, começa a escrever notas em série, mas definitivamente o ano de 1956 é o que mudará sua carreira. O que define essa mudança é a notícia que lhe “llegó de forma casual, a fines de ese año [o ano é 1956], en un café de La Plata donde se jugaba al ajedrez, se hablaba más de Keres o Nimzovitch<sup>45</sup> que de Aramburu y Rojas”<sup>46</sup> (WALSH, 2001, p. 17). Na mesma carta a Yates, de 1957, Walsh trata sobre sua investigação para o caso Livraga e declara que ele “es un precedente funesto”, pois, apesar da gravidade dos fatos expostos, já antevia que não haveria como reparar os danos feitos às vítimas e a seus familiares.

En 1956 una inesperada señal, la de “un fusilado que vive”, lo arrastró hacia una deriva impensada que lo marcó de manera decisiva. La investigación que realizó sobre los fusilamientos en los basurales de José León Suárez determinó una singular combinatoria: la tensa pero fructífera relación entre compromiso, investigación política y literatura (REYDÓ, 2017, p. 14).

Walsh, até esse momento, não havia tido qualquer preocupação política. Essa investigação, em 1956, é o início de seu posicionamento político. Com a escrita de *Operación Masacre*, o escritor passa a ver o mundo com outros olhos. Sua estética passa a estar subordinada à eficácia política. Não haverá mais para Walsh arte sem vinculação com a política. Em entrevista a Ricardo Piglia, em 1970, essa problematização fica evidenciada quando Walsh (2013, p. 513)<sup>47</sup> fala:

[...] no concibo hoy el arte si no está relacionado directamente con la política, con la situación del momento que se vive en un país dado, si no está eso, para mí le falta algo para poder ser arte. No es una cosa caprichosa, no es una cosa que simplemente la siento, sino que corresponde al desarrollo general de la conciencia en este momento, que incluye, por cierto, la conciencia de algunos escritores e intelectuales, y que realmente va a ser muy clara a medida que avancen los procesos sociales y políticos, porque es imposible hoy en la Argentina hacer literatura desvinculada de la política o hacer arte desvinculado de la política, es decir, si está desvinculado de la política por esa sola definición ya no va a ser arte ni va a ser política.

Este posicionamento coloca em um lugar especial o que Walsh chama de literatura de *testimonio* que inclui as obras que o escritor considera de muita importância: *Operación*

<sup>45</sup> Paul Petrocich Keres nasceu em 7 de janeiro de 1916, em Narva, na Estônia. Em 1935, aos 19 anos, tornou-se campeão nacional de xadrez ao derrotar Gunnar Friedemann. Aaron Nimzovitsch nasceu na Letônia, em 1886, foi um grande pensador e criou novos sistemas de abertura ampliando os limites do xadrez.

<sup>46</sup> Políticos argentinos. Pedro Eugenio Aramburu foi presidente da Argentina entre 1955 e 1958. Isaac Francisco Rojas foi um almirante conhecido por derrotar o governo de Perón em 1955 e assumir a vice-presidência da nação.

<sup>47</sup> Essa entrevista foi publicada originalmente como prólogo em “Un kkmjhnoscuro día de justicia”, publicado por Siglo XXI em Buenos Aires em 1972, mas o texto aqui citado foi retirado da obra *Cuentos Completos*, de 2013.

*Masacre*, *¿Quién mató a Rosendo?* e *El Caso Satanowsky*. Todos estes livros são investigações que o escritor realiza e, em diversos momentos, o levam à clandestinidade. Desde sua primeira investigação, o argentino escreve a um amigo explicando que precisou se ausentar de casa por precaução e que tem que conciliar sua “escasa libertad de movimientos” (WALSH, 2012, p. 41).

Essa literatura de *testimonio* vai se alternar com os contos policiais e com as atividades jornalísticas de Walsh, mas não há como negar que toda literatura do escritor fica, a partir de *Operación Masacre*, subordinada às investigações a que ele vai se dedicar. “La marca de Walsh es la politización de la investigación: el misterio está en la sociedad y no es otra cosa que una mentira deliberada que es preciso destruir con evidencias” (PIGLIA, 2013, p. 15). Mesmo seus contos serão estruturados em torno de um mistério, dessa busca pela verdade. Pode-se tomar como exemplo o conto “Esa mujer”, em que o argentino constrói sua história em cima do mistério do desaparecimento do corpo de Eva Perón. Piglia (2013, p. 15) comenta esse processo no prólogo a *Cuentos Completos*:

Las dos poéticas de Walsh están unidas en un punto que sirve de eje a toda su obra: la investigación como uno de los modos básicos de darle forma al material narrativo. El desciframiento, la búsqueda de la verdad, el trabajo con el secreto el rigor de la reconstrucción: los textos se arman sobre un enigma, un elemento desconocido que es la clave de la historia que se narra. La mayoría de los cuentos de este libro no son estructuralmente muy distintos al *Caso Satanowsky* o a *¿Quién mató a Rosendo?*. El relato gira alrededor de un vacío, de algo enigmático que es preciso descifrar, y el texto yuxtapone rastros, datos, signos, hasta armar un gran caleidoscopio que permite captar fragmentos de la realidad.

Uma diferença entre a construção de seus contos e de seus livros de investigação consiste em que, nos primeiros, ele dá os elementos ao leitor para que ele encontre a verdade sobre o fato a partir do que está posto. Nos relatos investigativos, o autor coloca todas as evidências porque é essencial mostrar toda a verdade: os lugares, os fatos, as pessoas. Essa diferença entre ficção e não ficção é um ponto importante na obra de Walsh.

Provavelmente dessa consciência tenha nascido a premissa de que o romance e o conto são concepções burguesas também, dentro desse pensamento, se poderia pensar que o romance é uma categoria superior à denúncia ou à literatura de *testimonio*. Isso fica evidente em entrevista a Piglia em que Walsh (2013, p. 511) comenta sobre um jornalista que perguntou por que ele não havia escrito um romance com a história de Rosendo Garcia, em *¿Quién mató a Rosendo?* Ao que responde que “evidentemente la denuncia traducida al arte de la novela se vuelve inofensiva, no molesta para nada, es decir, se sacraliza como arte”.

O que Walsh (2013, p. 515-516) propõe então é justamente dessacralizar a literatura, desacomodar os escritores para que possam atuar efetivamente na sociedade diante dos dilemas políticos que estão sendo propostos no momento. É necessário questionar o papel do escritor de esquerda, pois “desde la derecha no hay ningún problema para seguir haciendo literatura. Ningún escritor de derecha se plantea si en vez de hacer literatura no es mejor entrar en la Legión Cívica”. É fundamental fazer do romance um veículo subversivo:

Desde los comienzos de la burguesía, la literatura de ficción desempeñó un importante papel subversivo que hoy no lo está desempeñando, pero tienen que existir maneras de que vuelva a desempeñarlo y encontrarlas. Entonces, en este caso, habrá una justificación para el novelista en la medida en que se demuestre que sus libros mueven, subvierten. Por otro lado, mientras uno está fuera de todo contacto con la acción política, ya sea directa o por el medio que te rodea, uno está alienado en el concepto burgués de la literatura (WALSH, 2013, p. 516).

A literatura reflète os conflitos da classe média, não os econômicos, mas as disputas pelo poder, por isso, ela não retrata o que realmente está acontecendo na Argentina no momento. É preciso escrever algo que seja uma denúncia dessa realidade: que “no sea una presentación sino una representación, un segundo término de la historia original, sino que tome abiertamente partido dentro de la realidad y pueda influir y cambiarla usando las formas tradicionales, pero usándolas de otra manera” (WALSH, 2013, p. 513). Ele próprio faz uso desse tipo de estrutura na sua literatura de *testimonio*, a qual reflète efetivamente a relação entre arte e política, porque nesses textos ele é capaz de mostrar toda a ação acontecendo, a influência do governo, dos sindicatos, da política na vida dos indivíduos. Para ele, somente esse tipo de literatura deveria ter espaço no novo cenário literário. Walsh (2013, p. 512) considera que:

gente más joven va a aceptar con más facilidad la idea de que el testimonio y la denuncia son categorías artísticas por lo menos equivalentes y merecedoras de los mismos trabajos y esfuerzos que se le dedica a la ficción, y que en un futuro incluso se inviertan los términos: que lo que realmente sea apreciado en cuanto arte sea la elaboración del testimonio o del documento, que como todo el mundo sabe, admite cualquier grado de perfección.

Talvez por se ver nesse cenário em que a literatura é definida como burguesa e muitas são as dificuldades para os escritores reagirem às mudanças históricas<sup>48</sup>, Walsh avalia que o

---

<sup>48</sup> Walsh (2013, p. 515) vai dizer que os romancistas têm mais dificuldade em reagir aos fatos, pois seu instrumento de trabalho é demorado. Em entrevista a Piglia vai explicitar que “la capacidad de ellos [los estudiantes] de reaccionar con hechos frente al proceso y la capacidad de maniobra que tiene un estudiante es mucho mayor que la tiene un escritor, porque el estudiante reacciona cuando cambia una idea; pero vos, cuando cambia la idea, tenés que escribir un libro, que es más difícil que tirar una piedra, y entonces el movimiento es más difícil y parece más serio”.

jornalismo atende melhor a esse momento. Segundo Walsh (2013, p. 517), em entrevista à Rosalba Cambra em 1973<sup>49</sup>, ao ser perguntado sobre a relação entre o conto e o jornalismo, fala que a eleição do segundo, muitas vezes em detrimento do primeiro, se deve não a algo definitivo, mas baseado na eficiência imediata e direta da tarefa jornalística:

Yo he alternado el trabajo de periodista con el trabajo del escritor a lo largo de los años; he pasado de una etapa a la otra y he vuelto, he oscilado entre las dos formas de expresión, partiendo de premisas puramente profesionales o internas a cada una de las dos actividades, hasta encontrar un eje externo a las dos, que es un eje político. Ese eje político es el que en este momento determina la elección. Es decir, no viene de adentro de ninguna de las dos formas de expresión, sino de afuera.

Esse tipo de fala reforça a consciência de Rodolfo Walsh acerca da prática literária e jornalística e de suas escolhas ao longo da vida. Para o argentino, cada uma das tarefas que executou se tornaram um empreendimento pessoal que era necessário realizar a qualquer custo, mas com planejamento e astúcia. Suas ações eram fruto de reflexão. Percebe-se isso na escrita de seus livros, na construção de seus contos e crônicas e nos jornais que fundou e dirigiu. A criação da *Agencia de Noticias Clandestina* (ANCLA) e do *Cadena Informativa*, “dos herramientas fundamentales para el ejercicio de la contrainformación en plena dictadura” (REYDÓ, 2017, p. 15), mostram seus esforços em buscar alternativas para lutar contra o regime ditatorial:

En junio de 1976, con el objetivo de romper el cerco informativo impuesto por la dictadura militar, creó la Agencia de Noticias Clandestina (ANCLA). Formalmente, estaba dentro de la estructura del Departamento de Informaciones e Inteligencia que dependía de la Secretaría Militar de la organización Montoneros. Sin embargo, a pesar de su pertenencia a la organización, la Agencia no tuvo las características ni el formato de la prensa partidaria, sino que construyó una experiencia de contrainformación a partir de un estilo riguroso y despojado de las clásicas consignas panfletarias (BOIDO; ALLENDE, 2017, p. 91).

Tudo planejado por Walsh para ocultar a filiação com os Montoneros para que o jornal cumprisse sua função de intervir nas desavenças internas da Junta Militar. A publicação contava com uma pequena estrutura móvel e com muitos informantes de diferentes níveis sociais e políticos. *Cadena Informativa*, que também foi desenvolvido por ele, a partir de 1976, e ANCLA foram uns dos poucos veículos capazes de burlar a censura que imperava no país.

A imagem de intelectual que desenvolve é a da pessoa que não se deixa levar por partidos políticos. Mesmo seu envolvimento com grupos peronistas sempre esteve marcado

---

<sup>49</sup> Entrevista publicada em R. Campra: “America latina: l’identità e la maschera”, realizada para a RAI com a colaboração de F. Tarquini. O texto para o trabalho foi retirado da edição dos *Cuentos Completos* (2013) de Walsh.

pela crítica e pela defesa de suas ideias, o que fica claro em suas discussões e embates com a direção dos Montoneros<sup>50</sup>. Acredita que é necessário sempre denunciar os desmandos e atrocidades de qualquer governo, seja ele de direita ou esquerda, estando ele no poder ou não. Ele se coloca no papel relevante de denunciar nos meios que lhe permitem não somente os fuzilamentos de 1955, mas as prisões e mortes que virão posteriormente:

De este modo respondo a timoratos y pobres de espíritu que me preguntan por qué yo – que me considero un hombre de izquierda – colaboro periódicamente con hombres y publicaciones de derecha. Contesto: porque ellos se atreven, y en este momento no reconozco ni acepto jerarquía más alta que la del coraje civil. ¿O pretenderán que silencie estas cosas por ridículos prejuicios partidistas? Mientras los ideólogos sueñan, gente más práctica tortura y mata. Y eso es concreto, eso es urgente, eso es de aquí y de ahora (WALSH, 2001, p. 186).

O importante para Walsh é que ele possa expor suas investigações e seu pensamento crítico nos jornais que lhe derem oportunidade. Seguirá sempre escrevendo e lutando pelo mundo melhor em que acredita. Na introdução à primeira edição de *Operación Masacre*, em março de 1957, ele escreve que, apesar de ter calado até aquele momento, não o faria novamente. E isso realmente acontece, pois a investigação para o livro divide sua carreira e, se antes ele se calou diante de fatos, o fuzilamento de León Suárez fez com que a vergonha se apoderasse dele, pois não havia sido um fato isolado como poderiam pensar alguns, mas “la perfecta culminación de un sistema” (WALSH, 2001, p. 194).

Assim que terminou as notas sobre o fuzilamento e depois que conseguiu, a muito custo, publicá-las e editá-las no livro *Operación Masacre*, Walsh nunca mais se afastou da denúncia pública das atrocidades cometidas pelos governos, principalmente na Argentina e América Latina. Durante os anos seguintes, dedicou-se também à política internacional em vários jornais, trazendo informações e opiniões sobre Bolívia, Chile, Cuba, inclusive, nos anos 1970, escreveu uma série de notas sobre a opressão do estado israelita contra os palestinos<sup>51</sup>.

Walsh faz questão de marcar sua posição com relação à política e à literatura. Como Piglia (2013, p. 9) destaca, o escritor e jornalista soube expor em seus textos a tensão entre os dois sem as dúvidas ou o encantamento que marcaram outros autores da época:

Walsh era demasiado consciente de la particularidad de la ficción como para intentar definir su eficacia de un modo directo y explícito. Pero a la vez su conciencia de las

---

<sup>50</sup> Walsh acreditava que era necessário mudar a estratégia de enfrentamento do governo militar. Achava errado o caráter militarista que dominava a conduta do grupo e pensava que era preciso que estivessem sintonizados com a situação real das classes populares.

<sup>51</sup> A campanha escrita por Walsh foi publicada no jornal *Noticias* (publicação da organização *Montoneros*, que Walsh integra a partir de 1973).

exigencias sociales y la urgencia de la intervención política lo hicieron poner en cuestión rápidamente la autonomía del mundo literario y la figura del hombre de letras. En este sentido, la tensión entre literatura y política ha estado presente en su obra de manera radicalmente distinta al resto de sus contemporáneos. Mientras David Viñas en *Cosas concretas* (1969) o Francisco Urondo en *Los pasos previos* (1970) narraban la incertidumbre – o la fascinación – de un escritor ante la política revolucionaria, Walsh se ocupaba en esos años de dirigir el periódico de la CGTA donde publicaba en entregas semanales su investigación sobre *Quién mató a Rosendo* (1969).

Sua produção jornalística é extensa. Começa nas revistas *Leoplán* e *Vea y Lea* em 1953. Depois escreve, de 1957 a 1959, na Revista *Mayoría*. No mesmo ano funda, junto com Jorge Masetti e Rogelio García Lupo, a agência cubana de notícias *Prensa Latina*. Nos anos 1966 e 1967, colabora com a revista *Panorama* e, de 1968 a 1970, com o *Semanario de la CGT de los Argentinos*. Ainda escreve, em 1973 e 1974, no *Diario Noticias* e, em seus últimos anos de vida, colabora com *ANCLA* e *Cadena Informativa*. O livro *El violento oficio de escribir* (2021), organizado e editado por Daniel Link, reúne a obra jornalística de Rodolfo Walsh. Nele se pode acompanhar a trajetória de Walsh e como sua obra vai expondo seus anseios pessoais e o leva a embates duros e à clandestinidade em vários momentos.

Lupo (2021, p. 9), no prólogo ao livro *El violento oficio de escribir*, ressalta que os textos jornalísticos de Walsh não deixam de ser uma leitura apaixonante apesar de terem sido escritos há tanto tempo. Comenta que, de todos os trabalhos e ofícios que ele realizou (e foram muitos), o jornalismo é “el núcleo resistente de su personalidad”. A explicação seria que o autor nunca renunciou à regra mais relevante do jornalismo: a informação. Sendo ela o centro, tudo pode mudar: os protagonistas, os conflitos, os sistemas políticos, mas sempre vai continuar atraindo os leitores.

Walsh demonstra lucidez ao mostrar os fatos e relacioná-los ao cenário político na Argentina. Critica políticos, militares, policiais e, tal como em um jogo de xadrez, consegue definir as peças em jogo e as movimentações que ocorrem no tabuleiro. Expõe os ataques e os sacrifícios dessa partida política. Isso é evidente em *Operación Masacre* (2001), mas também ocorre em outros textos do escritor como *O Caso Satanowski*<sup>52</sup> e *¿Quién mató a Rosendo?*<sup>53</sup>

Em carta a Donald Yates, datada de 5 de junho de 1957, Walsh fala sobre a relação dos intelectuais e o governo. Ele compara a política levada a cabo por Perón e por Aramburu e

<sup>52</sup> Livro que relata a investigação da morte de Marcos Satanowsky, advogado, judeu, morto em seu escritório no dia 13 de junho de 1957. O caso chamou a atenção de Walsh pelas contradições e pelo papel do Estado e da imprensa (o caso envolvia o jornal *La Razón*). Na obra, denunciou a corrupção política e jurídica. Do mesmo modo que em *Operación Masacre*, os culpados seguiram impunes.

<sup>53</sup> Caso do famoso tiroteio entre membros sindicalistas ocorrido em 13 de maio de 1966. Por meio de sua investigação, que confrontou diferentes versões do fato, Walsh conseguiu provar que o sindicalista Rosendo García foi morto pelo seu colega Augusto Vandor e não pelos seus opositores.

como os escritores e jornalistas viveram durante esse momento histórico (Aramburu toma o poder em 1955 após um golpe militar que conta com apoio político e social. Perón se exila). Enquanto o governo de Perón “a partir de 1950, sobre todo, cierra y confisca diarios a voluntad, censura, molesta, prohíbe, persigue” e com isso ganha a hostilidade dos intelectuais, Aramburu consegue manter uma liberdade para todos que não sejam peronistas e com isso conquista a simpatia de muitos intelectuais. Apesar disso, alguns seguem criticando o governo (WALSH, 2012, p. 36-37).

Inicialmente Walsh dedica-se à literatura policial, no entanto, após as investigações para a escrita de *Operación Masacre*, ele vai passando a desempenhar um papel político de combate e passa a ser uma figura de destaque contra a ditadura argentina. Sua literatura se torna comprometida com a verdade do que está acontecendo no país. O autor apresenta uma consciência disso em alguns de seus textos, a começar pelo prólogo em que há uma tentativa de esquecer a história do fuzilamento de Suárez, mas uma urgência em revelar a realidade do que passou.

É muito importante considerar a relevância da investigação para a escrita do livro para a carreira e vida de Rodolfo Walsh. A partir dela, abre-se um novo mundo em que passa a ser crucial expor, evidenciar os fatos que ocorrem nas ditaduras enfrentadas pelo escritor. Acontecimentos que por temor não eram expostos nos jornais da época. Walsh reconhece como é significativo que os escritores e jornalistas tenham um posicionamento. A partir dessa incursão na literatura de testemunho, o autor precisa se esconder e, posteriormente, viaja a Cuba e não se separa mais da escrita engajada pela qual será mundialmente reconhecido.

A “Carta Abierta de un escritor a la Junta Militar” comprova o nível de consciência que Walsh desenvolve a partir de *Operación Masacre*. É nela que ele escreve sobre a perseguição aos intelectuais, a morte de amigos e de sua filha e sobre os crimes e desmando cometidos pelo governo ditatorial. São reflexões sobre o período que trazem dados concretos sobre torturas e mortes cometidas, questões econômicas e políticas. Nesse texto, pode-se encontrar o auge do amadurecimento crítico do autor. Infelizmente é seu último texto, pois a carta foi enviada aos jornais em 24 de março de 1977 e, no dia 25, ele é sequestrado por um *Grupo de Tareas* do governo militar e seu corpo nunca foi localizado. Apesar de nenhum jornal local ter publicado a carta à época, ela foi divulgada fora da Argentina e passou a ser bastante conhecida.

Walsh estaba enviando por correo los primeros ejemplares de la carta cuando fue interceptado en la esquina de San Juan y Sarandí, el 25 de marzo de 1977, por el grupo de tareas 3.3.2 de la Escuela de Mecánica de la Armada, lugar al que llegó sin vida

tras resistirse y producirse un tiroteo en la vía pública (BOIDO; ALLENDE, 2017, p. 95).

Walsh se assume como intelectual engajado de esquerda. Publica textos, edita revistas e jornais de partidos de esquerda e, por fim, junta-se ao grupo *Montoneros*. Coloca sua vida em risco e entra para a clandestinidade em diversos momentos. Encara seu papel de revolucionário, de agente de transformação da sociedade, assim como outros intelectuais desse período histórico.

En un movimiento progresivo, que alcanzó entonces su culminación *cuantitativa* en los años sesenta, artistas y letrados se apropiaron del espacio público como tribuna desde la cual dirigirse a la sociedad, es decir, se convirtieron en intelectuales. Además de su común inscripción progresiva, los intelectuales de América Latina compartieron una nueva convicción: la de que el intelectual podía y debía convertirse en uno de los principales agentes de la transformación radical de la sociedad especialmente en el Tercer Mundo (GILMAN, 2012, p. 59, grifo do autor).

Walsh acompanha esse crescimento do papel do intelectual que adquire importância como o elo que une as diversas peças do período. Os intelectuais passam a ser as pessoas capazes de traduzir as lutas em um discurso capaz de modificar a história, utilizando, para isso, o espaço público. Pode-se ver isso na nota de Daniel Link sobre Walsh nos anos 1974 e 1975, quando, após a morte de Perón, o jornal *Noticias* é fechado, e o autor dedica-se a escrever clandestinamente para *ANCLA* e *Cadena de Noticias* a partir de uma visão diferente:

Seguramente piensa, ya, que se trata de llegar periodísticamente a la gente de otra manera. El precario equilibrio político se deteriora rápidamente. A fines de 1975 el golpe es inminente. Walsh advierte que no se trata de un golpe militar más sino de un golpe que inauguraré una nueva forma de Estado. Luego del golpe militar, luego de la muerte (en combate) de su hija Vicki, Walsh inventa la nueva institución periodística: se trata de una máquina de escribir, pero convertida en máquina de guerra. Se escribe desde la clandestinidad y el nomadismo. Se escribe para un público que se imagina no como mero consumidor de información sino como parte integrante del sistema de distribución de noticia (WALSH, 2021, p. 419).

Os textos de Walsh, desde então, são dedicados à instabilidade política vivida no momento. No governo de Isabel Perón, o golpe se torna iminente. Link comenta que Walsh prevê que esse novo golpe estabeleceria uma nova forma de governar. A partir do governo militar instaurado, são escritos textos inteiramente voltados para a denúncia das atrocidades do governo ditatorial e culminam em seu material mais conhecido: a “Carta Abierta de un Escritor a la Junta Militar”. Esta carta, pensada como uma poderosa arma contra a ditadura, é escrita no aniversário de primeiro ano do golpe. Nela Walsh vai colocar em números “la fuerza brutal de la ditadura” (WALSH, 2021, p. 427).

Enquanto a carreira literária e a jornalística de Walsh se desenvolvem, nota-se um envolvimento cada vez maior com a militância política. A partir de 1970, passa a integrar as *Fuerzas Armadas Peronistas*, momento em que começa a atuar diretamente na luta armada. Apesar de Walsh acreditar que esse engajamento é necessário, devido ao momento político que era vivido no país, nunca para de escrever, o que prova que ele não deixa de acreditar no poder da palavra para mobilizar e levar a verdade para a sociedade.

\*\*\*

Walsh e Cony decidem expor a realidade opressora em seus textos e desafiam a si mesmos e aos outros intelectuais. Cada um com estilo único e direto: o primeiro, com toques de humor, e o segundo, com ironias. Nenhum dos dois autores defende um ou outro governo, pois sempre estão ao lado da justiça, principalmente com relação à população que sofre com a tirania e os desmandos dos governantes.

O livro *O Ato e o Fato* (1964), de Cony, mostra o papel de intelectual que o jornalista cobra de si mesmo e de seus colegas. Também expõe o drama dos que foram presos e torturados e a necessidade de expor esses acontecimentos. *Operación Masacre* (1957), de Walsh, apresenta ao autor novos desafios. Sua preocupação passa a ser os fuzilados que vivem, os homens que lutam e se desesperam, os cidadãos que buscam justiça. Estes passam a ser chamados de verdadeiro jornalismo pelo escritor.

Diferentemente de Cony, no entanto, nos escritos de Walsh há menos apelos a outros escritores ou jornalistas. O escritor brasileiro cobra uma posição em vários textos, mas Walsh dedica poucos momentos para fazer essa cobrança. Ela existe assim como existe a autocrítica com relação a ter calado antes, como se pode ver no trecho abaixo presente na primeira edição de *Operación Masacre*:

Si me preguntan por qué hablo ahora, habiendo callado como periodista cuando otros no lo hicieron – si bien jamás escribí una sola palabra firmada o anónima en elogio del peronismo, ni por otra parte me encontré con un caso de atrocidad comparable a éste –, diré con toda honradez: he aprendido la lección. Pero ahora son mis maestros los que callan. Durante varios meses he presenciado el silencio voluntario de toda “prensa seria” en torno a esta execrable matanza y he sentido vergüenza (WALSH, 2001, p. 194).

Ridente (2010, p. 380-381) escreve que havia, nas décadas de 1960 e 1970, uma urgência da luta política. “Las afinidades electivas entre artistas y políticos de izquierda se multiplicaron por diversas vías en la segunda mitad de la década de 1960”. Muitos artistas

abandonaram a vida artística para se dedicar completamente à política. Outros começaram a militar, mas sem deixar seu trabalho no campo artístico e na literatura. Houve artistas que se identificavam com a esquerda, mas não eram militantes. Como exemplos, o autor cita os músicos Caetano Veloso e Gilberto Gil. “Ellos creían que la revolución estaba en sus propias obras y en sus intervenciones públicas, sin que fuera necesario hacerse militantes” (RIDENTE, 2010, p. 380-381). Também cita figuras importantes que, sem serem artistas, criaram uma identificação forte com os militantes, como, por exemplo, Carlos Mariguella.

Nesta classificação proposta por Ridente, Walsh se caracteriza por militar, mas sem perder o foco de sua obra. Mais do que isso, o que ele propõe é transformar sua obra em uma arma capaz de mobilizar a população. Transformar o livro, o texto em ação política, esse é o objetivo do escritor argentino. Um exemplo de seu comprometimento com a militância e com a escrita pode ser vista em seu último texto político: “Carta de un escritor a la Junta Militar”.

[...] hasta que te das cuenta de que tenés un arma: la máquina de escribir. Según como la manejas es un abanico o es una pistola, y podés utilizar la máquina de escribir para producir resultados tangibles, y no me refiero a los resultados espectaculares, como el caso de *Rosendo*, porque es una cosa muy rara que nadie se la puede proponer como meta, ni yo me lo propuse, pero con cada máquina de escribir y un papel podés mover a la gente en grado incalculable. No tengo la menor duda (WALSH, 2013, p. 516).

É muito significativa a escrita de Walsh, pois, com fatos reais, consegue narrar as agonias dos envolvidos, incluindo a si próprio e sua própria dor em textos como *Operación Masacre*, em que acompanha de perto as injustiças vividas por Livraga e, principalmente, em seus textos: “Carta a Vicki” e “Carta a mis amigos”.

Vê-se em seus textos, a partir de *Operación Masacre*, que Walsh realmente reconhece a importância de não se calar mais diante de questões políticas. Ele mostra que são os homens comuns que sofrem mais e, por isso, devem ter a liberdade de expor o que está acontecendo e de buscar a justiça que lhes é negada pelo Estado. “[...] creo, con toda ingenuidad y firmeza, en el derecho de cualquier ciudadano a divulgar la verdad que conoce, por peligrosa que sea” (WALSH, 2001, p. 195). Obviamente o argentino também se coloca neste papel importante de publicar livros nos quais acredita enquanto “son tantos más los que creen en las metralletas”.

#### 4 WALSH E CONY: ESCRITORES, JORNALISTAS E INTELLECTUAIS

*Hay escritores para quienes la realidad es una pesadilla compartida, y por ello no sienten la obligación de narrar fielmente el absurdo cotidiano, y sueñan para nosotros mundo ejemplares, mejores o peores. Hay otros que, por el contrario, se sienten obligados a retratar el caos lo más fielmente posible y exploran la realidad con precisión de matemáticos y una imaginación rigurosamente lógica, en busca de claves y testimonios fidedignos.*  
(Alberto Manguel)

A epígrafe acima do escritor Alberto Manguel, que introduz um dos livros sobre Rodolfo Walsh, mostra o que esse trabalho evidencia: a existência de escritores intelectuais que sentem a necessidade de, em algum momento de suas vidas, retratar a dura realidade que presenciaram. Independentemente do tempo que se dedicaram a essa tarefa, esses autores são exemplos de coragem e determinação na elucidação de fatos. Eles buscaram a verdade e fizeram questão de apresentá-la à sociedade por meio das palavras, em diferentes suportes, ainda que tenham pagado um preço alto por isso.

Rodolfo Walsh e Carlos Heitor Cony pertencem a esse grupo de escritores que escolheram retratar as arbitrariedades cometidas pelas ditaduras militares. Decidiram se expor ao perigo e passar privações para denunciar os governos e fizeram isso no momento em que os fatos estavam acontecendo. Não esperaram para manifestar sua opinião, provavelmente porque sentiram a urgência do episódio histórico.

##### 4.1 Cony e *O Ato e o Fato*

No caso do Brasil, a tortura passa a ser uma prática já nos primeiros dias após o golpe civil-militar. Golbery fala em “excessos” produzidos pelo “calor da hora”. Mesmo dentro das Forças Armadas, o código de tratamento não foi respeitado, como mostra, por exemplo, o caso do almirante Cândido Aragão. Como comandante dos fuzileiros navais no governo João Goulart foi preso em condições desesperadoras até que sua família pode visitá-lo. Ficou incomunicável por quatro meses, foi duramente torturado e acabou perdendo um dos olhos. Quando seus familiares o encontraram sua condição de saúde física e mental era deplorável. Cony cita a prisão na crônica “Os Anônimos” e posteriormente aborda o fato em “Um Apêlo”. Neste texto,

o autor inclusive transcreve a carta enviada por Dilma Aragão, filha do almirante. “O espectro de homem que vi, chora e ri desordenadamente e não consegue articular duas frases sequer, no mesmo assunto. O desespero me faz pedir, por esmola, que cobrem o crime (político) de um sêr humano, mas na condição de sêres humanos.” (CONY, 1964, p. 99) O pedido dela e de Cony é por “compreensão e respeito” (CONY, 1964, p. 98).

Nos primeiros dias depois do Golpe, Elio Gaspari (2002) comenta que era esperada uma reação da esquerda, afinal o presidente deposto contava com amplo apoio dos operários e camponeses. No entanto, não houve nenhuma resposta e, ainda assim, a repressão do governo militar veio com uma força sem precedentes:

A repressão política, porém, emanava do coração do regime e tinha uma nova qualidade. Não se tratava mais de espancar o notório dirigente comunista capturado no fragor do golpe<sup>54</sup>. A tortura passara a ser praticada como forma de interrogatório em diversas guarnições militares. Instalado como meio eficaz para combater a “corrupção e a subversão”, o governo atribuía-se a megalomaníaca tarefa de acabar com ambas. O instrumento desse combate eram os inquéritos policial-militares (IPMs), abertos em todos os estados e submetidos, inicialmente, ao controle de uma comissão geral de investigações, CGI, chefiada por um marechal. [...] Apurava-se desde a subversão nas universidades até a corrupção no governo federal. Cada inquérito era presidido por um oficial, a quem se dava a autonomia de autoridade policial (GASPARI, 2002, p. 134).

Houve várias mortes, suspensão de garantias constitucionais, expurgos e cassação de mandatos. A palavra “cassado” passa a fazer parte do cotidiano nesse período e serve para designar parte das vítimas do regime. A expressão “maus-tratos” vira sinônimo de tortura. Como bem esclarece o relatório *Brasil Nunca Mais*, o princípio que rege o artigo 5º dos Direitos Humanos: “Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante”, não foi respeitado ao longo dos vinte anos que durou a ditadura militar brasileira:

A pesquisa revelou quase uma centena de modos diferentes de tortura, mediante agressão física, pressão psicológica e utilização dos mais variados instrumentos, aplicados aos presos políticos brasileiros. A documentação processual recolhida revela com riqueza de detalhes essa ação criminosa exercida sob os auspícios do Estado (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2014, p. 32).

A denúncia desse tratamento dado aos presos, durante muito tempo, não estampou capas de jornais, mas Cony (1964, p. 54) escreve em sua coluna: “Já clamei contra a

---

<sup>54</sup> Gaspari refere-se a Gregório Bezerra, dirigente comunista, que no dia 2 de abril foi amarrado seminu a um carro e conduzido pelas ruas de Recife. Depois foi espancado por um oficial do Exército com uma barra de ferro em praça pública. Foi filmado pela televisão machucado, sentado no chão do quartel da Companhia de Motomecanização. Em 1969, é solto em troca do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick.

clandestinidade do poder atualmente instalado no País”. O autor não se cala durante muitos meses, para mostrar o tratamento atroz dado a brasileiros e para denunciar “a estupidez e a covardia” dos militares, que buscam construir um regime baseado no medo. Como ressalta, Gaspari (2002), sua coletânea de crônicas é publicada durante o impacto das primeiras denúncias de tortura. Em uma das edições do livro, aparece uma foto de uma multidão que aguardava para autografar o livro. Foram 1600 exemplares autografados e a primeira edição se esgotou em uma semana. Uma frase, que identifica a foto de contracapa, explica que esta foi a primeira manifestação espontânea depois do golpe civil-militar.

Pouco tempo depois, alguns jornais começaram a denunciar as torturas, mas foi o *Correio da Manhã* que lançou o editorial “Tortura e insensibilidade” no dia 1º de setembro de 1964. Nele denunciava que desde o começo do regime vinham à tona casos de tortura, mas ninguém se manifestava. Apesar de o público e as autoridades tomarem conhecimento do tratamento desumano a que prisioneiros eram submetidos, o silêncio imperava. Isso gerava uma insensibilidade que levaria à incapacidade de se revoltar diante dos fatos.

O jornal, a partir desse momento, iria estampar progressivamente mais denúncias de tortura em suas páginas. “Com um grau cada vez maior de precisão, publicava-as sempre na última página do primeiro caderno, um dos pontos mais nobres do jornal” (GASPARI, 2002, p. 143). Diante dessa campanha, o governo instituiu investigações que não resultaram em nenhum dado concreto e negaram as acusações. Em uma missão comandada por Geisel, a pedido de Castello Branco, encontraram-se indícios de maus-tratos e tortura em um número reduzido de casos. “Tecnicamente, Geisel condenava a tortura, negava que ela tivesse ocorrido depois de 10 de maio e informava que os casos denunciados estavam sob investigação do Exército” (GASPARI, 2002, p. 147). Era a máquina da negação instaurada pelo governo militar a partir de 1964.

A mensagem da missão investigativa de Geisel foi clara e pode ser resumida em uma palavra: impunidade. O foco do governo passou a ser a campanha da imprensa e não a tortura. Como explica Gaspari (2002, p. 149), “A prática da tortura nas guarnições militares deixava de ser um fato em si, tornando-se matéria de opinião, contaminada por alguma forma de incompreensão a respeito da obra dos governos que a estimulavam e protegiam”. Combater as sevícias passou a ser estar contra o governo:

A Missão Geisel quis ser um compromisso liberal do governo, mas resultou num acerto que em vez de desarticular a tortura, perdoou-a. A conciliação de setembro de 1964 danificou a consciência da cúpula militar pela sensação que ofereceu de ter salvado simultaneamente a pele de muitos presos e a farda dos torturadores. Alimentou a lenda cultivada pelas Forças Armadas segundo a qual, mesmo dirigindo

regimes repressivos, mantinham-se distante dos crimes neles praticados (GASPARI, 2002, p. 150).

A Lei da Anistia, muitos anos depois, só viria a ratificar essa crença e, até os dias de hoje, é possível sentir as consequências dessa impunidade dos primeiros meses, que foram se intensificando e recrudescendo com o tempo.

Ênio Silveira, no prefácio de *O Ato e o Fato*, mostra o papel decisivo do *Correio da Manhã* no período, pois, desde abril de 1964, vira um estandarte contra a ditadura e sofre muito as consequências disso. Muitos jornalistas atuaram contra o regime por meio de editoriais e reportagens:

Foi nesse ambiente de pânico e confusão, de vilanias, de sadismo, de boçalidade, que um jornal – o CORREIO DA MANHÃ – começou a erguer no Rio de Janeiro, com a força de seu prestígio, uma primeira e corajosa linha de defesa da democracia ofendida e humilhada pelas pérfidas manobras dos inimigos da emancipação nacional; rebelou-se contra as injustiças que vinham cometendo, em nome de princípios vagos e subjetivos, os militares que, salvo raras exceções, haviam sido inocentes úteis na felonía armada por banqueiros e latifundiários (SILVEIRA, 1964, p. XV).

Assim como esses textos, as crônicas de Cony representam um passo importante na revelação dos crimes cometidos pela ditadura militar. Por meio delas o escritor apresenta suas convicções e suas indignações. Ele começa seu livro escrevendo sobre o dia após o golpe civil-militar, logo registra o aniversário de 30 dias do golpe e termina em junho, quando completaram 60 dias do fato. Chama atenção nessas crônicas seu caráter atemporal. Embora estejam datadas, elas expressam a capacidade de, sendo lidas hoje, encontrarem significado. Apesar de terem sido escritas há mais de cinquenta anos, elas mantêm seu vigor.

Considerando a crônica como um texto central para esse trabalho, é importante defini-la. Ela é um breve registro de um determinado momento. Encontra-se dentro da categoria dos textos narrativos, pois relata um fato ou situação usando o tempo cronológico e a descrição dos acontecimentos. Geralmente utiliza uma linguagem informal, familiar, intimista. Há o uso de uma linguagem coloquial e da oralidade na escrita. É um texto curto, normalmente com uma certa dose de lirismo e sensibilidade. Vai usar muitas vezes o humor, mas, sob a aparente fachada de “conversa fiada”, vai abordar assuntos sérios.

Pode-se exemplificar isso com dois textos de Cony. O primeiro é a crônica que dá início ao livro *O Ato e o Fato*. De uma observação do que ocorre na rua, próxima a sua casa, surge um texto irônico que retrata e critica as movimentações do Golpe de 1964:

Apesar da ordem médica, decido interromper o sossêgo e assuntar: ali no Pôsto 6, segundo me afirmam, há briga e morte. Confiando estúpida e nos sadios princípios que norteiam as nossas gloriosas Fôrças Armadas, lá vou eu, trôpego e atordoado, ver o povo e a história que ali, em minhas barbas, está sendo feita (CONY, 1964, p. 1).

Em outra crônica, no dia 19 de abril de 1964, Cony (1964, p. 28) utiliza da classificação dos animais para tecer uma série de analogias entre os seres vivos presentes nos capítulos do livro de ciências e o momento histórico vivido no Brasil. Inicia-se o texto com um fato cotidiano: “Encontro no livro escolar de minha filha (terceira série primária) algumas sábias classificações que vale a pena recordar ou aprender”. A partir desse acontecimento, o autor escreve que os caracóis por não terem cérebro, bem poderiam fazer parte do “Alto Comando que nos rege e guia”. Sobre os protozoários, os seres mais simples, mas que podem constituir “um sério perigo para a vida dos homens”, o escritor comenta que “em horas de convulsões cívicas, os protozoários são facilmente vistos através da televisão” (CONY, 1964, p. 28).

Para finalizar o texto, o cronista aponta “os animais que se comunicam através de guinchos e uivos. Tive o desprazer, em dias da semana passada, de receber alguns telefonemas desses animais” (CONY, 1964, p. 30). Dessa forma, indica aos leitores as ameaças que vinha sofrendo. Os últimos parágrafos da crônica, mostram que é através da palavra declarada “clara e corajosamente, sem medo” (CONY, 1964, p. 30) que os homens podem se unir contra a imbecilidade dos que usam a força para fazer valer sua vontade.

Como é um texto publicado inicialmente em jornal, muitas são as discussões sobre a diferenciação entre literatura e jornalismo. Coloca-se, inclusive, em questão se o jornalista seria ou não um escritor. Alejo Carpentier (1975) vai defender que:

Podríamos definir al periodista como un escritor que trabaja en caliente, que sigue, rastrea el acontecimiento día a día sobre lo vivo. El novelista, para simplificar la dicotomía, es un hombre que trabaja retrospectivamente, contemplando, analizando el acontecimiento, cuando su trayectoria ha llegado a su término. El periodista, digo, trabaja en caliente, trabaja sobre la materia activa y cotidiana. El novelista la contempla en la distancia con la necesaria perspectiva, como un acontecer cumplido y terminado.

Ele propõe que a diferença entre um escritor e um jornalista reside mais no estilo que cada um utiliza no momento de escrever. Enquanto o primeiro é mais analítico, aceita digressões, conclusões filosóficas, o exame de um fato visto em sua totalidade, o outro possui um estilo mais elíptico, conciso, que suprime todas as divagações, todo elemento alheio ao relato direto do fato (CARPENTIER, 1975).

Pode-se, no entanto, ir mais além dessa diferenciação e pensar na categoria de

jornalismo literário para classificar a crônica, embora, neste momento, a intenção não seja definir esta questão, mas trazê-la ao debate. Para isso, o texto de Rafael Yanes Mesa (2013), “La crónica, un género del periodismo literario equidistante entre la información y la interpretación”, traz contribuições interessantes, pois define cada um dos gêneros e como eles se relacionam na crônica.

Para Mesa, o jornalismo é baseado na informação, possui linguagem acessível, afinal é para a sociedade de modo geral e destaca a importância de o texto apresentar um rápido entendimento, para um leitor que geralmente tem pressa. A literatura por sua vez é feita para um público mais específico, para alguém que lê sem afobação, que desfruta da forma e do conteúdo.

Segundo Mesa (2013), alguns estudiosos afirmam que a crônica é um gênero dentro jornalístico informativo, por estar baseado em uma notícia, enquanto outros o consideram o mais interpretativo dentro do gênero jornalístico. O autor propõe que ela seja uma mistura dos dois conceitos, trazendo em seu interior tanto a notícia quanto a interpretação do fato pelo cronista:

Aunque es un género que contiene una inequívoca faceta informativa, tiene algo más que pura información, ya que su identidad está determinada por la interpretación y valoración de lo narrado. Por ello puede considerarse un género ambivalente, en tanto que es información, pero también interpretación, es decir, un género mixto entre el periodismo informativo y el periodismo de opinión.

En cierta forma, la *crónica* es un género que existe antes que el propio periodismo. El relato interpretativo contado desde el lugar donde sucede un hecho noticioso aparece pronto en la historia de la humanidad. Su nombre tiene el antecedente etimológico “cronos”, que significa “tiempo”, por lo que hace referencia a una narración ligada a la secuencia temporal (MESA, 2013, p. 2).

Por isso, Mesa (2013, p. 3) situa a crônica na categoria de jornalismo literário, exatamente por ela estar neste entremeio, fazendo o elo entre a notícia e a interpretação. Além disso, o cronista deve utilizar uma linguagem clara, concisa, que atinja a todos os públicos:

Dentro de este género, la información y la interpretación son dos componentes inseparables. Juntas forman la esencia de la crónica. Mientras que en el artículo, la noticia no forma parte del texto y sólo es su pretexto, en la crónica destaca la función informativa sobre un hecho que es interpretado por su autor.

Importante ressaltar que, já que a crônica se baseia em uma notícia, o jornalista deve lembrar que “la *crónica* tiene los límites éticos del periodismo en general, que impiden la deformación de lo que realmente ha sucedido. Se plasma la visión personal del cronista, aunque sin desvirtuar los hechos noticiables objetivos” (MESA, 2013, p. 4, grifo do autor). Isto quer

dizer que a interpretação do autor não pode distorcer os fatos reais, pois a objetividade é crucial para o jornal.

Por tudo isso, Cony é classificado como cronista. Seus textos, como ele mesmo esclarece em entrevista, são “cenas de rua”, mas com os comentários e as digressões do autor. Apresentam quase sempre a ironia e o sarcasmo, próprios do escritor brasileiro. A partir do Golpe Civil-Militar e durante um período, há em sua escrita uma mudança, pois desenvolve-se o caráter político em seus textos. Ênio Silveira (1964, p. XVI) destaca o papel do jornalista que “se transformou no panfletário que a hora exigia e a Nação esperava para lavar a face e levantar a cabeça”.

Entre essas crônicas, pode-se destacar a que dá título à coletânea de textos de Cony: “O Ato e o Fato”. Nela, Cony discorre sobre o AI-1, o primeiro dos Atos Institucionais, que o governo militar publicou no dia 10 de abril de 1964. Neste ato, como já foi abordado anteriormente, elimina-se a oposição, suspendem-se direitos políticos, cassam-se mandatos:

Nos primeiros seis meses de vigência do AI-1, 50 mil pessoas foram parar atrás das grades. Ao todo, 4454 – sendo 2757 militares – sofreriam sanções políticas ou jurídicas. No período, 122 oficiais seriam expulsos das Forças Armadas: 77 do Exército, 14 da Marinha e 31 da Aeronáutica. Os navios *Princesa Isabel*, *Ari Parreiras* e *Raul Soares* foram transformados em presídios. (LIMA, 2020, p. 131).

Cony antecipa em sua crônica, publicada no dia 11 de abril de 1964, as consequências da promulgação desse primeiro ato. Que “foi simples e tirânicamente impôsto a uma Nação perplexa, sem armas e sem líderes para a reação” (CONY, 1964, p. 15-16). Ele inicia o texto com seu humor observando a dificuldade do Alto Comando Revolucionário (que nomeou a si mesmo de Alto e de Revolucionário), de definir a palavra para o que estavam fazendo: promulgar ou dar? Por fim, os juristas “sempre subservientes, cooperaram com suas luzes” e recuperaram um antigo termo para ajudar e o Ato foi editado. Diante desse fato, o Congresso, com seus poderes limitados, viu-se “emasculado” (CONY, 1964, p. 16).

O cronista ressalta que os militares não fizeram nada de útil à nação a não ser depor João Goulart, afinal Cony não concordava com os rumos do governo anterior e apoiava a deposição do presidente. Ainda assim, em nenhum momento demonstrou apoiar um regime militar no Brasil e comprovou isso em vários de seus textos.

A leitura do preâmbulo do AI-1 fez com que Cony tivesse repulsa por seus redatores. O texto havia sido escrito de forma provisória por Carlos Medeiros e modificado pelo jurista Francisco Campos, que conseguiu captar nos militares o desejo de praticar a violência política e traduzi-la para a legalidade do poder revolucionário. Segundo Gaspari (2002, p. 123), estavam

reunidos Costa e Silva e um grupo de generais. “Campos deu-lhe a introdução, verdadeiro cérebro, articulando o argumento da subversão jacobina que o quartel-general buscava fazer vários dias” (GASPARI, 2002, p. 124).

A edição do AI-1, que Cony (1964, p. 16) chama de “fato lamentável”, faz com que ele lembre de uma viagem que fez à Argentina no ano de 1962, para cobrir o movimento militar que depõe o presidente Arturo Frondizi. O autor comenta que saiu “de lá nauseado pelo militarismo inclemente e odioso que enodoa aquela Nação” (CONY, 1964, p. 16). Para sua surpresa, os militares brasileiros resolveram imitar os vizinhos e agir da mesma forma vil.

Cony escreve que na Argentina, os civis estavam condenados a andar pelos cantos, nos espaços permitidos pelos tanques e fuzis, tal era a proporção que os militares haviam tomado, transformando o país em um enorme quartel. Infelizmente, o Brasil acabou seguindo os vizinhos e reproduzindo uma situação análoga, mas com um agravante: “os militares da Argentina não escondem seus apetites. Não usam o têrço ou a bandeira do anticomunismo para justificarem a tirania” (CONY, 1964, p. 16).

É sabido, e já foi ressaltado nesse trabalho, que os militares estiveram por trás de muitas movimentações políticas no Brasil, no entanto, foi somente no Golpe de 1964 que tomaram a frente das ações e expuseram suas intenções. Utilizaram as reformas de base propostas por Jango para manipular a opinião de alguns setores e de políticos ávidos pelo poder. Nem mesmo a questão econômica foi uma desculpa útil como mostra Eduardo Moniz (1964, p. 122):

O movimento militar de primeiro de abril não veio em socorro da revolução econômica que se processava no País e que tendia a torná-lo independente do capital estrangeiro. Ao contrário, as medidas tomadas pelo Governo não têm nada de revolucionárias. Não contribuem para que o País retome seu ritmo de desenvolvimento, objetivem a reforma agrária e as demais reformas complementares, criando as condições indispensáveis para a independência econômica, porque sem ela não passa de uma farsa a independência política.

Na parte final de sua crônica, Cony (1964, p. 16) ainda lembra a história recente para argumentar que “invocar o anticomunismo para impor uma ditadura, é tolice”, pois o século XX já havia demonstrado o erro nas figuras emblemáticas de Mussolini e Hitler. No entanto, o ato tão criticado pelo autor foi editado e imobilizou a Nação.

O texto encerra com a esperança de um dia melhor. Porém este dia demorou bastante para chegar, como previu Cony quando disse que ele chegaria para os filhos ou netos. O Brasil ainda passaria por outros Atos Institucionais mais cruéis e injustos que o que escritor traz em sua crônica de 1964.

Chama a atenção as palavras que o autor utiliza ao longo do seu texto para marcar sua posição diante do “Ato [...] êsse monstrengo moral e jurídico” (CONY, 1964, p. 16). Termos como “repugnância”, “tirania”, “prepotência”, “imbecilidade” e adjetivos, como “lamentável”, “doloroso” e “perplexa” aparecem em toda crônica. São vocábulos duros, fortes e que mostram que o medo não pode impedir a responsabilidade de denunciar os fatos que estavam acontecendo. Cony (1964, p. 12) não se mantém quieto:

Não vejo razões para o Mêdo. Respeito o Ódio, aceito o Amor mas sempre desprezei o Mêdo. Compreendo a prudência de uns. Acho natural o pânico de muitos: aqueles que não estavam, realmente, preparados para assumir a Responsabilidade. E, entre os apavorados, há o imenso escalão dos corruptos e oportunistas que iam nas águas de um movimento libertário mas com instintos liberticidas ou propósitos carreiristas.

Já no prefácio do livro, o escritor expõe que não se calaria diante da hipocrisia, fosse ela política, sexual, social ou religiosa. Tampouco pediria licença para pensar. Cony levou esse pensamento fielmente, ao escrever suas crônicas no jornal *Correio da Manhã* e, posteriormente, ao lançar seu livro *O Ato e o Fato*. “De qualquer forma, pensando desta ou de outra maneira, reservei-me ao dever de participar, como jornalista militante, nesta mesma época que venho agredindo em meus romances” (CONY, 1964, p. XVIII).

Cony se considera um escritor, um jornalista e um intelectual: “Sou, em substância, um escritor que pretende uma obra literária, programada inicialmente para dez romances, seis dos quais já estão impressos ou reimpressos” (CONY, 1964, XVII). Está ciente que deve utilizar diferentes formas e linguagens em cada uma dessas funções. Como romancista, pode travar “um diálogo com o homem das sociedades futuras, como jornalista seria ridículo e inútil dialogar com a posteridade ou com os ancestrais” (CONY, 1964, p. XVIII).

Por isso, o cronista dialoga com o presente. Deixa aos historiadores os estudos “dos antecedentes e conseqüentes da quartelada que desabou sobre o Brasil, no movediço limite entre duas datas: 31 de março e 1º de abril de 1964” (CONY, 1964, p. XVII). Se incumbe da missão quixotesca de marcar posição e denunciar as agruras de um povo impotente diante da tirania dos militares. Apesar dos poucos textos em que Cony se dispõe a isso, ele mostra imensa coragem e força na luta que empreendeu.

#### **4.2 Walsh e *Operación Masacre***

Walsh, retomando a epígrafe de Manguel, que inicia este capítulo, fez questão de retratar os momentos ditatoriais que atravessou em sua vida. Provou seus pontos de vista e seus

argumentos. Buscou sobreviventes e testemunhas para dar depoimento fiel dos fatos que investigou. Ele acredita ser um historiador do presente, por isso utiliza as palavras para denunciar. Como investigador, busca a verdade e esse acaba sendo o elo entre seus dois tipos de escrita:

la división tajante entre sus libros de ficción y los testimoniales, si bien puede demarcarse de modo preciso, merece ser reconsiderada en la medida en que ciertos elementos – la investigación, el crimen y las injusticias – señalan una continuidad entre textos policiales, autobiográficos, denuncias, notas periodísticas y documentos políticos (TRONQUOY, 2017, p. 56).

No começo de sua carreira foi premiado por seus contos policiais, que fazem com que seu nome seja reconhecido. Também atua como jornalista e escritor de uma obra que não foi maior por falta de tempo em vida e por causa de sua morte prematura. Em um texto autobiográfico de 1964 escreve:

En la hipótesis de seguir escribiendo, lo que más necesito es una cuota generosa de tiempo. Soy lento, he tardado quince años en pasar del mero nacionalismo a la izquierda; lustros en aprender a armar un cuento, a sentir la respiración de un texto; sé que me falta mucho para poder decir instantáneamente lo que quiero, en su forma óptima; pienso que la literatura es, entre otras cosas, un avance laborioso a través de la propia estupidez (WALSH, 2012, p. 15).

Além dos contos policiais, escreve em revistas e também publica nelas as séries de denúncias que posteriormente são reunidas nos livros *Operación Masacre*, *¿Quién mató a Rosendo?* e *El Caso Satanowsky*. O autor argentino demonstrou a vontade de escrever um romance, como ele mesmo diria nos moldes burgueses. Porém, diante do compromisso político este não significaria nada. Não obstante, esse desejo de Walsh foi verbalizado ao longo de toda sua vida em diversos momentos.

Também colaborou com revistas como *Semanario Villero* e com os jornais *Mayoría* e *Noticias*. Dirigiu o semanário CGT e participou da gestação e dos primeiros passos da agência cubana *Prensa Latina* e, anos mais tarde, da clandestina ANCLA. Seu compromisso com a luta armada fica evidente com sua passagem pela *Alianza Libertadora Nacionalista*, sua incorporação ao grupo armado FAP e, posteriormente, aos *Montoneros*.

Como Walsh (2013, p. 511) comenta em entrevista a Piglia em 1970, sempre pensou coisas “muy contradictorias”, de acordo com seus estados de ânimo e com as diferentes etapas pelas quais passou. Por isso, apesar de desprezar muitas vezes seus contos policiais, nunca deixa de escrevê-los. Assim como as notas para jornais que utiliza para pagar as contas. O essencial passa a ser a consciência da importância de não abandonar mais a escrita combativa, que

culmina em sua “Carta Abierta a la Junta Militar”.

Walsh pensa a literatura e o jornalismo como coisas opostas, por isso é essencial formular as diferenças e semelhanças entre ambos. Sylvia Saítta (2018, p. 99) estabelece possibilidade de diálogo entre os dois:

Si la no-ficción y la crónica, en todas sus variantes, pertenecen al mundo del periodismo, ¿qué sucede *en* la literatura cuando dialoga con el periodismo; cuando incorpora procedimientos, géneros y temas periodísticos en la narración ficcional; cuando construye al periodista como personaje ficcional? Mi hipótesis es que, en los momentos en que la literatura argentina del siglo veinte se politiza, una de sus estrategias es incorporar procedimientos y géneros periodísticos en la ficción, y que ésta es una de las maneras en que se pueden pensar, desde la literatura y no desde el periodismo, los vínculos entre literatura y prensa (grifo do autor).

Walsh é consciente dos recursos que utiliza em sua escrita e desenvolve uma crítica contundente sobre o papel da literatura e do jornalismo. Em seu primeiro romance-reportagem, utiliza a linguagem literária aliada à jornalística para desvendar a verdade do que aconteceu em 1956, com Livraga e seu grupo. Analisa os diferentes ângulos dessa trama política, mostrando todas as evidências e provando as alegações:

Pero yo he afirmado que él detuvo a esos hombres *antes* de entrar en vigencia la ley marcial. Y para determinar la hora en que se promulgó, no me he limitado a consultar los diarios del 10 de junio de 1956, que, unánimes, informan que se anunció a las 0.30 de ese día. He ido más lejos, he buscado el libro de locutores de Radio del Estado, y lo he fotocopiado, para probar, al minuto, que la ley marcial se hizo pública a las 0.32 del 10 de junio (WALSH, 2001, p. 136).

No entanto, não bastam essas provas. Walsh (2001, p. 136) ainda confirma com outra evidência incontestável:

Y cuando sostengo que el jefe de Policía detuvo a aquellos hombres una hora y media antes, y técnicamente un día antes, es decir a las 23 del 9 de junio, no acepte el lector mi palabra, pero acepte la del jefe de policía ante la Junta Consultiva:  
A LAS 23 HORAS ALLANÉ EN PERSONA ESA FINCA...

Não satisfeito em mostrar ao leitor as partes do relatório do chefe da polícia Fernández Suárez, o autor vai reproduzi-lo na íntegra para não restar nenhuma dúvida de que as provas estão todas aí corroborando a história de Livraga. Não é por acaso que a última parte de *Operación Masacre* se intitula: “La Evidencia”.

Para Saítta, quando a literatura argentina se politiza no século XX, passa a incorporar ferramentas do jornalismo. Walsh é um dos exemplos que a estudiosa utiliza para comprovar sua hipótese. Ela explica que muitos escritores ingressam no jornalismo como redatores,

colaboradores e publicam seus textos em diferentes jornais, que passaram a ser um meio massivo de divulgação literária.

Ao entrarem e passarem a escrever no jornal, muitos escritores acabam aliando suas práticas ao seu estilo jornalístico. Saítta (2018, p. 97) destaca “el impacto de estos escritores-periodistas en la invención o reformulación de los géneros periodísticos que, a lo largo del siglo veinte, ensayan diferentes cruces entre periodismo y procedimientos ficcionales”.

La escritura de *Operación Masacre* se despliega en el encuentro, el pasaje y la disonancia de dos formaciones discursivas diferentes, la literaria y la política, tramadas y confabuladas desde su inscripción primera, la práctica periodística, que legitima y promueve ese contacto. La circunstancia de haberse configurado a partir de las condiciones concretas que impone la actividad periodística le ha impuesto su huella de perpetua inquietud, de obra en constante reformulación (FERRO, 2017, p. 19).

Em outro texto, Sylvia Saítta mostra que, em 1973, um ano tão conturbado para a Argentina, Walsh intervém de diferentes formas: com a reedição de *Operación Masacre*, com a edição em formato de livro de *El Caso Satanowsky*, que havia sido escrito e publicado em notas em 1958 e, até este momento não tinha edição em livro, e, por fim, com a publicação do conto “Un oscuro día de justicia”, escrito em 1967.

A pesquisadora analisa que a decisão do autor argentino é política e o que ele procura é exatamente intervir “de manera elusiva pero a la vez precisa y puntual, en las problemáticas políticas e ideológicas que signan el año” (SAÍTTA, 2019, p. 198). O ano de 1973 marca a volta de Perón depois de 17 anos de exílio. Nesse período, a esquerda está em conflito, o peronismo encara disputas internas, os sindicatos estão em luta e se expandem os grupos armados ao longo de todo o território argentino. Estas decisões de Walsh, provam que, depois de *Operación Masacre*, o autor coloca seu compromisso político no horizonte de suas decisões.

Apesar de muitos estudiosos analisarem *Operación Masacre*, *¿Quién mató a Rosendo?* e *El Caso Satanowsky* sob o conceito de não-ficção, pensado a partir da publicação de *A Sangue Frio*, de Truman Capote em 1966, é preciso estender um pouco a definição. Parece mais produtivo pensar estes livros como romances-reportagem, pois eles englobam as duas definições e elas são complementares.

Walsh consegue unir estes dois conceitos, pois utiliza o relato testemunhal do romance e a investigação para chegar a todos os lados da questão. Daniel Link (2007), no texto “Un escritor en el límite” comenta:

Toda la obra de Walsh merecería ser leída en ese abismo que se abre entre el límite

(la vez penúltima, la que se cree final pero que no lo es) y el umbral (la verdadera última vez, porque se abre a un paisaje totalmente nuevo). Límite y umbral: de esas fronteras, y tal vez de la imposibilidad de atravesarlas de parte a parte, Walsh se declaró testigo todo el tiempo (todo su tiempo), separando en esferas que pintaba con diferentes colores lo que, para nosotros, es a todas luces una constelación novísima y definitiva en el firmamento.

Sobre os vínculos entre jornalismo e literatura, Saítta (2018, p. 98) ressalta que Walsh é um dos autores mais visados para estudar essa problemática. Na questão sobre ele ter criado ou não o gênero de não-ficção, esclarece:

la novedad que introducía Capote era la de *novelar*, dar forma de novela y editar de modo autónomo, como libro, un hecho policial verdadero. Considero que *Operación Masacre* efectivamente comparte algunas de las características formales de la no-ficción pero que se sostiene sobre lo que está en la base del periodismo de investigación, que es la denuncia política. Esto es: que Walsh utiliza procedimientos, contenidos semánticos, el uso del suspenso, que provienen del relato ficcional y los desplaza a la investigación periodística, que deviene así en denuncia política. Y porque hay denuncia política, no es literatura ni es ficción.

Neste ponto, se poderia distinguir os dois, pois o que Truman faz é romancear o fato que investigou, enquanto Walsh está preocupado com a denúncia política. Provavelmente a grande diferença reside no uso político que o autor argentino impregna no seu texto, que faz com que ele inclusive se afaste, durante alguns momentos, da literatura. O importante é a denúncia. O uso da máquina de escrever e do jornalismo efetivamente como uma arma. Interessante notar que esse uso político da literatura, que vai elaborar muitos anos depois, em sua entrevista a Piglia em 1970, já está esboçada em *Operación Masacre* em 1957.

*Operación Masacre* demonstra um cruzamento entre os dois, pois a partir de uma notícia, o autor recria essa história colocando nela elementos literários como a presença de um narrador. Além disso, o texto é um entrelaçamento de personagens que contam suas histórias a partir de diferentes pontos de vista o que capta a simpatia do leitor para com essas pessoas. Isso é um recurso típico da literatura e não do jornalismo:

*Operación masacre* inventa un formato en el cual se produce el cruce entre periodismo de investigación, la reconstrucción de los hechos y procedimientos típicos de la ficción como la construcción de un narrador, el uso de la primera persona, la narración de historias de vida, y, principalmente, los procedimientos del relato policial (SAÍTTA, 2018, p. 98).

Interessante ressaltar que para o próprio Walsh, *Operación Masacre* é uma exceção nesse embate entre a política e a literatura. Em 1972, ele escreve em seus papéis pessoais:

Mi relación con la literatura se da en dos etapas: de sobrevaloración y mitificación hasta 1967, cuando ya tengo publicados dos libros de cuentos y empezada una novela; de desvalorización y paulatino rechazo a partir de 1968, cuando la tarea política se vuelve una alternativa.

La línea de *Operación Masacre* era una excepción: no estaba concebida como literatura, ni fue recibida como tal, sino como periodismo, testimonio. Volví a eso con *Rosendo*, porque encajaba con la nueva militancia política (WALSH, 2012, p. 234).

Essa discussão vai permear a obra de Walsh e ele faz uma escolha consciente pelo jornalismo, pois ele é mais adequado aos objetivos que se propõe, mas nunca abandona seu estilo literário. Por isso a junção das duas linguagens em sua literatura de *testimonio* é tão relevante, pois permite que o escritor se misture com o jornalista investigativo e coloque a denúncia como preponderante na obra. Não será, dessa maneira, o romance burguês que o autor tanto critica, mas a arma que ele necessita para mostrar sua investigação, para que possa “tomar abiertamente partido dentro de la realidad” (WALSH, 2013, p. 512), com o intuito de influenciá-la e modificá-la.

Sua experiência como autor de policiais somada a sua experiência jornalística, abrem a Walsh a possibilidade de escrever *Operación Masacre*. Partindo de uma “historia increíble” (WALSH, 2001, p. 19), constrói um texto narrativo que conduz, por meio de suas personagens, dos fatos e das evidências, o leitor pela trama. Como jornalista e escritor, o argentino enfrenta diversos desafios que encara com coragem e determinação:

Así nace aquella investigación, este libro. La larga noche del 9 de junio vuelve sobre mí, por segunda vez me saca de “las suaves, tranquilas estaciones”. Ahora, durante casi un año no pensaré en otra cosa, abandonaré mi casa y mi trabajo, me llamaré Francisco Freyre, tendré una cédula falsa con ese nombre, un amigo me prestará una casa en el Tigre, durante dos meses viviré en un helado rancho de Merlo, llevaré conmigo un revólver, y a cada momento las figuras del drama volverán obsesivamente: Livraga bañado en sangre caminando por aquel interminable callejón por donde salió de la muerte, y el otro que se salvó con él disparando por el campo entre las balas, y los que se salvaron sin que él supiera, y los que no se salvaron (WALSH, 2001, p. 19).

Embora Walsh não se considerasse um escritor no início de sua trajetória, e sim um autor de policiais, depois de *Operación Masacre*, passa a entender cada vez mais seu papel como escritor e jornalista na defesa dos que não tem voz. Possivelmente por isso, em seu último texto, em que se misturam sua indignação e sua dor, se reconhece finalmente como escritor:

La censura de prensa, la persecución a intelectuales, el allanamiento de mi casa en el Tigre, el asesinato de amigos queridos y la pérdida de una hija que murió combatiéndolos, son algunos de los hechos que me obligan a esta forma de expresión clandestina después de haber opinado libremente como escritor y periodista durante casi treinta años (WALSH, 2021, p. 429).

Esse trecho abre a “Carta Abierta a la Junta Militar”, que foi escrita em “comemoração” ao primeiro aniversário do Golpe Militar na Argentina. Nela, Walsh vai mostrar dados sobre os crimes cometidos pela Junta Militar durante esse período. Ela é baseada em números reais publicados em diferentes meios, como *Cadena Informativa*, *ANCLA*, *Clarín*, *La Razón*, *Prensa Libre*, *Unión de los Bancos Suizos* e carta de presos.

El primer aniversario de esta Junta Militar ha motivado un balance de la acción de gobierno en documentos y discursos oficiales, donde lo que ustedes llaman aciertos son errores, los que reconocen como errores son crímenes y lo que omiten son calamidades (WALSH, 2021, p. 429).

Além do número de enfrentamentos, de corpos mutilados, de violações de direitos humanos, o escritor mostra os danos à política econômica: o congelamento de salários, o aumento da carga de trabalho, as demissões e as agruras que a população está sofrendo.

Cópias de suas “Carta” são enviadas por Walsh a redações, embaixadas, políticos, intelectuais e escritórios do governo no dia de sua morte, 25 de março de 1977. Foi seu último texto e o que mais repercussão teve. “Durante la dictadura, ningún medio nacional la publicó, pero circuló de mano en mano” (BOIDO, ALLENDE, 2017, p. 95). Nesse mesmo dia, depois de postar sua carta, o escritor foi emboscado por um “grupo de tareas” em uma esquina de Buenos Aires, e foi sequestrado. Nunca mais foi encontrado. Consta na lista de desaparecidos da Ditadura Militar Argentina.

Al momento de su secuestro, Walsh llevaba consigo el contrato de alquiler de su vivienda en San Vicente. Con esa información, los marinos saquearon el inmueble y se llevaron los papeles del escritor, que fueron vistos por un sobreviviente en el pañol de la Escuela de Mecánica de la Armada. Entre ellos, se encontraba el borrador del cuento “Juan se iba por el río”, que significaba su retorno a la ficción. Hasta la fecha, esos escritos no fueron recuperados, pese a las denuncias realizadas por los familiares. (BOIDO, ALLENDE, 2017, p. 96).

Antes da “Carta”, o jornalista já publicava suas denúncias sobre os centros de detenção montados pelos militares, bem como os assassinatos e as torturas. Foi o meio que o autor encontrou de enfrentar o terror de Estado. A fundação de *Cadena de Noticias* e de *ANCLA* teve justamente o objetivo de romper o silêncio imposto pela ditadura. Este último ano de vida de Walsh, em que a repressão era bastante intensa<sup>55</sup>, se combinaram com primor suas facetas de

---

<sup>55</sup> A repressão aumentou no final do governo de Perón e de Isabel Perón, mas com o golpe militar recrudescer na Argentina de modo generalizado.

jornalista, escritor e militante.

Como escreve Link (2007), Walsh é um escritor no limite entre o jornalismo e a literatura, entre o conto e a crônica, entre o escritor e o militante. E todas essas características formam o homem que não se rendeu diante do autoritarismo, que usou sua maior arma, seu texto, para lutar durante anos contra os desmandos dos governos que se sucederam na Argentina.

\*\*\*

Importante ressaltar que, tanto Cony quanto Walsh, eram escritores conhecidos quando começaram a trabalhar com fatos ligados às ditaduras de seus países. Cony já havia lançado livros, tinha recebido prêmios, escrevia crônicas e trabalhava como redator no *Correio da Manhã*. Inclusive na defesa que faz do jornalista, após as ameaças que sofreu quando publicou o texto “Revolução dos Caranguejos”, o jornal ressalta o lugar de destaque do autor no trabalho jornalístico e na literatura brasileira:

O CORREIO DA MANHÃ sente-se à vontade para prestigiar seu redator. Trata-se de autor de uma obra literária que vem merecendo o estudo crítico de nossos melhores ensaístas, e que, ainda em 1963, alcançou excepcional êxito com “Matéria de Memória”. Carlos Heitor Cony além de ser nosso cronista, passou por diversos postos de nossa redação: *copy-desk*, repórter internacional, editorialista e, atualmente, editor (CONY, 1964, p. 21).

Também Walsh tinha sido premiado por seus contos policiais, era um escritor e jornalista reconhecido e colaborava com várias revistas e jornais. Quando se deparou com a investigação que resultou no livro *Operación Masacre*, não duvidou na hora de expor os fatos. Posteriormente também denunciou outros crimes através de seus escritos. Apesar dos governos militares terem feito da mentira e da negação uma ferramenta de repressão, teve coragem de manifestar sua opinião por meio da literatura e do jornalismo.

É essencial destacar que os dois escritores decidem assinar os textos que publicam. No caso de Cony, suas crônicas são publicadas em sua coluna no jornal *Correio da Manhã*. Depois ele as reúne no livro *O Ato e o Fato*. Já a série de notas da investigação de *Operación Masacre* é veiculada primeiramente na revista *Mayoría* e depois em outros meios. Walsh acusa diretamente o chefe de polícia durante o texto, com coragem e determinação. Com relação à “Carta Abierta a la Junta Militar”, apesar de todos os perigos, ele assina o texto mesmo sabendo da violência que atravessava o país. Esse foi seu último gesto em vida.

Os dois afrontam os militares e são conscientes das graves implicações que advém desse enfrentamento. Cony enfrentou ameaças a sua vida e a de sua família, além de várias prisões. No entanto, para a Walsh, a consequência foi ainda mais cruel, a morte e o desaparecimento de seu corpo e de alguns de seus textos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Mais torturante que uma certeza triste é a dúvida  
duradoura que, a cada dia, renova a dor e a  
agiganta. E essa dor ganha relevo e cor quando  
os que são por ela atormentados se sentem  
impotentes para desfiar o cipoal de incertezas  
que os aflige.*

(Arquidiocese de São Paulo)

As ditaduras deixaram marcas profundas no Brasil e na Argentina. Os crimes cometidos foram muito e poucos foram os que tiveram a coragem de enfrentar publicamente os desmandos dos militares. Felizmente alguns conseguiram superar o medo e dar voz ao “cipoal de incertezas”. Carlos Heitor Cony e Rodolfo Walsh foram escritores que souberam utilizar a linguagem literária e jornalística para expressar seus posicionamentos diante dos regimes ditatoriais que enfrentaram, bem como conseguiram fazer com que outros tivessem seus dramas escutados.

Cony, a partir das páginas audaciosas do *Correio da Manhã*, estampou denúncias e conseguiu criticar direita e esquerda brasileira sempre usando bom senso e inteligência. Por meio de sua linguagem irônica, fez o leitor rir, mas também refletir sobre os primeiros meses da ditadura militar. Foi ameaçado e preso diversas vezes, desafio que ele enfrentou sempre literária e jornalisticamente:

Aproveito êste final de crônica para um recado às pessoas que me ameaçam, por carta ou por telefone: sou um homem desarmado, não tenho guarda-costas nem medo. Tenho, isso sim, uma obra literária que, bem ou mal, já me dá uma razoável sobrevivência. Êsse o meu patrimônio, essa a minha arma. Qualquer violência que praticarem contra mim terá um responsável certo: general Costa e Silva, Ministério da Guerra, Rio – e, infelizmente – Brasil (CONY, 1964, p. 50).

No entanto, Cony enveredou por outros caminhos. Optou por não seguir o texto de enfrentamento político direto que lhe fez famoso em 1964, ocasião em que muitos preferiram calar. Provavelmente Ênio Silveira tenha sido assertivo ao chamá-lo de “lobo solitário”, pois foi assim que Cony decidiu seguir sua longa carreira nas letras e na televisão. Sempre fiel a seu estilo sarcástico e irônico, que não o abandonou até o fim de seus dias.

No que concerne a Walsh, alguns estudiosos acreditam que a literatura e a política correm por caminhos separados em sua obra, no entanto, como jornalista e escritor, ele soube utilizar as ferramentas e os estilos dos dois para criar uma linguagem própria. Por intermédio dela, foi capaz de dar voz às histórias ocultas dos que buscavam justiça em tempos difíceis.

Em 1964, Walsh (2001, p. 220), refletindo sobre *Operación Masacre*, escreve que sua conquista é a de todos que acreditaram na verdade. “Fue una victoria sobreponerme al miedo que, al principio, sobre todo, me atacaba con alguna intensidad, y conseguir que ellos se sobrepusieran, aunque ellos tenían una experiencia del miedo que yo nunca podré igualar”. Esse ensinamento, o escritor vai levar para o resto de sua vida, pois soube superar o temor que se apresentou em mais de um momento em sua trajetória.

Seu último texto, a “Carta Abierta a la Junta Militar”, mescla denúncia e um estilo primoroso que não é nada mais nada menos do que o estilo de um escritor maduro que soube, como poucos, fazer de sua obra uma arma contra a ditadura. Lamentavelmente sua morte abreviou uma escrita que prometia ser longeva e sempre comprometida com a verdade.

Walsh é cheio de contradições. Mostra que durante boa parte de sua vida procurou encontrar a forma exata de contar a verdade. Nesse processo se reinventou, se escondeu, mas nunca parou de escrever. Nem o desaparecimento de seu corpo fez com que sua obra se tornasse efêmera. Pelo contrário, o número de livros e artigos sobre o autor, que seguem analisando seus textos e sua importância como intelectual, provam sua potência e relevância na literatura argentina. Apesar de tantos anos de sua morte seu legado permanece vivo.

Os dois escritores souberam marcar posição durante os períodos ditatoriais em que viveram. Foram capazes de utilizar as linguagens jornalística e literária para expor suas críticas e opiniões e, com isso, deram voz aos que não estavam sendo ouvidos. Cony e Walsh enfrentaram os desafios que se impuseram com coragem e conseguiram se destacar como verdadeiros intelectuais latino-americanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Gonzalo. Los intelectuales de la literatura: cambio social y narrativas de identidad. *In*: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. 1 ed. Buenos Aires: Katz Editores. 2010. p. 685-711.

ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina I**. 1 ed. Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. 1 ed. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

ALTAMIRANO, Carlos. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. *In*: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. 1 ed. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 9-28.

ALTAMIRANO, Carlos. **Intelectuales**. Notas de investigación sobre una tribu inquieta. 1 ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

ARAÚJO, Homero Vizeu. Com rima e sem solução: ato, fato e Pilatos. *In*: CONY, Carlos Heitor. **Pilatos**. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. p. 5-14.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. 41 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAYER, Oswaldo. Rodolfo Walsh: Tabú y Mito. *In*: WALSH, Rodolfo. **Operación Masacre**. 23 ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2001. p. 7-12.

BERGEL, Martín. Prácticas intelectuales y cultura vitalista em los orígenes del APRA peruano (1921-1930). *In*: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. 1 ed. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 301-324.

BERMÚDEZ, Ángel. As intervenções armadas lideradas por Cuba na América Latina. **BBC News Mundo**. 7 abr. 2019. Disponível em: [bbc.com/portuguese/internacional-47755548](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47755548). Acesso em: 20 fev. 2023.

BETHEL, Leslie. Política no Brasil sob a República Liberal, 1945-1964. *In*: BETHEL, Leslie (Org.). **História da América Latina: Volume X – A América Latina após 1930: Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. p. 385-464.

BOIDO, Federico; ALLENDE, Santiago. “Hágalo circular”. Periodismo, militancia y escritura en el último Walsh. *In*: FERRO, Roberto *et al.* **Rodolfo Walsh: Los oficios de la palabra**. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017. p. 91-96.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Editora Montessor. 2023.

BRAGANÇA, Maurício. Entre o boom e o pós-boom: dilemas de uma historiografia literária latino-americana. **Ipotesis**. Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 119-133, jan./jul. 2008.

BUENO, Raquel Illescas. **Os invólucros da memória na ficção de Carlos Heitor Cony**. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

CAJAZEIRO, Denílson. Pessach: a travessia? *In*: NOVA, Vera Casa (Org.). **Narrativas da Ditadura Militar**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 55-61.

CARPENTIER, Alejo. El periodista: un cronista de su tiempo. **Granma**, Havana, 15 jan. 1975. Disponível em: <http://www.proceso.com.mx/?p=224500>. Acesso em: 01 nov. 2022.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. **A ditadura militar e a grande imprensa**: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CONY, Carlos Heitor. **O Ato e o Fato**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

CONY, Carlos Heitor. **Pessach**: A Travessia. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

CONY, Carlos Heitor. [Entrevista concedida a] CARNEIRO, Raquel. “Muita gente ficou dentro do armário e hoje é vendida como herói da resistência”, diz Carlos Heitor Cony. **Veja**, São Paulo, 1 abr. 2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/coluna/meus-livros/muita-gente-ficou-dentro-do-armario-e-hoje-e-vendida-como-heroi-da-resistencia-diz-carlos-heitor-cony/amp/>. Acesso em: 09 set. 2022.

DI TELLA, Torcuato. **História Social da Argentina Contemporânea**. 2 ed. Brasília: FUNAG, 2017.

DUARTE, Lélia Parreira. Pessach: a travessia - narrativa especular. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 31-48, 1983.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FERRI, Claudia. A 61 AÑOS. El crimen de Marcos Satanowsky según Rodolfo Walsh. **La Izquierda Diario**, 13 jun. 2018. Disponível em: <https://www.laizquierdadiario.com/El-crimen-de-Marcos-Satanowsky-segun-Rodolfo-Walsh>. Acesso em: 07 jun. 2022.

FICO, Carlos. **O Golpe de 64**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

GANDOLFO, Elvio E. Los cuentos y la amenaza de la novela. *In*: FERRO, Roberto *et al.* **Rodolfo Walsh**: Los oficios de la palabra. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017. p. 59-64.

GARCIADIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. *In*: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. 1 ed. Buenos Aires: Katz Editores. 2010. p. 31-44.

GARRAMUÑO, Florencia. [Entrevista concedida a] ALEMIAN, Ezequiel. **Perfil**, 21 jun. 2009. Disponível em: <http://ezequielalemian.blogspot.com.ar/2010/02/entrevista-florencia-garramuno.html>. Acesso em: 08 jan. 2019.

GARRAMUÑO, Florencia. **La experiencia opaca**: literatura y desencanto. 1 ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2009.

GARRAMUÑO, Florencia. La opacidad de lo real. Belo Horizonte: **Aletria**, v. 18, p. 199-214, jul.- dez., 2008.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. 2 ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

GOBIERNO DE ARGENTINA. Rodolfo Walsh, la pluma inquebrantable. **Portal oficial del Estado argentino**, Buenos Aires, 7 jan. 2022. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/noticias/rodolfo-walsh-la-pluma-inquebrantable>. Acesso em: 18 mai. 2022.

KUSHNIR, Beatriz. Depor as armas: a travessia de Cony e a censura do partidão. *In*: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.) **Intelectuais, história e política** (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LIMA, Luiz Octavio de. **Anos de Chumbo**: a militância, a repressão e a cultura de um tempo que definiu o destino do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

LINK, Daniel. Un escritor en el límite. **Página 12**, Buenos Aires, 25 mar. 2007. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-3698-2007-03-25.html>. Acesso em: 26 out. 2022.

LUDMER, Josefina. Literaturas postautónomas. **Lehman College**, Nova Iorque. Disponível em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>. Acesso em: 02 jul. 2022.

LUPO, Rogelio García. El periodismo de Walsh. *In*: WALSH, Rodolfo. **El violento oficio de escribir**. 6 ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2021. p. 9-10.

MANGUEL, Alberto. Pasión por la verdad. *In*: FERRO, Roberto *et al.* **Rodolfo Walsh**: Los oficios de la palabra. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017. p. 5-6.

MESA, Rafael Yanes. La crónica, un género del periodismo literario equidistante entre la información y la interpretación. **Espéculo**, Madri, 21 de jun. de 2013. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero32/cronica.html>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MONIZ, Edmundo. Golpe e Revolução. *In*: CONY, Carlos Heitor. **O Ato e o Fato**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. p. 120-123.

NÚÑEZ, Jorgelina. Rodolfo Walsh. Los oficios de la palabra. *In: FERRO, Roberto et al. **Rodolfo Walsh**: Los oficios de la palabra.* 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017. p. 7-12.

PIETRO, Martín. **Breve Historia de la Literatura Argentina.** 1 ed. Buenos Aires: Taurus, Alfaguara, 2006.

POLETTI, Juarez. **História, memória e ficção em obras de Carlos Heitor Cony.** 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

PRADO, Maria Ligia. **História da América Latina.** 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

RAGENDORFER, Ricardo. El crimen que inspiró "¿Quién mató a Rosendo?", la lección periodística de Rodolfo Walsh. **Télam Digital**, Buenos Aires, 12 mai. 2022. Disponível em: <https://www.telam.com.ar/notas/202205/592360-rosendo-garcia-walsh-avellaneda-muerte-ragendorfer-sindicalista.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

REDONDO, Nilda Susana. **El compromiso político y la literatura: Rodolfo Walsh, 1960-1977.** Santa Rosa: Universidad Nacional de Quilmes: Ediciones Amerindia, 2001.

REYDÓ, Nicolás. Apuntes biográficos. *In: FERRO, Roberto et al. **Rodolfo Walsh**: los oficios de la palabra.* 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017. p. 13-15.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuales brasileños en las décadas de 1960 y 1970: cultura y revolución. *In: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina II.*** 1 ed. Buenos Aires: Katz Editores. 2010. p. 372-394.

RUIVO, Marina Silva. **Uma certa maneira de desejar a liberdade:** caminhos da literatura de Carlos Heitor Cony no pós-1964. 2012. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SAÍTTA, Sylvia. Dos a quererse. Literatura argentina y periodismo en el siglo veinte. **CELEHIS**, Mar del Plata, Año 27, N. 36, p. 95-105, 2018.

SARLO, Beatriz. Intelectuales: ¿escisión o mimesis?. **Punto de Vista**, Buenos Aires, n. 25, p. 1-6, dez. 1985.

SCHULIAQUER, Tomás. El reverso de los hechos. *In: FERRO, Roberto et al. **Rodolfo Walsh**: Los oficios de la palabra.* 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017. p. 43-51.

SECRETARÍA DE DERECHOS HUMANOS. Informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas. **Nunca Más.** 8 ed. Buenos Aires: Eudeba, 2007.

SEONE, María. Peronismo. **Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe.** São Paulo, 26 abr. 2017. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/es/espanol-peronismo>. Acesso em: 17 abr. 2022.

SILVEIRA, Ênio. A Farsa de Abril ou O Mito da Honradez Cívica. *In*: CONY, Carlos Heitor. **O Ato e o Fato**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1964. p. IX-XVI.

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária**: polêmicas, diários & retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

TRONQUOY, Andrés. Rodolfo Walsh y el dilema literario. *In*: FERRO, Roberto *et al.* **Rodolfo Walsh**: los oficios de la palabra. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2017. p. 55-57.

VANNUCCHI, Edgardo. Sobre Haroldo Conti. **Centro Cultural de la Memoria Haroldo Conti**, Buenos Aires. Disponível em: <http://conti.derhuman.jus.gov.ar/areas/institucional/sobre-haroldo-conti.php>. Acesso em: 08 abr. 2023.

WALSH, Patricia. Entrevista a Patricia Walsh, a 40 años del asesinato de Rodolfo Walsh. [Entrevista concedida a] Télam. **Bitácora**, Montevideú. Disponível em: <http://www.bitacora.com.uy/auc.aspx?8876,7>. Acesso em: 30 mai. 2022.

WALSH, Rodolfo J. **Ese hombre y otros papeles personales**. 3 ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2012.

WALSH, Rodolfo J. **Operación Masacre**. 23 ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2001.

WALSH, Rodolfo. [Entrevista concedida a] PIGLIA, Ricardo. Hoy es imposible en la Argentina hacer literatura desvinculada de la política. *In*: WALSH, Rodolfo. **Cuentos Completos**. 2 ed. Buenos Aires: De la Flor, 2013.

WALSH, Rodolfo. **Cuentos Completos**. 2 ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2013.

WALSH, Rodolfo. **El violento oficio de escribir**. 6 ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2021.